

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**A FORMAÇÃO INTELECTUAL DA ELITE SERGIPANA
(1822-1889)**

Eugênia Andrade Vieira da Silva

São Cristóvão-Sergipe

2004

Dissertação de Mestrado

Eugênia Andrade Vieira da Silva

**A FORMAÇÃO INTELECTUAL DA ELITE SERGIPANA
(1822-1889)**

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento.

São Cristóvão-Sergipe

2004

FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA. Eugênia Andrade Vieira da.
V657p A Formação Intelectual da Elite Sergipana (1822-
1889). Orientação Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento. São
Cristóvão : s. Ed., 2004.
92 p.

Dissertação apresentada ao núcleo de Pós Graduação em
Educação da UFS como requisito parcial à obtenção do título de
mestre em Educação.

1. Sergipe – Intelectuais Monárquicos (1822-1889) I. Título
SE
323.329 (812.7) “1822-1989”

**A FORMAÇÃO INTELECTUAL DA ELITE SERGIPANA
(1822-1889)**

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM
10 de maio de 2004.

Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento – Orientador
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Fábio Maza
Universidade Federal de Sergipe

Profª Drª Lúgia Bellini
Universidade Federal de Bahia

Ao Prof. Jorge Carvalho, pela sua generosidade intelectual, sem a qual não conseguiria fazer esta dissertação.

O patinho feio não se transformou em um belo cisne, mas adquiriu algumas penas.

AGRADECIMENTOS

Em uma dissertação de mestrado, agradecer se torna um ato de pura gratidão a àqueles que, no período do curso, fizeram parte do dia-a-dia de uma árdua jornada de aulas, leituras e escrita. Sem esses amigos, certamente não seria possível chegar ao fim. É através deles que a vida se torna mais fácil de ser vivenciada.

A Mário, por ter-me apresentado ao Prof. Jorge Carvalho. A decepção não deve apagar o fato.

A Patrícia, Bárbara, Poliana e Patrícia Moraes, pela coleta de dados.

A Ana Medina pela cópia do dicionário de Armindo Guaraná, fonte principal da minha dissertação. Só uma amiga rara tiraria cópia de uma obra rara.

À Dona Iracema Dória, pelo acesso ao arquivo de seu pai, Epifânio Dória. Seu carinho desarmou minha rudez.

A Ivone, pelo seu profissionalismo e amizade, pesquisando nos manuscritos e digitando o banco de dados. Espero vê-la em breve, cursando licenciatura em História.

A Verônica Diniz Franco Oliveira, ex-diretora do Arquivo Geral do Judiciário, que gentilmente me cedeu um computador para transcrever os manuscritos.

A Dr. João Salgado de Carvalho Filho, ex-secretário da Secretaria de Estado da Administração, pela compreensão, liberando-me para participar da seleção, freqüentar aulas e eventos do mestrado.

A Carla, pela revisão das transcrições e do texto da qualificação. Sua amizade e presença no AGJ é reconfortante.

A Josefa Eliana, minha professora de história do segundo grau em Itabaiana, que através dos longos telefonemas, ouvia-me com paciência e carinho pela madrugada paulista

afora, incentivando-me e dando sugestões.

A Luiz Antonio Barreto, pela indicação e acesso às publicações sergipanas do início do século XX. Como sempre, de portas abertas, disponibilizando seu acervo a todos que o procuram. Partilhamos do pensamento de que documento histórico, sem ser pesquisado, se torna-se em papel velho, sem nenhuma importância.

A Verônica Nunes, pelo empréstimo de livros, leitura de textos e, principalmente, pelo incentivo nas horas de desânimo diante de tanto dados a analisar.

A Otília, pronto-socorro nas muitas vezes que precisei de um documento específico.

Ao Sr. Gustavo do IHGS, pela gentileza, atenção e carinho.

A Pedrinho da Biblioteca Pública Epifânio Dória, pelo acesso as teses dos médicos sergipanos do século XIX.

A Prof^a Anamaria Bueno, pelo empréstimo de livros e textos, pelas sugestões na qualificação. Sua amizade me engrandece intelectualmente.

Ao Prof. Fabio Maza pelas sugestões na qualificação.

Às amigas e colegas de mestrado, Magali e Raylane, ouvintes nas horas de aflição, tendo sempre uma palavra de apoio e carinho.

A Vera, pela paciência com a minha impaciência. Grata pelas sugestões e principalmente pela amizade.

A Emilinha, pela ajuda com os computadores e o apoio carinhoso de amiga.

A Dr. Manuel Pascoal Nabuco D'Ávila, presidente do Tribunal de Justiça, pela dispensa de um dos turnos de trabalho para que eu pudesse terminar a dissertação.

A Suenilde, que revisou e deu leveza à minha escrita, além das lições de gramática.

A meu irmão Heleno, pelo socorro informático e seu amor de mano.

A meu irmão João, por ser o meu amparo nesta vida.

A meu irmão Edésio, pelo seu silencioso amor fraterno.

A Éster, pelo apoio e carinho.

Ao Professor Jorge Carvalho não apenas faço meu agradecimento, como lhe dedico o trabalho.

SUMÁRIO

Lista de Gráficos	xi
Lista de Quadros	xii-xiii
Lista de Abreviaturas	xiv
Figura	xv
Resumo	xvi
Abstract	xvii
INTRODUÇÃO	1-13
CAPÍTULO I	14-40
1- CARACTERIZAÇÃO DOS INTELECTUAIS MONÁRQUICOS SERGIPANOS	
1.1- Formação Acadêmica	14-37
1.2- Itinerários	38-40
CAPÍTULO II	41-82
2- A <i>INTELLIGENTSIA</i> SERGIPANA	
2.1- Composição da <i>Intelligentsia</i> Sergipana	41-43
2.1.1- Elite Acadêmica Sergipana Com Formação Superior	43-46
2.1.2- Elite Acadêmica Sergipana Sem Formação Superior	46-53
2.2- Trajetória da <i>Intelligentsia</i> Sergipana	53-62
2.3- Atuação na Área Educacional da <i>Intelligentsia</i> Sergipana	63-71
2.3.1- Sergipanas Intelectuais	71-74
2.4- Legitimação da <i>Intelligentsia</i> Sergipana	74-82
CONCLUSÃO	83-88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89-92
ANEXO	
Relação dos Intelectuais Sergipanos do Período Monárquico	i-x

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Obras biográficas de base para a análise dos intelectuais sergipanos	17
GRÁFICO 2	Itinerários dos intelectuais monárquicos sergipanos	39
GRÁFICO 3	Formação acadêmica dos intelectuais emigrados monárquicos sergipanos ...	39
GRÁFICO 4	Elites acadêmicas sergipanas do período monárquico	43
GRÁFICO 5	Trajetória da <i>intelligentsia</i> sergipana do período monárquico	54
GRÁFICO 6	Composição do magistério sergipano do período monárquico quanto à formação acadêmica	68

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Principais centros brasileiros de formação superior freqüentados pela intelectualidade sergipana no período monárquico	19
QUADRO 2	Estudantes sergipanos formados em instituições de ensino superior brasileiras e estrangeiras no período monárquico.....	20
QUADRO 3	Locais de origem dos intelectuais de Sergipe no período monárquico	22
QUADRO 4	Estrutura familiar dos intelectuais sergipanos no período monárquico	23
QUADRO 5	Atividade econômica e profissional dos pais dos intelectuais em Sergipe no período monárquico	25
QUADRO 6	Prestação de contas de gastos com a tutela de Pedro Muniz Barretto no Colégio Dois de Dezembro	26
QUADRO 7	Prestação de contas de gastos com Pedro Muniz Barretto no Colégio Parthenon Sergipense	27
QUADRO 8	Instituições sergipanas de instrução secundária que funcionaram o período monárquico	31
QUADRO 9	Localização das instituições de instrução secundária formadoras dos sergipanos durante o período monárquico	33
QUADRO 10	Instituições educacionais brasileiras nas quais estudaram os intelectuais sergipanos no período monárquico	34
QUADRO 11	Relação nominal das instituições educacionais estrangeiras de instrução secundária e superior no período monárquico	36
QUADRO 12	Faixa-etária de colação de grau dos intelectuais sergipanos com formação superior no período monárquico.....	37
QUADRO 13	Composição da elite acadêmica sergipana com formação superior no período monárquico.....	44
QUADRO 14	Conta das despesas feitas com a criação e educação do menor Amancio Bispo de Sá	48
QUADRO 15	Composição da elite sergipana acadêmica sem formação superior no período monárquico	53
QUADRO 16	Intelectuais sergipanos com formação acadêmica superior no período monárquico	54
QUADRO 17	Relação dos professores que fazem parte da <i>intelligentsia</i> sergipana no período monárquico	64
QUADRO 18	Ocupação dos intelectuais que fizeram o curso em humanidades no período monárquico	66
QUADRO 19	Formação acadêmica do magistério provincial sergipano sem formação superior no período monárquico	68
QUADRO 20	Eclesiásticos-professores no período monárquico	69
QUADRO 21	Relação dos professores do Atheneu Sergipense que faziam parte da <i>intelligentsia</i> sergipana no período monárquico	69
QUADRO 22	Cargos educacionais exercidos pelos educadores da <i>intelligentsia</i> sergipana no período monárquico	70
QUADRO 23	Dados sobre a formação acadêmica das intelectuais sergipanas no período monárquico	74

	Cargos do funcionalismo público administrativo no período monárquico..	77
QUADRO 24		
QUADRO 25	Cargos do funcionalismo público da educação no período monárquico	81
QUADRO 26	Estratégias de acesso dos desafortunados aos cursos superiores no período monárquico	82
QUADRO 27	Contas das despesas feita com o crioulo Mathias do menor Amancio Bispo de Sá	85

FIGURA

Figura 01	Propaganda do Colégio Parthenon	80
-----------	---------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS

AGJ: Arquivo Geral do Judiciário.

IHGS: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

AGJ/SE - LAR/C. 1º OF. Arquivo Geral do Judiciário/Sergipe – Laranjeiras/Cartório do 1º Ofício.

AGJ/SE. EST./C. 2º OF. Arquivo Geral do Judiciário/Sergipe – Estância/Cartório do 2º Ofício.

AGJ/SE. AJU./C. 2º OF. Arquivo Geral do Judiciário/Sergipe – Aracaju/Cartório de 1º Ofício.

BPED: Biblioteca Pública Epifânio Dória.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a formação da intelectualidade sergipana durante o Império, objetivando comprovar que ela se originou no período imperial e não no republicano.

Para tanto, foi estudado o envio de estudantes sergipanos aos centros educacionais brasileiros e a europeus, pela elite da Província, durante o período de 1822 a 1889, época que marca a formação de uma identidade sergipana e nacional e sua atuação como intelectuais em Sergipe, construindo assim o campo intelectual sergipano.

Para análise da formação dessa intelectualidade, foram selecionados quatrocentos (400) nomes reconhecidos e legitimados pela sociedade sergipana como intelectuais.

Palavras-chave: Sergipe, elite, intelectual, perfis biográficos, Império.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze Sergipe's intellectual formation during the empire period as well as to prove that the origin of that intellectuality was in that period and not in the republic. For that, it was observed the sending of Sergipanos students by the Province elite to educational Brazilian centers as well as European centers between 1822 and 1889. That time marks Sergipe's identity as well as the national identity and also their performance as intellectuals in Sergipe, contributing, this way, to build up Sergipe's intellectual profiles. To deeply analyze this intellectuality, it has been selected 400 (four hundred) names which have been recognized and legitimated by Sergipe's society as intellectuals.

Key words: Education; Sergipe, elite, intellectual, biographic profiles, Empire.

INTRODUÇÃO

A idéia de estudar a formação da intelectualidade sergipana surgiu através do contato, no Arquivo Geral do Judiciário, com os inventários e prestações de contas da família Muniz Barretto. Esses documentos apresentam dados sobre a formação acadêmica de uma típica família de senhores de engenho do século XIX, representantes legítimos da elite açucareira sergipana. Nessas fontes, estão descritas, discutidas e valoradas, com riqueza de detalhes, as despesas com educação das primeiras letras até o nível superior, a educação diferenciada entre os sexos e o destino profissional, social e econômico de seus membros.

Diante da relevância das informações contidas nesses documentos, busquei, no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe, subsídios teóricos que fornecessem condições a fim de analisá-los cientificamente. Foi esse contato com o já referido curso de mestrado que me fez sentir a necessidade de acrescentar algumas outras fontes, tais como: dicionários biobibliográficos, relatórios de presidentes da Província sergipana, memórias sobre os intelectuais sergipanos do período estudado, jornais, revistas, além de uma atualizada bibliografia sobre o tema.

O marco temporal, 1822-1889, delimita o espaço histórico do período monárquico brasileiro, quando a consciência sobre a nação foi formada, tendo como agentes atuantes os intelectuais diplomados. Inicialmente, esses intelectuais eram formados no exterior, mas, aos poucos, passaram a ser formados nos cursos superiores implantados no Brasil. Nesses estavam os sergipanos que iram compor a *intelligentsia* sergipana, juntamente com outros que, mesmo sem formação acadêmica superior, atuaram e foram reconhecidos como intelectuais.

Os cursos superiores foram criados, no Brasil, em 1827, com a implantação dos cursos jurídicos em Olinda e em São Paulo. Em 1832, surgiram as faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e Bahia, destinadas a formar brasileiros para os quadros administrativos da nova nação. Com o crescimento da produção açucareira em Sergipe, aumentou o número de jovens sergipanos que buscavam as escolas superiores do país ou da Europa, sendo eles, em sua maioria, filhos da elite econômica. As faculdades brasileiras, no Império, legitimavam a atuação dos intelectuais com formação superior que, através da ocupação de cargos no poder

público e publicações de caráter científico, político, literário, religioso e social, constituíram o campo intelectual no Brasil.

Em 8 de julho de 1820, Sergipe tornava-se uma Capitania, quando separou-se da Bahia, surgindo, com isso uma identidade sergipana de fato e de direito. A demarcação temporal, para o início desse trabalho, situa-se logo após a essa separação, o ano de 1822, quando, com base na composição da intelectualidade sergipana, será analisada a formação dos intelectuais que atuaram na recém-criada Capitania. A pretensão é estudar o envio de estudantes, pela elite da Província sergipana, aos centros educacionais brasileiros e europeus, de 1822 a 1889, época que marcou a formação de uma identidade sergipana e nacional.

As hipóteses levantadas e analisadas neste trabalho estão ancoradas em duas áreas: a formação acadêmica e a construção do campo intelectual sergipano, ambas remetendo ao período imperial. A primeira hipótese é a de que a intelectualidade sergipana foi formada ainda durante o Império e não na República. A segunda é a de que existia, em Sergipe, no período monárquico, uma rede de instituições escolares particulares e públicas. A terceira refere-se às faculdades imperiais de Medicina, da Bahia, e de Direito, do Recife, como matrizes comuns dos intelectuais sergipanos. A quarta entende que a emigração dos intelectuais sergipanos para os grandes centros urbanos do Império (Bahia, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo) em busca de espaço para atuarem como intelectuais se deu em pequena escala e não na proporção imaginada pelos estudos existentes. A quinta hipótese é a de que a elite intelectual sergipana, portadora de nível superior, concentrava mais os formados nos cursos de Medicina que nos de Direito, diferenciando-se assim da elite intelectual brasileira que era representada pelos egressos dos cursos de Direito. E a sexta, de que a *intelligentsia* sergipana foi composta tanto por intelectuais com ou sem formação superior.

Nesse trabalho, construindo perfis biobibliográficos, mapearei o processo de formação acadêmica dos sergipanos que irão constituir a elite intelectual de Sergipe. Para tanto, selecionei 400 nomes reconhecidos pela sociedade sergipana da época como intelectuais e biografados por Manuel Armindo Cordeiro Guaraná¹, em seu *Diccionario bio-*

¹ Nasceu em São Cristóvão, em 1848. Filho de Theodoro Cordeiro Guaraná, advogado provisionado, e de Andreína Muniz de Menezes Guaraná. Faleceu em 1924, aos 76 anos de idade, em Aracaju. Formado pela Faculdade de Direito do Recife, em 1867, aos 23 anos de idade. No período imperial, ocupou os seguintes cargos: Promotor Público das Comarcas: de São Cristóvão em 1872/1874-1878, de Itabaiana em 1873, de Estância em 1881; Secretário da Província do Piauí, em 1878 e da Província do Ceará em 1882; Chefe de Polícia, Lente interino de Latim do Lyceu Piauiense, em 1878; Procurador Fiscal da Tesouraria Provincial de Sergipe, em 1879; Juiz de Direito de Oeiras, antiga capital do Piauí, em 1882, e de Itabaiana, em 1884. Em 1902, foi Juiz Federal no Ceará; foi Desembargador do Tribunal de Justiça do Espírito Santo, em 1890; Sócio fundador e honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Sócio correspondente do Instituto

bibliographicosergipano, por Liberato Bittencourt², na obra *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*, por Cândido da Costa³ e Silva, no livro *Os segadores e a messe: o clero oitocentista na Bahia* e por Epifânio Dória⁴, em *Notas Biográficas*⁵ publicadas nos jornais sergipanos.

O método utilizado foi o qualitativo e o quantitativo, por melhor se adequar ao objeto de pesquisa. A revisão da literatura, sobre a educação brasileira e sergipana no Império, forneceu subsídios importantes para compreender a formação educacional sergipana. O levantamento de jornais, as leituras dos artigos publicados sobre os intelectuais sergipanos, permitiram analisar o pensamento da elite intelectual. Nos inventários judiciais e ações de prestação de contas de tutoria, nas cidades sergipanas de projeção econômica, social e política, obtive, através da análise quantitativa e qualitativa dos dados, informações detalhadas sobre quem enviava esses sergipanos para que estudassem fora (pai, mãe, tutor, padre), com que objetivo (estudar o que e para que), os trâmites legais (quais os instrumentos legais que legitimavam tal prática) e as despesas com a educação (enxovais, escravos, livros, moradia, alimentação, saúde). Para a sistematização das informações detalhadas acima, utilizei uma ficha de coleta de dados para a composição de um banco de informações. Os dicionários biobibliográficos forneceram os dados básicos sobre os intelectuais sergipanos, do nascimento à trajetória profissional, com os quais formei os perfis biobibliográficos.

Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, sócio do Instituto do Ceará e sócio de várias associações. Colaborou em diversos jornais de Sergipe e de outros Estados.

2 Major de artilharia, bacharel em matemática e ciências físicas, engenheiro militar, lente e instrutor de estradas da Escola Militar, diretor do Ginásio Federal, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e correspondente do da Paraíba e do de Pernambuco, condecorado com a medalha de mérito científico, de 1ª classe, da academia de Palermo e com a medalha de prata de mérito militar. Dedicou o livro a sua esposa, de quinze anos, nascida em Sergipe.

3 Baiano de Paripiranga, doutourou-se em História, pela Universidade de São Paulo, em 1993. Foi professor adjunto no Departamento de História da Universidade Federal da Bahia (1976-1999). Em 1982, *publicou Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*.

4 Nascido na fazenda do Barro Cahido, no município de Tobias Barreto, em 1884. Filho do Capitão José Narciso Chaves de Menezes e de Josepha da Fonseca Dória. Frequentou escola primária no povoado Poço Verde e na Vila de Campos. Não dispondo de recursos financeiros para prosseguir seus estudos, adquiriu conhecimentos por meio de leituras. Trabalhou em casas comerciais de parentes em Tobias Barreto e Boquim. Durante o ano de 1899, manteve, em Boquim, um internato para o ensino primário. Exerceu os seguintes cargos: Promotor Público de Boquim, em 1907; Amanuense da 2ª Seção da Secretaria do Governo de Sergipe; Bibliotecário e depois Diretor da Biblioteca Pública de Sergipe de 1914 a 1943; exerceu, cumulativamente, em 1937, as funções de Secretário da Justiça e Negócios Interiores, Secretário da Fazenda, Secretário da Agricultura, Indústria, Viação e Obras, Diretor do Arquivo Público de Sergipe, Presidente da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo. Foi Deputado Estadual em 1935. Foi Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, organizador do Gabinete de Leitura de Maruim, membro titular da Academia Sergipana de Letras, membro correspondente das Academias de Letras da Paraíba de Petrópolis, do Piauí e do Rio Grande do Sul. Foi um dos fundadores do Rotary Clube de Sergipe, da Sociedade Beneficente dos Funcionários Públicos e do Clube Literário Progressista de Boquim. Colaborou em diversos jornais sergipanos. Autor das Efemérides Sergipanas, publicadas no Jornal do Povo e no Sergipe Jornal. Faleceu na cidade de Aracaju, em 1976, aos 92 anos de idade.

5 Denomino de Notas Biográficas um conjunto de artigos do autor, referentes à genealogia sergipana. Esses artigos receberam diversas denominações (crônicas, efemérides, reminiscências, notas), publicadas nos jornais sergipanos no século XX. Fonte: Arquivo Particular de Epifânio Dória. Aracaju – Sergipe.

Nas fontes primárias, encontrei indícios da formação desses intelectuais, sem, contudo, perder a perspectiva de que aquilo:

(...) que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada, quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores⁶.

Assim, no primeiro capítulo, procurei caracterizar o grupo, sob o aspecto acadêmico, ponto de partida da construção mental da intelectualidade. Para tanto, procurei identificar o *locus* de formação acadêmica das primeiras letras ao curso superior, a procedência social e, com ela, as redes de interdependências, a trajetória profissional e conhecer, mesmo que superficialmente, a produção intelectual desses personagens, afim de visualizar os indícios da pertinência deles no grupo e, com ela, as adesões e exclusões e defino as categorias de análise da trajetória desses intelectuais que vão compor o ciclo de vida profissional e determinar específicas configurações.

No segundo capítulo, analiso o subgrupo originário do grupo dos quatrocentos, que compõe o objeto de análise - a *intelligentsia* sergipana. Quem foram eles, quais suas especificidades, que espaços profissionais ocuparam e como ocorreu o processo de legitimação.

A seleção de determinados agentes sociais, visando compor uma amostragem de um grupo social e, com isso, traçar perfis biobibliográficos, com o objetivo de conhecer determinado aspecto do grupo, como é o objetivo desse trabalho, diminui, substancialmente o que Antonio Cândido chamou de risco analítico das biografias, ou seja:

Se pensarmos na biografia de cada um, caímos na singularidade dos casos e chegamos à conclusão inoperante de que nenhum é igual aos outros; e, ao respeitar a integridade do indivíduo, desistimos de entender. Se subirmos ao raciocínio genérico, dissolvendo os indivíduos na categoria, podemos manipular a realidade total com certo êxito, mas atropelamos demais a verdade singular⁷

A finalidade analítica dessa amostragem não é avaliativa ou valorativa, mas, sim, verificativa, com isso, não incorro no erro, que alguns historiadores que trabalham com biografias de:

6 LE GOFF, Jacques. 1984. "Documento/Monumento". In: Enciclopédia Einaudi. *Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v.1.p. 96.

7 MICELI, Sergio. 2001. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras. p.7 2.

(...) misturar desde o começo do raciocínio a instância de verificação com a instância de avaliação. O papel social, a dependência burocrática, a tonalidade política – tudo entra de modo decisivo na constituição do ato e do texto de um intelectual. Mas nem por isso vale como critério absoluto para os avaliar. A avaliação é uma segunda etapa e não pode decorrer mecanicamente da primeira⁸.

Mediante essas considerações, busquei, ao caracterizar os indivíduos nos campos de análise: nome do intelectual, biógrafo, nº da página do dicionário/obra, filiação, data de nascimento, naturalidade, local do nascimento, data de falecimento, idade com que faleceu, local de falecimento, atividade do pai, estudos/Províncias, ensino superior, ano de formatura, idade de formado, tese, formação acadêmica, profissão, trajetória profissional, cargos exercidos, cargos exercidos na área de educação, categorias de análise - emigrados, regressos, itinerantes e fixados -, publicações intelectuais, publicações intelectuais na área de educação, publicações em jornais, além do campo denominado de observações, obter, sobre eles, dados concretos, de modo a poder fazer determinadas afirmações, muitas das quais, contrárias ao que está posto pela historiografia sergipana.

Para afirmar que a intelectualidade sergipana foi um advento republicano, é necessário conhecer os agentes sociais do período anterior, ou seja, do período imperial sergipano, para, então, ser possível concluir que os iletrados detinham apenas o poder econômico e político, sem nenhuma vinculação com o campo intelectual, o que de imediato parece algo paradoxal, pois, a suposição é de que ninguém chega a ocupar uma determinada posição de mando na sociedade sem que se utilize a capacidade mental, aqui denominada de inteligência.

Diante do exposto, fica evidente que um grupo social pode ser caracterizado através de vários ângulos, mas, ao se optar por um deles, faz-se necessário estar atento para não tomá-lo como sendo o único capaz de retratá-lo. A opção foi, neste trabalho, caracterizar a elite intelectual, nascida sergipana, através do processo de formação dos seus agentes.

O que é, na verdade, uma elite, senão um grupo com determinadas características que se sobrepõem a outros grupos? Para melhor entender e conceituar o que é elite, recorro ao conceito estabelecido por Barata e Bueno:

(...) designa um pequeno grupo que, num conjunto mais vasto – religioso, cultural, político, militar, econômico, social ou outro – é tido como superior

8 MICELI. op. cit. p. 73-74.

pelas suas funções de mando, de direção, de orientação ou de simples representação⁹.

Contudo, não podemos perder de vista a noção dada por Mills de que existem várias elites que se ligam intrinsecamente, formando um grupo, denominado por ele de elite do poder.

Pouco nos esforçamos para formar um quadro coerente da elite com um todo. Mesmo quando, muito ocasionalmente, tentamos isso, habitualmente chegamos a acreditar que ela não é um ‘todo’; que, como as imagens que dela fazemos, não há uma elite e sim muitas, e que estas não são realmente ligadas entre si¹⁰.

Acrescenta ainda Mills que o fato de não ser vista a totalidade da elite, resulta “(...) apenas de nossa falta de rigor analítico”¹¹. Seguindo essa análise, concebo a elite intelectual sergipana como sendo composta por vários grupos constituidores, oriundos de diferentes elites profissionais, que contribuíram para a formação de uma totalidade.

A este quadro conceitual, que serve para caracterizar a elite, busco acrescentar a compreensão do conceito de intelectual, incorporando o entendimento de Bourdieu: uma fração dominada da classe dominante, pois são dominantes por serem possuidores do poder e dos privilégios fornecidos pelo capital cultural e dominados nas suas relações com os detentores do poder político e econômico, tendo, porém, mobilidade, pois “(...) eles podem colocar esse poder a serviço dos dominantes. Eles também podem, de acordo com a lógica de sua luta no interior do campo do poder, colocá-lo a serviço dos dominados no campo social (...)”¹². Para Bourdieu, os limites do campo intelectual não estão ainda claramente definidos, tornando-se difícil “(...) saber quem é intelectual e quem não é, quem são os verdadeiros intelectuais, aqueles que verdadeiramente realizam a essência do intelectual”¹³.

Outros autores, como Eco, não manifestam esse mesmo tipo de dificuldade quando discutem o conceito de intelectual: “Para mim ‘intelectual’ é quem exerce uma atividade criativa nas ciências ou nas artes (...)”¹⁴. Ele considera que a principal função desse grupo é a de exercer a condição de consciência crítica. Segundo ele, o intelectual deve existir para incomodar. Tomando os parâmetros interpretativos de Eco, mesmo sem explicitá-lo,

9 BARATA, Carlos Almeida e BUENO, Antonio Henrique Cunha. 1999. *Dicionário das famílias brasileiras*. São Paulo. Projeto Cultural e Coordenação Geral: Ibero América.

10 MILLS, C. Wright. 1975. *A elite do poder*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. p. 25.

11 Idem. p. 25.

12 BOURDIEU, Pierre. 1990. *Coisas ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense. p.176.

13 Idem. p. 173.

14 ECO, Umberto. 2003. “A função dos intelectuais”. *Época*. São Paulo. nº 246. fev.

Carvalho¹⁵ considera que são os jornalistas e professores aqueles que mais se aproximam dessa condição no período do Brasil monárquico. São eles que, sob a sua ótica, constituem o núcleo formador da elite intelectual brasileira. Essa compreensão coincide com aquilo que Mannheim chamou de *intelligentsia*, por serem eles capazes de criticar os valores e instituições vigentes.

Do modo como este trabalho opera, também ganha relevo o conceito de intelectual proposto por Sirinelli, englobando duas acepções: “(...) uma ampla e sócio-cultural, composta pelos criadores e os mediadores culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento”¹⁶. Na primeira, estão os que participam da criação artística e literária ou do progresso do saber e os que contribuem para difundir os conhecimentos dos criadores. Na segunda, leva-se em conta a participação do intelectual na vida de sua cidade, envolvido nos problemas cotidianos. Para ele, todo estudo exaustivo do meio intelectual deveria basear-se nessa definição.

Proposições como as de Sirinelli¹⁷ são compatíveis com o modo como foi composta uma das principais fontes utilizadas nesse estudo: o *Diccionario Bio-Bibliográfico Sergipano*, de Manoel Armindo Cordeiro Guaraná. Este autor contemplou não apenas aqueles que tiveram formação superior, mas também todos aqueles legitimados como intelectuais através da pertença a instituições, pela circulação e reconhecimento social por outros intelectuais estabelecidos¹⁸ ou pelos trabalhos que produziram.

Epifânio Dória, na sua coluna “Chronica do dia” expôs, por ocasião da morte do músico Tobias Moreira de Magalhães, importante maestro sergipano, os critérios utilizados por Armindo Guaraná no seu *Dicionário*:

Tobias de Magalhães, por nunca se ter consagrado á literatura e não ter publicado livros ou opúsculo, não seria de figurar no Diccionario bio-bibliographico sergipano, do Dr. Armindo Guaraná. O autor deste livro, porem, admirador do grande talento de Tobias, não pôde fugir ao desejo de contemplar o no seu diccionario, e assim abriu mais uma excepção, incluindo no livro o seu nome.

Vem a propósito dizer aqui que o Dr. Armindo Guaraná não teve em mira escrever um livro no qual só figurassem os homens de talento nascidos em Sergipe, não pensou elle em reunir as biographias dos patricios considerados notáveis pela intelligencia.

15 CARVALHO, José Murilo de. 1996. *A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará. p. 88.

16 SIRINELLI, Jean François. 1997. “Elites culturais”. In: RIOUX, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François. *Por uma história cultural*. Lisboa, Editora Estampa. p. 261.

17 SIRINELLI, Jean François. 1996. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. Fundação Getúlio Vargas. p 262.

18 Cf. ELIAS, Norbert. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Erram os que assim pensam. Quis o talentoso o honesto patricio escrever todos os contreraneos que houvessem publicado qualquer cousa em livro ou opusculo. Teve em mira arrolar a produção bibliographica de Sergipe, pouco se lhe dando com o valor do trabalho de cada um.

Não tomava elle conhecimento do mérito de cada livro publicado.

Seria invadir assim a seara do critico, do julgador. No Diccionario figuram nomes e muitos que não seriam contemplados se o autor tivesse planejado numa obra em que so figurassem talentos de eleição¹⁹.

Sabemos que essa afirmativa conduz a pistas sobre os critérios utilizados por Armindo Guaraná, embora não esteja isenta de equívocos por parte de Epifânio Dória, uma vez que não existe neutralidade no tipo de seleção feita por Guaraná, o que pode ser comprovado ao serem confrontadas obras anteriores de referência como *Lyra Sergipana*²⁰, de Filinto E. do Nascimento, publicado em 1883; *Diccionario Bibliographico Brasileiro*²¹, de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, publicado em 1893; *Sergipe e seus municípios*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, publicado em 1914²²; *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*²³, de Liberato Bitencourt, publicado em 1919. Embora estas obras tenham sido, certamente, consultadas por Armindo Guaraná, percebe-se que alguns intelectuais foram, por ele rejeitados, enquanto outros, selecionados e incluídos. É necessário não esquecer que o trabalho biográfico pode induzir a possíveis erros e omissões, cometidos de forma consciente ou não pelo autor, muitos deles ocasionados pelo estabelecimento de critérios de seleção. O *Dicionário*²⁴, que serve de base para esta análise, apresenta caráter de documento, de um documento/monumento. Assim, é pertinente apanhar a afirmativa de Le Goff:

O documento não é inócuo. É antes de mais o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias²⁵.

19 DÓRIA, Epifânio da Fonseca. 1926. “Chronica do dia”. Diário da Manhã.

20 Cf. NASCIMENTO, Filinto E. do. 1883. *Lyra Sergipana*.

21 Cf. BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. 1893. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*.

22 Cf. BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1914. *Sergipe e seus municípios*.

23 Cf. BITENCOURT, Liberato. 1913. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*. Rio de Janeiro: Typ. Pap. Gomes Pereira.

24 GUARANÁ, Manuel Armindo Cordeiro. 1925. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*. Edição do Estado de Sergipe.

25 LE GOFF, op. cit. p. 103.

A importância dessas obras é que elas permitem, através dos dados biográficos nelas contidos, de forma ampla ou sumária, fazer uma análise da formação da elite intelectual em Sergipe, traçando a trajetória de uma geração construtora de seu tempo e feição. Os critérios seletivos utilizados por Armindo Guaraná são evidentes: estarem esses intelectuais ligados a instituições governamentais e terem publicado sua produção intelectual em jornais, revistas e/ou livros em Sergipe e/ou em outros Estados.

A base empírica, a partir da qual será constituída, neste estudo, a elite intelectual sergipana, apanha, com uma das principais fontes, o já citado *Diccionario Bio-Bibliográfico Sergipano*, de Armindo Guaraná²⁶, no qual estão relacionados intelectuais de Sergipe, nascidos entre os séculos XVIII e XX, que desempenharam grande influência na vida intelectual de Sergipe. Freitas, ao analisar as contribuições historiográficas das biografias, publicadas nas diversas edições da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, afirma ter sido Armindo Guaraná um biógrafo que se “(...) distanciou de um dos (modernamente considerados) maiores vícios da biografia: substituir a história política do Estado pelo estudo exclusivo do individual”²⁷. Continuando em sua análise, Freitas constata que, apesar de biógrafos como Armindo Guaraná e Lima Junior tentarem “(...) contextualizar as ações narradas, geralmente a experiência de cada biografado findou por iluminar o ambiente que o cercava”²⁸. Esse fato contribui para a compreensão do ambiente intelectual sergipano no período estudado.

Além dessa fonte e das já citadas, serão utilizados outros documentos, a exemplo do trabalho de Silva²⁹, que fornece dados biográficos de dezoito cônegos sergipanos, dos quais somente três constam do *Dicionário* de Armindo Guaraná. Santos Filho³⁰, trazendo informações biográficas dos médicos sergipanos; Bevilacqua³¹, reportando-se a estudantes e professores sergipanos; Nascimento³², relacionando os literatos sergipanos; Blake³³, incluindo, em seu dicionário, sergipanos de projeção local e nacional; Bittencourt³⁴, arrolando

26 Cf. GUARANÁ, op. cit.

27 FREITAS, Itamar. 2002. *A escrita da História na “Casa de Sergipe” – 1913/1999*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira. p. 43.

28 Idem, p. 45,46.

29 Cf. SILVA, Candido da Costa e. 2000. *Os Segadores e a Messe: o clero oitocentista na Bahia*. Salvador: SCT, EDUFBA.

30 SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. 1991. *História geral da medicina brasileira*. v. I e II. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo.

31 BEVILAQUA, Clovis. 1977. *História da Faculdade de Direito do Recife. 1859-1944*. 2. ed. Brasília, INL, Conselho Federal de Cultura.

32 NASCIMENTO, Filinto E. do. op. cit.

33 Cf. BLAKE, op. cit.

34 Cf. BITTENCOURT, op. cit.

os sergipanos por ele considerados ilustres; e, Dória, em suas *Notas Biográficas*³⁵. O estudo também recorreu a inventários e ações de prestações de contas³⁶ referentes a esses sergipanos.

Do total de 400 sergipanos biografados, as informações acerca de 334 deles foram retiradas do *Diccionario bio-bibliográfico sergipano*, de Manuel Armindo Cordeiro Guaraná; 26 tiveram como principal fonte o trabalho de Liberato Bittencourt, *Brasileiros ilustres: sergipanos ilustres*; *Os segadores e a messe: o clero oitocentista na Bahia*, de Cândido da Costa e Silva, forneceu informações sobre 15 intelectuais; e, as *Notas Biográficas*, de Epifânio Dória, serviram para a compreensão da trajetória de 25 sergipanos. As informações foram complementadas/confrontadas com memórias, crônicas, reminiscências, efemérides e demais obras que se referem aos intelectuais aqui analisados, como a *Lyra sergipana*, de Filinto E. do Nascimento; a *História da Faculdade de Direito do Recife*, de Clóvis Bevilacqua; *A história geral da medicina brasileira*, de Lycurgo de Castro Santos Filho, entre outras.

Brasileiros ilustres: sergipanos ilustres, de Liberato Bittencourt, publicado em 1918, foi o primeiro trabalho, de cunho genealógico, feito sobre sergipanos. O *Diccionario bio-bibliográfico sergipano*, de Manuel Armindo Cordeiro Guaraná, publicado em 1925, é o que mais contém dados acerca dos biografados, apesar de alguns equívocos, comuns nesse tipo de trabalho à época em que foi realizado. As efemérides, crônicas, reminiscências de cunho genealógico, de Epifânio Dória, aqui denominada de *Notas Biográficas*, têm como base o dicionário de Armindo Guaraná, apenas corrigindo alguns dados e/ou acrescentando outros mais recentes. E *Os segadores e a messe: o clero oitocentista na Bahia*, de Cândido da Costa e Silva, contribuiu para o mapeamento dos eclesiásticos sergipanos dos anos oitocentos.

Visando minimizar os equívocos existentes no citado *Dicionário*, uma vez que nele está a maioria das biografias aqui analisadas, este estudo recorreu a anotações corretivas feitas por Epifânio Dória em um dos exemplares de seu uso particular, como também às suas efemérides, reminiscências e crônicas de cunho genealógico referentes aos sergipanos estudados neste trabalho.

Os equívocos dizem respeito à data de nascimento, naturalidade e mudanças de nome. Era comum, à época, a existência de inexatidões quanto à data de nascimento, uma vez que não se registrava a criança assim que ela nascia, assim como se modificava a idade para

35 Denomino de *Notas Biográficas* um conjunto de artigos do autor, referentes à genealogia sergipana. Esses artigos receberam diversas denominações (crônicas, efemérides, reminiscências, notas) publicadas nos jornais sergipanos. Fonte: Arquivo Particular de Epifânio da Fonseca Dória. Aracaju-Sergipe.

36 Essa documentação está disponível no Arquivo Geral do Judiciário/Aracaju-Sergipe (AGJ/SE).

matricular os meninos nas faculdades, cuja exigência mínima era de dezessete anos. Os erros, quanto à naturalidade, ocorriam devido ao desmembramento de regiões e às inúmeras criações de cidades e vilas. Uma última causa para tais equívocos decorre da mudança de nome das pessoas, posto que, no século XIX, não havia o controle que identificava o indivíduo na sociedade, como hoje.

Angela Alonso também faz ressalvas à utilização de biografias para compor os estudos de grupos, uma vez que, para ela, apesar das biografias coletivas e individuais, autobiografias e memórias delimitam a rede de solidariedade e reconstroem pequenas configurações de uma determinada geração, há o fato de que,

Embora haja muitas biografias de membros da geração de 1870, poucas são de valia. A maior parte foi escrita por amigos, parentes e discípulos dos biografados. A proximidade leva a laudatória exaltação de virtudes cívicas e pessoais e o descuro com a precisão³⁷.

A autora enumera também a ocorrência de omissões sobre os biografados, tais como: a ausência da posição social de origem, principalmente quando as pessoas não pertencem a famílias integrantes dos grupos de elite; o mesmo modo, a valorização de algumas qualidades que tendem a transformar o biografado em inovador, revolucionário e genial. Esse tipo de crítica é partilhado também por Miceli:

(...) a celebração biográfica é uma maneira de reconstituir vidas exemplares num registro apologético, dissimulando-se os mecanismos reais que regem as trajetórias sociais e intelectuais. (...) são dedicadas geralmente a autores que desfrutavam de uma posição dominante ainda vivos ou, então, aqueles autores que os embates posteriores acabaram convertendo em objetos de uma consagração póstuma³⁸.

Como a pretensão desse estudo é a de utilizar as obras anteriormente citadas para analisar a formação da intelectualidade sergipana durante o período monárquico, os dados coletados nas biografias servirão para caracterizar esses intelectuais, permitindo traçar um perfil quanto à formação acadêmica e participação na sociedade como intelectuais, sem perder de vista que são apenas indicadores e não provas indiscutíveis, concretas, monolíticas.

Atualmente, a utilização de biografias para o estudo de elites é prática comum na História Nova. Não se busca, mais, somente os grandes heróis, os senhores, dentro dos fatos históricos, nem os fatos sem seus reais agentes, que são todos que o fazem, e sim, grupos

37 ALONSO, Angela. 2002. *Idéias em movimento: a crise de 1870 no Brasil-Império*. São Paulo. Paz e Terra. p.103.

38 MICELI. op. cit. p. 20-21.

autônomos em si, embora interligados pelo poder, pois, ao estudar os intelectuais, como grupo influente no espaço histórico-social, segundo Sirinelli, “(...) surge obrigatoriamente o problema de seu papel e de seu poder”³⁹. Dentro dessa perspectiva, para Le Goff, “A biografia histórica nova, sem reduzir as grandes personagens a uma explicação sociológica, esclarece-as pelas estruturas e estuda-as através de suas funções e seus papéis”⁴⁰.

A elite intelectual sergipana será analisada a partir do processo de sua formação acadêmica e do exercício de funções legitimadoras do seu poder. Concordando com Mills⁴¹, quando este afirma que é uma conjuntura de acontecimentos históricos, num determinado período, que leva ao aparecimento de uma elite do poder e que as decisões dos seus membros, de forma isolada ou coletiva, têm conseqüências ampliadas que, em outro momento histórico, não teriam, é que vejo, na criação dos cursos superiores no Brasil, uma importante força motriz da intelectualidade brasileira, em torno da qual gravitaram os formadores e os aspirantes à condição de membros desta elite imperial intelectualizada, estandarte legitimador do governo monárquico perante as demais nações. Mas, uma determinada configuração pode sofrer mutações não previstas, fato esse evidenciado por Nascimento: “(...) o mosaico da intelectualidade brasileira que atuou sob o Império é extremamente complexo e de compreensão não linear, pois essa intelectualidade viveu as contradições do seu tempo”⁴². Com base nesses autores, pode-se dizer que os cursos superiores foram incubadores da intelectualidade imperial brasileira, além de terem contribuído para o enfraquecimento do regime monárquico, apresentando ao país novas alternativas de acesso à modernidade.

Nesse estudo, como já foi exposto, foram arrolados 400 sergipanos considerados intelectuais. Mas, surgem aqui duas questões que, embora relacionadas, as peculiaridades não foram detalhadamente expostas. A primeira refere-se aos critérios estabelecidos como elemento identificador da categoria “intelectual”, que são: exercer atividades tidas, na época, ligadas à intelectualidade (música, poesia, formação acadêmica); estar ligado a instituições de cunho cultural governamental e/ou particular, ter publicado sua produção intelectual em jornais, revistas e/ou livros em Sergipe e/ou em outros Estados; e ser aceito pelos seus pares. A segunda questão busca saber através de quem, quando e como esses “intelectuais” foram reconhecidos e em que época essa legitimação ocorreu.

39 SIRINELLI. 1996. p 235.

40 LE GOFF. op. cit. p. 8.

41 MILLS. op. cit. p. 39.

42 NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *A cultura ocultada*. 1999. Londrina: Editora UEL p. 04.

Quanto à primeira, os referidos critérios foram reconhecidos na produção intelectual dos quatro biógrafos trabalhados nesse estudo: Liberatto Bittencourt, nascido em Santa Catarina, mas auto-intitulado sergipano de coração; Armindo Guaraná, sergipano, contemporâneo e incluso nesse trabalho como intelectual; Epifânio Dória, sergipano, de outra geração, estudioso da genealogia de Sergipe; e, Cândido Costa e Silva, baiano, professor/doutor em História pela Universidade de São Paulo, estudioso do clero oitocentista, incluiu em sua análise eclesiásticos sergipanos, alguns dos quais configuram aqui nesse trabalho.

No que diz respeito à segunda questão, Liberatto Bittencourt foi o primeiro que elaborou e publicou uma obra, de cunho essencialmente biográfico, referente a sergipanos; *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*, em 1913. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake em seu *Diccionario Bibliographico Brasileiro* publicado em 1893, relacionou alguns sergipanos, dentre outros intelectuais de todas as Províncias do Brasil da época.

Armindo Guaraná, em seu *Diccionario bio-bibliographico sergipano*, publicado em 1925, não considerou somente os contrerrôneos, tidos como notáveis pela inteligência, ou pela literatura e sim qualquer um que tivesse publicações, pois tinha em vista arrolar a produção bibliográfica de Sergipe, embora tivesse, segundo Epifanio Dória⁴³, aberto exceções.

Epifanio Dória, durante as décadas do século XX, através de seus artigos, publicou, nos jornais sergipanos, notas de caráter genealógico, com base em dados do dicionário de Armindo Guaraná (de quem foi admirador, amigo e discípulo), ampliando e atualizando os referidos dados.

Cândido da Costa e Silva, em seu trabalho *Os segadores e a messe: o clero oitocentista na Bahia*, publicado em 2000, biografou vinte e um cônegos sergipanos, dos quais quinze são relacionados neste trabalho, pois os demais já tinham sido incluídos nas outras obras de cunho biográficas aqui mencionadas ou extrapolaram o período aqui estudado.

Com exceção de Cândido da Costa e Silva, os demais estão interligados pela mentalidade de seu tempo, na qual a preocupação com a fixação dos personagens importantes era urgente, com a finalidade de afirmar a identidade regional. Por esse motivo, os dicionários biográficos⁴⁴ eram no período uma prática em todo país.

43 Vide página 07 deste trabalho.

44 Dentre outros, COSTA, Francisco Augusto Pereira da. 1882. *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*; VELHO SOBRINHO, João Francisco. 1937. *Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. MARTINS, Mario Ribeiro. 1943. *Dicionário Biobibliográfico*. Rio de Janeiro; RIBEIRO FILHO, J. S. 1965. *Dicionário Biobibliográfico de Escritores Cariocas (1556-1965)*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira; entre outros.

CAPÍTULO I

1- CARACTERIZAÇÃO DOS INTELECTUAIS MONÁRQUICOS SERGIPANOS

1.1- Formação Acadêmica

Da totalidade dos intelectuais aqui analisados, 395 nasceram durante o século XIX, enquanto apenas cinco deles nasceram durante o século XVIII. Por isso, pode-se afirmar que eles constituíram a geração oitocentista sergipana e vivenciaram o período inaugural do Brasil como nação independente, quando se fazia urgente a construção de um Estado nacional brasileiro, formado por cidadãos brasileiros educados no Brasil através das faculdades imperiais, das escolas militares e dos seminários. Esses brasileiros iriam compor os quadros dirigentes do Estado Imperial.

Um primeiro pressuposto, com o qual aqui se trabalha, é o de que a intelectualidade sergipana foi formada no Brasil, durante o Império, não integrando, portanto, a geração dos intelectuais brasileiros formados em Coimbra. Para Carvalho⁴⁵, houve duas gerações distintas de intelectuais no Brasil. Uma, formada em Portugal (a geração de Coimbra) e a outra, formada no Brasil (a geração de São Paulo e Olinda/Recife). Apesar de ser um estudo de referência para os seguintes, esse autor não confere nenhuma importância ao papel que, durante o século XIX, desempenharam, no Brasil, os médicos no exercício da atividade intelectual. Do mesmo modo que os médicos, foi-lhe esquecida a contribuição dada pelos engenheiros.

Ao mapear a intelectualidade sergipana, uma das hipóteses desse trabalho é confirmada, a de que essa intelectualidade foi formada no Brasil, durante o Império, não integrando, portanto, a geração dos intelectuais brasileiros formados em Coimbra. Tal hipótese encontra respaldo em Nunes, quando ela afirma que encontrou apenas cinco

45 CF. CARVALHO, op. cit.

estudantes, nascidos em Sergipe⁴⁶, registrados nos Arquivos da Universidade de Coimbra. Estes receberam diploma de Bacharel antes de 1823. Segundo a autora, esse reduzido número pode ser atribuído à pobreza dominante na vida sergipana. Todavia, mesmo no período de maior prosperidade econômica da Província - 1822 a 1889, apenas onze sergipanos realizaram estudos no exterior, dos quais, somente um, na Universidade de Coimbra.

Quanto ao papel dos médicos e engenheiros, alguns autores os secundarizam, a exemplo de Coelho⁴⁷ que admite a participação dos médicos no grupo de elite, mas com limitações em decorrência da inflexibilidade da própria Academia Imperial de Medicina frente à Câmara, ao Senado, e principalmente, a magistratura e as autoridades policiais. Quanto aos engenheiros, ele argumenta que só na segunda metade do século XIX, com a construção das primeiras estradas de ferro, eles adquiriram alguma visibilidade social, principalmente após a criação da Escola Polytechnica em 1874⁴⁸. Mesmo assim, para o autor, limitados a algumas ações, “(...) examinavam contratos, escreviam pareceres, fiscalizavam obras, (...) desfrutando de depauperado prestígio social”⁴⁹. Já Adorno⁵⁰ admite apenas que os médicos ameaçaram o privilégio dos bacharéis, mas isso, segundo ele, só ocorreu na segunda metade do século XIX, quando os bacharéis já se encontravam à frente dos principais postos diretivos do país.

Outros autores são contrários a essa hipótese. Matos vê na ação da política médica, “(...) o principal meio de interjeição das normas que, ao lado da lei, tornaram possível a construção de um Estado moderno”⁵¹. Gondra diz que não se pode excluir a ação dos médicos no projeto civilizatório da nação brasileira, questionando, assim, a supremacia dos bacharéis em Direito sobre a ação deles. O autor argumenta haver, sim, “(...) uma zona de intercessão entre a medicina e o direito”⁵² à medida que a medicina seria o remédio civilizatório. Era, por intermédio da lei (ação do Direito) que era ministrada, possibilitando o que Adorno chama de

46 Lopo Gomes de Abreu Lima matriculado, em 1732, filho do Capitão Francisco Gomes de Abreu Lima, proprietário rural de Sergipe e seu sobrinho Francisco Gomes de Abreu Lima, matriculado em 1737, bacharel em Cânones, filho de Dr. Feliciano de Albenez, desembargador da Relação da Bahia, natural de Lisboa, e de Clara de Abreu e Lima; Pedro Tomás da Rocha, matriculado em 1751, filho do Dr. Cipriano José da Rocha, Ouvidor da Comarca de Sergipe; Antônio Dinis Ribeiro de Siqueira e Melo, matriculado em 1793, filho de Leandro Ribeiro de Siqueira e Melo, senhor de engenho da Cotinguiba; José Nunes Barbosa Madureira Cabral, formado em 1822. Cf. NUNES, Maria Thetis. 1996. *Sergipe colonial II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 266.

47 COELHO, Edmundo Campos. 1999. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro. 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record. p. 94; 144-145.

48 Idem. p. 94.

49 Ibidem. p. 95.

50 Cf. ADORNO, Sergio. 1988. *Os aprendizes do poder*. Rio de JANEIRO: Paz e Terra.

51 MATOS, Ilmar Rohloff de. 1987. *O tempo Saquarema*. São Paulo, Editora Hucitec. p. 169.

52 GONDRA, José Gonçalves. 2000. *Artes de civilizar*. Medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. Vol. I e II. São Paulo: UPS (Tese de Doutorado em Educação). p. 25

um “código cultural comum”⁵³ - a moralidade pública - estabelecido pela Medicina e inserido, na jovem nação, por dispositivos legais, legislado pelo Direito. Essa opinião também é partilhada por Antunes que, ao estudar a medicina legal no Brasil, no período de 1870 a 1930, viu,

(...) no esforço dos médicos que fizeram da medicina uma verdadeira ciência do social” uma espécie de “espaço para a afirmação da competência do seu saber, instância de projeção da autoridade médica perante a sociedade (...)”⁵⁴.

Essas posições fazem repensar a tese acerca da reduzida influência dos médicos na construção do país, principalmente quando se percebe a correlação mantida entre a categoria dos médicos e dos bacharéis em Direito que, como grupos sócio-políticos, não estavam reduzidos, na política, à ocupação de cargos parlamentares e executivos (deputados, senadores, conselheiros, presidentes de Províncias), mas também se exprimiam através da ação prática cotidiana. Os médicos, no exercício de suas atividades profissionais, assemelhavam-se aos bacharéis em Direito, pois atuavam como legisladores executivos, além das atividades que lhes eram próprias. Já os engenheiros, ao final do século XIX, ao executarem obras básicas de modernidade do país, como as dos serviços públicos urbanos, aos poucos, construíram e legitimaram o campo da engenharia no país, ocupando uma posição que merece ser reconhecida. Concordantes com esta mesma opinião também estão Herschman et al. que consideram os médicos e engenheiros, acrescidos ainda dos profissionais da educação, como

(...) agentes fundamentais do processo de construção e afirmação da ordem social. Compartilhando a intenção de intervir diretamente nos destinos da nação e de assumir os cargos e funções dirigentes da vida pública, eles pleiteavam a condição de seus portadores da vocação e da missão de ‘regenerar’ o país, através de seu discurso reformador, contribuíram assim decisivamente para a legitimação do modelo de sociedade que então se implementava⁵⁵.

Herschman, Krop e Nunes⁵⁶ chamam ainda a atenção para o fato de que, embora esses grupos tivessem um ideal civilizatório comum, articulavam-se de forma diferenciada dentro das suas especificidades. Para os médicos, a ação nesse ideal seria realizada mediante uma intervenção biológica; para os engenheiros, a modernização técnica ocorreria através de obras intervencionistas e recriaria de forma substancial o espaço físico da nação; já para os

53 ADORNO. Op. cit. p. 26.

54 ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. 1999. *Medicina, leis e moral*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. p. 30,35.

55 HERSCHMAN, Micael; KROPF, Simone; NUNES, Clarice. 1996. *Missionários do progresso*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda. p. 8.

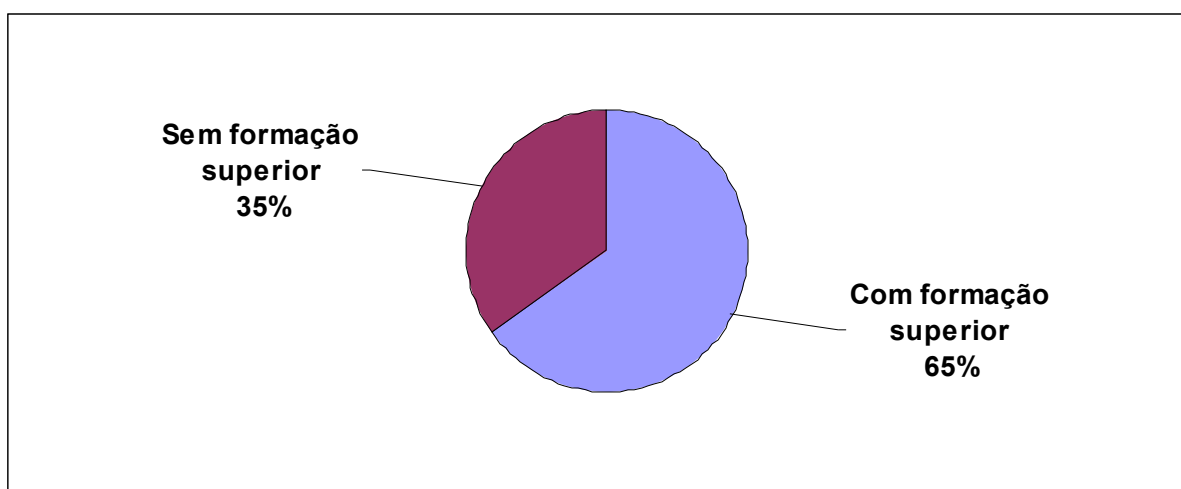
56 Idem. p. 9-10.

educadores, o instrumento mutante da sociedade seria a renovação do antigo ensino tradicional, de caráter fortemente religioso, substituindo-o por outro que formasse indivíduos para essa nova nação moderna brasileira. Os três autores incidem no mesmo erro dos defensores da supremacia dos bacharéis em Direito na construção do Brasil como nação, ao excluir, por não fazer parte de seus estudos, o grupo social dos bacharéis, apresentando, assim, um quadro fragmentado dessa elite.

A qualidade da formação recebida pela intelectualidade sergipana com formação superior fica evidente na amostragem registrada por autores como Guaraná, Bittencourt, Costa e Silva e Dória, que a caracterizaram como uma elite altamente educada, fato também observado por Carvalho⁵⁷ quando analisou a elite política brasileira.

De um total de 400 biografias apanhadas por este estudo, 260 são referentes a pessoas portadoras de diplomas obtidos em instituições de ensino superior e 140 sem formação superior.

GRÁFICO 1
INTELECTUAIS SERIGPANOS
OBRAS BIOGRÁFICAS DE BASE PARA A ANÁLISE DOS



Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. *Notas Biográficas*.

Ao analisar a formação da elite política brasileira durante o Império, Carvalho⁵⁸ viu, como matriz comum dessa formação, as faculdades de Direito, o elemento responsável pela homogeneidade ideológica e de treinamento, base da sua argumentação teórica.

⁵⁷ CARVALHO. Op. cit. p. 69.

⁵⁸ Idem. op. cit. p. 17.

No entanto, Adorno ao estudar a formação acadêmica dos bacharéis da Faculdade de Direito de São Paulo, reconstituiu, sob a visão sociológica, o processo de formação cultural e profissional dos bacharéis em São Paulo, durante o século XIX. “As escolas de direito foram criadas efetivamente para atender às necessidades burocráticas do Estado Nacional em emergência”⁵⁹, privilegiando a formação política e não, exclusivamente, a jurídica. O autor discorda da idéia de que as referidas faculdades tenham sido responsáveis pela homogeneidade ideológica e de treinamento através da prática pedagógica, ao argumentar que “(...) o Estado patrimonial brasileiro muito pouco se ocupou com o conteúdo doutrinário transmitido em sala de aula e tão pouco exerceu pertinaz controle sobre a produção e a utilização de compêndios nas diversas cadeiras e disciplinas”⁶⁰. Para ele, embora nem sempre tenham sido eficazes na formação jurídica, as faculdades de Direito possibilitaram o surgimento de jurisconsultos da envergadura de Tobias Barreto e Silvio Romero, provenientes da Faculdade de Direito de Recife, além de ministros, conselheiros de estado, deputados, senadores, presidentes de Províncias e juizes de notoriedade nacional. Já o estudo de Belvilacqua enaltece a ação dos professores, afirmando que a faculdade de Direito deu ao povo brasileiro “(...) consciência de sua unidade, elaborou o direito pátrio pelo ensino, pela crítica e pelos compêndios”⁶¹.

Pelo exposto, a análise da formação de uma elite é algo complexo, cheio de trilhas que nem sempre conduzem a um mesmo caminho, sendo necessário buscar indícios que, na maioria das vezes, estão ocultos na superficialidade do registro dos fatos. É necessário considerar as ponderações de ambos os estudiosos dos cursos de Direito do Recife e de São Paulo, posto que a Faculdade de Direito do Recife foi o *locus* dos bacharéis sergipanos (82 bacharéis em Direito por Olinda/Recife⁶² para 8 por São Paulo). Do mesmo modo, em relação às Faculdades de Medicina (108 formados na Bahia e 21 na Faculdade do Rio de Janeiro⁶³). Essas faculdades (Direito/PE e Medicina/BA) constituíram a matriz comum para os intelectuais sergipanos com nível superior.

59 ADORNO. op. cit.p. 141.

60 Idem. p.120.

61 BELVILACQUA. op. cit. p. 449.

62 Foram 12 bacharéis em Olinda e 70 no Recife. Cf. GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*. e DÓRIA, Epifanio da Fonseca. *Notas Biográficas*.

63 Dentre os que se formaram na Faculdade de Medicina da Bahia estavam 92 médicos, 5 farmacêuticos-médicos, 8 farmacêuticos, 1 médico-cirurgião, 1 cirurgião-dentista, 1 médico-farmacêutico, perfazendo 108 sergipanos. Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foram formados 20 médicos e 1 cirurgião-dentista. Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipano illustres* e DÓRIA, Epifanio da Fonseca. *Notas Biográficas*.

No entanto, os demais centros acadêmicos, formadores de nossa intelectualidade, não podem ser negligenciados. Sergipanos realizaram seus estudos não apenas em instituições de nível superior, mas também em estabelecimentos de ensino secundário. Muitos desses intelectuais viveram em Sergipe, criaram e dirigiram escolas públicas e particulares desse nível de ensino, formando aqueles que compuseram os quadros administrativos do serviço público e a gerência dos negócios privados, construindo assim, ao lado dos que obtiveram formação superior e mesmo daqueles que cursaram o ensino secundário em outras localidades, uma rede intelectual sergipana.

QUADRO 1
PRINCIPAIS CENTROS BRASILEIROS DE FORMAÇÃO SUPERIOR
FREQUENTADOS PELA INTELECTUALIDADE SERGIPANA NO
PERÍODO MONÁRQUICO

Centros de Formação	Alunos Formados
Faculdade de Direito de Olinda/Recife	82
Faculdade de Direito de São Paulo	08
Faculdade de Medicina da Bahia	108
Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	21

Fonte: GUARANA, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Fundamentalmente formados em instituições brasileiras, os sergipanos, mesmo em quantidade muito reduzida, também frequentaram centros de formação superior em países estrangeiros: dois na França, um na Itália, um em Portugal e dois na Bélgica.

Tobias Moreira de Magalhães, um dos biografados, estudou fora do país. Joaquim Moreira de Magalhães, seu pai, proprietário de um teatro em Laranjeiras, percebendo que seu filho tinha talento musical, enviou-o à Itália para estudar música, fato esse registrado em seu testamento:

Verba terceira = Declaro que em consecuencia de ter mandado em Maio deste anno o meo filho Tobias para Genova, no Reino da Italia, afim de ultimar seos estudos na Musica vocal e instrumental, e aproveitar o talento com que Deos o dotou; de ter obrigado no Recolhimento do Senhor Bom Jesus dos Perdões, erecto nesta cidade, a minha filha Emilia, conforme seos desejos; e achar-se estudando nella o meu filho João nomeio para Tutor delles o Doutor Antonio Ribeiro Lima, a quem peço a caridade de acceitar esta tutoria, que lhes he indispensavel nesta Cidade⁶⁴.

Tobias Moreira de Magalhães, voltando ao Brasil, estabeleceu-se na Bahia e dedicou-se ao ensino de piano. Seus irmãos, os médicos João Moreira de Magalhães, afilhado do

Barão de Maruim, e José Moreira de Magalhães, estudaram no Brasil, formando-se pela Faculdade de Medicina da Bahia. Nunes cita Tobias Moreira Magalhães como exemplo de apoio governamental:

(...) o estímulo às artes não foi esquecido dos legisladores da época, como exemplifica a subvenção concedida a Tobias Moreira de Magalhães, em 14 de dezembro de 1864, de 600\$000 anuais, para estudar Música fora da Província. O jovem estanciano estudou na Bahia e na Itália, aí durante três anos. Retornando ao Brasil, passou a residir na Bahia, onde adquiriu renome de grande pianista⁶⁵.

QUADRO 2

ESTUDANTES SERGIPANOS FORMADOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS E ESTRANGEIRAS NO PERÍODO MONÁRQUICO

Natureza da Instituição Quanto a Nacionalidade	Total de Estudantes Formados
Brasileiras de ensino superior	254
Estrangeiras de ensino superior	06
Total	260

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Vendo, na escola, o instrumento através do qual são moldadas almas e corpos no sentido civilizatório, parece oportuno fazer uso da compreensão de Bourdieu sobre a escola, que a concebe como “força formadora de hábitos” , propiciando, aos nela envolvidos, a disposição geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação. A isto ele denominou *habitus* cultivado:

Os homens, formados em uma dada disciplina ou em uma determinada escola, partilham de um certo ‘espírito’, literário ou científico (...) tendo sido moldados segundo o mesmo ‘modelo’ (pattern), ou os espíritos assim modelados (patterned) encontram-se predispostos a manter com seus pares uma relação de cumplicidade e comunicação imediatas⁶⁶.

Essa cumplicidade é evidenciada, na formação dos membros da elite intelectual sergipana, pelo envolvimento em torno do que Sirinelli denominou de “(...) sociabilidade ideológica ou cultural (...)”⁶⁷. Ou seja, os membros da elite são capazes de superar divergências e se associar em grupo de interesse em torno de questões como epidemias, o problema territorial entre Sergipe e Bahia, as alianças partidárias, da defesa da educação, entre outras.

65 NUNES, Maria Thetis. 1984. *História da educação em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, p. 121.

66 BOURDIEU. o p. cit.p. 206.

67 SIRINELLI. op. cit. p. 248.

Para Sirinelli⁶⁸, as estruturas de sociabilidade (revistas, jornais, abaixo-assinados, manifestos) são distintas em cada época assim como são distintas entre os subgrupos dos intelectuais analisados, o que torna necessário compor a sua arqueologia, pois é através delas que são compreendidas não apenas a cumplicidade, mas também as rivalidades e as redes de interdependência que vão se formando, solidificando, rompendo, pois a história é feita de continuidades e descontinuidades.

Uma análise do perfil dessa geração de intelectuais sergipanos permite perceber como as suas estruturas de sociabilidade foram constituídas, uma vez que a trajetória escolar de grupos de indivíduos é reveladora dos valores e pretensões dos grupos e daquilo que esses homens conseguiram estabelecer. Julgar essa geração como incipiente, e não posterior da intelectualidade republicana de Sergipe é negar a própria história, é desconhecer o país, é deixar de perceber o espaço social brasileiro designado Província de Sergipe que estava também em construção, participando de um projeto de nação independente de Portugal. E, para os sergipanos, acrescentava-se uma outra condição: a de Província desmembrada da Bahia, em 1820. Comparar quantitativamente gerações só para valorar é deixar de ver que cada uma delas tem suas especificidades e que cada tempo produz uma determinada geração, inserida num contexto único. Estudos como o de Gualtieri, citado por Almeida⁶⁹, juntamente com outros, buscam reanalisar marcos históricos tradicionais que colocam o Brasil, tanto Colônia, quanto Império, como sinônimo de atraso e o Brasil República como sinônimo de modernidade. Gualtieri, ao analisar os diversos projetos e estabelecimentos científicos, anteriores ao século XX, afirma que:

(...) o levantamento dessas várias iniciativas estão a mostrar que a institucionalização da Ciência que se acentuou no final do século XIX vinha se forjando havia tempo. Certamente, se não existissem escolas de ensino secundário e superior, museus, agremiações científicas e outras instituições por onde circulassem os conhecimentos, não haveria na sociedade o lastro científico-cultural que propiciou a ampliação significativa do quadro das instituições de cunho científico na virada do século⁷⁰.

A amostragem desse grupo social – a elite intelectual sergipana – diz muito quanto a sua procedência interna, sua formação familiar, suas redes de interdependência, o padrão de riqueza econômica, valores postos, escolaridade e fatalidades familiares, elementos de uma configuração na qual a intelectualidade sergipana foi formada.

68 Idem. p. 250.

69 ALMEIDA, Maria de. 2003. *República dos invisíveis*: Emílio Ribas, microbiologia e saúde pública em São Paulo (1898-1917). Bragança Paulista: EDUSF. p. 31.

70 Idem. p. 20-21.

Dos intelectuais com formação acadêmica superior, o campo da saúde (médicos, cirurgiões-dentistas e farmacêuticos) compunha a maior parte das categorias profissionais dos sergipanos. Este fato induz à seguinte questão: até que ponto foram produzidos perfis da elite intelectual brasileira que não considerassem apenas o viés de um grupo político ou, somente e de maneira parcial, alguns grupos, dentre as categorias profissionais, que serviram para configurar o campo?

Sobre essas abordagens parciais, são elucidativos os estudos, já citados, de Carvalho (elite política), Adorno (Direito) Matos (política), Coelho (Medicina, Engenharia e Direito), Antunes (Medicina), Herschman (Medicina), Kropf (Engenharia), Nunes (Educação), José Gondra (Medicina), entre outros.

Quando se verifica, no interior do território de Sergipe, através da procedência dos intelectuais atuantes durante a Monarquia, é possível perceber que o contingente mais significativo deles advinha dos municípios onde havia uma maior acumulação de riqueza devido à produção açucareira ou dos que apresentavam outras condições relacionadas à atividade comercial ou mesmo ao prestígio obtido pelo fato de sediar, politicamente, a Província, como os municípios de Laranjeiras, São Cristóvão, Estância e Capela.

QUADRO 3
LOCAIS DE ORIGEM DOS INTELECTUAIS DE SERGIPE
NO PERÍODO MONÁRQUICO

Localidade	Nº de Estudantes
Boquim	1
Brejo Grande	1
Campo do Brito	1
Gararu	1
Pacatuba	1
Barra dos Coqueiros	2
Espírito Santo	2
Pé do Banco	2
Riachão	2
Riachuelo	2
Porto da Folha	3
Simão Dias	4
Campos	6
Itabaianinha	7
Vila Nova	7
Nossa Senhora do Socorro	9
Lagarto	10
Itaporanga	10

Santo Amaro	10
Itabaiana	14
Japaratuba	14
Santa Luzia	14
Própria	15
Divina Pastora	15
Aracaju	15
Maruim	15
Rosário do Catete	16
Não identificado	23
Capela	24
Estância	42
São Cristóvão	55
Laranjeiras	57
Total	400

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Na visão do sociólogo Elias,

(...) na história, nenhum fato isolado jamais produz por si mesmo qualquer transformação, mas apenas em combinação com outro. (...) Quando pesquisamos processos sociais, temos que examinar a rede de relacionamentos humanos, a própria sociedade, a fim de identificar as compulsões que as conservam em movimento e lhes conferem forma e direção particulares”⁷¹.

Tendo em vista esta concepção, na formação da elite intelectual sergipana, é possível observar que quase todos os seus quadros são provenientes de famílias estruturadas, constituídas de pai e mãe (91,25 % do universo analisado). Esse dado revela que tais famílias estão legitimadas na vida social sergipana e é esta a condição da qual partem os seus filhos ao iniciarem as suas trajetórias intelectuais.

QUADRO 4 ESTRUTURA FAMILIAR DOS INTELECTUAIS SERGIPANOS NO PERÍODO MONÁRQUICO

Filiação	Nº	%
Sem filiação conhecida	27	6,5
Só pai	5	1,25
Só mãe	4	1,0
Com pai e mãe	364	91,25
Total	400	100

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

71 ELIAS, Nobert. 1990. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 38.

Essa composição familiar, acima exposta, comprova que os intelectuais sergipanos em foco eram provenientes de estruturas familiares sólidas. Este fato é evidenciado com mais nitidez, ao se fazer uma minuciosa inspeção na materialidade das teses defendidas nas faculdades de medicina. Na forma de agradecimentos, seus autores deixaram o registro da própria posição no interior do grupo, cunhando a sua identidade como indivíduos pertencentes a uma rede de interesses que se movimenta em torno do poder, tanto como inter-elites, quanto na condição de “elite do poder”⁷².

Gondra vê, nesse tipo de registros, a origem geográfica e social dos formandos, o que atestava o seu pertencimento àquilo que se denominava de boa família. A legitimação declarada “(...) nos faz refletir sobre o grande valor, à época, da origem familiar e o poder da família legítima e moralmente constituída”⁷³. Ao analisar as teses sergipanas na sua materialidade (capa, desenhos e estampas, epígrafes, cargos ocupados, feitos patrióticos, dedicatórias, agradecimentos, tipografia)⁷⁴, é possível perceber não apenas a legitimação⁷⁵, e a comprovação da estrutura familiar⁷⁶. As dedicatórias e agradecimentos constituem um mapa das relações de parentesco e amizade que demarcavam a posição do formando, no grupo social ao qual pertencia e ao grupo profissional ao qual iria pertencer, após a colação de grau. Representam uma espécie de certificado social, salvo-conduto, passaporte para o ingresso na vida profissional. Nessas dedicatórias e agradecimentos estão postas as redes familiares que vão desde pais, irmãos, avós, primos, tios, cunhados, madrastas e também as relações de amizade e reciprocidade como colegas, amigos, amigos do pai, mestres e profissionais da área conhecidos e respeitados. Os cargos e os feitos patriotas. Existem desenhos representando os símbolos da Medicina, da mesma maneira que estão inscritas as homenagens póstumas. As epígrafes, em uma sociedade de iletrados, são marcas da cultura escrita, da erudição, postas em latim, como era conveniente à época para os letrados, verdadeiras simbologias demarcatórias de espaços dentro e fora da elite do poder.

Além de bem estruturadas, segundo Carvalho⁷⁷, as famílias dos jovens intelectuais apresentavam uma boa situação financeira. Para o autor, havia também uma homogeneidade social, posto que a elite política era oriunda dos setores sociais dominantes. Contudo, os

72 Cf. MILLS. op. cit.

73 GONDRA. op. cit. p.83.

74 Biblioteca Pública Efigênio Dória.

75 Que são os filhos concebidos ou nascidos na vigência de um casamento válido. BARATA, Carlos Almeida e BUENO. op. cit. p. LXXVII.

76 A chave de legitimação, na então sociedade patriarcal é a paterna, seja ela aparecendo ao lado da mãe ou reconhecendo a paternidade. Já o nome da mãe nem sempre aparece na capa das teses. Algumas vezes, vêm dentro.

77Cf. CARVALHO. op. cit.

dados sobre a origem social da elite, de um modo geral, são menos satisfatórios que os registros de socialização e treinamento, em face da exigüidade de dados a esse respeito. A essa altura, pode-se afirmar que os intelectuais, analisados por este estudo, eram oriundos, portanto, da classe dominante.

QUADRO 5
ATIVIDADE ECONÔMICA E PROFISSIONAL DOS PAIS DOS INTELECTUAIS
EM SERGIPE NO PERÍODO MONÁRQUICO

Atividade Exercida	Nº
Magistrado	1
Dono de sítio	1
Escrivão	1
Gerente da Associação Sergipense	1
Ministro	1
Proprietário de barcas	1
Tabelião	1
Advogado provisionado	2
Alferes da Guarda Nacional	2
Desembargador	2
Brigadeiro	3
Fazendeiro	3
Advogado	4
Conselheiro	4
Negociante	4
Vive de lavouras	4
Barão	5
Farmacêutico	5
Bacharel	6
Comendador	6
Professor	6
Tenente	6
Padre	10
Médico	10
Tenente Coronel	15
Major	17
Dono de Engenho	19
Coronel	26
Capitão	28
Sem informação	207
Total	400

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. Dicionário bio-bibliográfico sergipano; BITTENCOURT, Liberato. Brasileiros illustres: sergipanos illustres; SILVA, Cândido da Costa e. Os segadores e a messe; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Quanto aos gastos com educação, pode ser observado que as despesas eram significativas e começavam com o ensino das primeiras letras, estendendo-se até o ensino superior. Um bom exemplo é o da formação do intelectual João Baptista da Costa Carvalho, órfão de pai rico:

Desde 1844, tempo em que assignou a tutela o termo de tutoria até fim do anno passado esteve o Orfão na cidade da Estancia nas escolas de primeiras letras, e ao depois nas de latim e frances, e regolou sempre suas despesas em 40\$000 mensais, o que faz em 11 annos a quantia de 5:280:000Hoje o orfão se acha na Provincia da Bahia proceguindo em seus estudos para entrar em úa das Faculdades do Imperio⁷⁸.

Algumas famílias contratavam professores particulares, que atendiam a todos os filhos, como a família Barretto Muniz: “Durante a vida desta era o herdeiro inventariante, seu pai, que havia sido educado n'aquella mesma casa como sobrinho do pai dos orphãos (...)”⁷⁹. Outras famílias matriculavam seus filhos nas aulas régias e/ou particulares.

As despesas cresciam ainda mais no período do ensino secundário. Como exemplo, pode ser apresentado Pedro Muniz Barretto, matriculado, inicialmente, no Colégio Dois de Dezembro, em Pernambuco e, depois, no Colégio Parthenon Sergipense.

QUADRO 6
PRESTAÇÃO DE CONTASDE GASTOS COM A TUTELA DE
PEDRO MUNIZ BARRETTO NO COLÉGIO DOIS DE DEZEMBRO

Ano	Dia	Descrição	Valor
1878			
Março	19	Primeiro trimestre no Collégio dous de Dezembro	81\$600
Abril	20	Importancia de 1 duzia de Camizas	60\$000
Maio	11	Segundo trimestre no mesmo Collegio	170\$000
Junho	3	Dinheiro ao ditto orphão	10\$000
Julho	3	Terceiro Trimestre mesmo Collegio	195\$000
Agosto	1	Dinheiro ao ditto orphão	9\$000
		Livros e Chapeo	<u>31\$600</u>
		Commissão ao Correspondente 5 % 27\$813	<u>556\$260</u>
			<u>27\$073</u>
			584\$073
1878			
Setembro	2	Dinheiro ao dito orphão	40\$000
Outubro	3	Dinheiro " " "	5\$000
"	"	Quarto Timestre do mesmo Collegio	195\$000
"	"	Livros e Medicações	504000

78AGJ/SE. EST./C. 2º OF. Ação de Tutela. Cx 05/428. Contas de Tutoria. Doc: 08-05-1858.

79 Idem.

Novembro	6	Dinheiro ao dito orphão	27\$510
	16	Livros e Calçados	5\$000
Dezembro	4	Dinheiro ao dito orphão	292\$281
		Commissão ao Correspondente 5%	14\$614
			3164\$894

Fonte: Ação de Prestação de Contas/22-03-1882 - LAR/C. 1º OF. Ação de Tutela Cx 01-207.

QUADRO 7

PRESTAÇÃO DE CONTAS DE GASTOS COM PEDRO MUNIZ BARRETTO NO COLÉGIO PARTHENON SERGIPENSE

Ano	Dia	Descrição	Valor
1880			
Janeiro	5	Importancia da 1ª prestação collegial	120\$000
Março	19	Um par de botinas	11\$000
"		Um chapeo de sol	8500
"		Dinheiro a seo pedido	10\$000
Abril	12	Dinheiro a seo pedido	6\$000
Maio	1º	Importancia da 2ª prestação	120\$000
"	13	Dinheiro a seo pedido	6\$000
"		Um chapéo	7\$000
Julho	15	Dinheiro a seo pedido	10\$000
"	30	Importancia de fazendas compradas ao Srn João Victor	39\$664
"		1 [ilegível] pontos de historia moderna	3\$000
Agosto	1º	Pela 3ª prestação	120\$000
"		Dinheiro a seo pedido	5\$000
"	16	Importancia da conta do alfaiate	19\$500
"	20	Dinheiro a seo pedido	10\$000
Setembro	3	Dinheiro a seo pedido	4\$000
"	10	Dinheiro a seo pedido	5\$000
"	25	Dinheiro a seo pedido	5\$000
Outubro	10	Dinheiro a seo pedido	5\$000
"	24	Pela cobertura de seo chapeo	800
Novembro	8	3 estampilha	600
"	13	Dinheiro a seo pedido	10\$000
	23	6 camizas	24\$000
	"	1 gravata	800
Junho	6	Dinheiro a seo pedido	5\$000
			555\$964
Novembro	27	4 seroulas	12\$000
Dezembro	5	1 Par de sapatos de charlote	9\$000
	12	Dinheiro a seo pedido	10\$000
		Importancia da conta paga a botica	920
		Pela frequencia de um'aula extraordinaria de Setembro a Novembro	15\$000
	14	Pensão correspondente á metade déste mez	20\$000
		Importancia paga á lavadeira do dito anno	4[corroído]
		Dinheiro para viagem	20\$000
		Somma S.E.G.R!	682\$884
1881			
Fevereiro	7	Pela pensão collegial annual	360\$000
"	9	1 Geometria de Otom	5\$000
"	19	1 Philosophia de Pellissier	5\$000
"	23	Dinheiro a seu pedido	10\$000

"	27	1 Frasco de oriza	1\$000
Março	17	Dinheiro para lavadeira	5\$000
"	25	Dinheiro a seu pedido	10\$000
Abril	2	Dinheiro a seu pedido	1\$500
"	9	Dinheiro para viagem	10\$000
Maio	3	Dinheiro a seu pedido	5\$000
"	24	Dinheiro a seu pedido	6\$000
Junho	4	Dinheiro a seu pedido	10\$000
"	"	1 Frasco de óleo	1\$000
"	"	1 Chapéu baixo (em 2 de abril)	7\$000
"	11	Dinheiro para 1 par botinas e mais despesas	20\$000
"	17	Dinheiro para si e para lavadeira	10\$000
"	"	6 pares de meias	3\$500
"	"	6 Lenços	1\$500
"	27	Dinheiro	15\$000
"	29	Dinheiro para si e para lavadeira	10\$000
Setembro	6	Dinheiro para si e para lavadeira	5\$000
"	12	Dinheiro para si e para lavadeira	5\$000
"	26	Dinheiro para si e para lavadeira	20\$000
Outubro	28	Importancia de fazendas	19\$900
"	"	Dinheiro ao sapateiro	3\$000
			549\$900
Novembro	1º	Dinheiro para si e para lavadeira	10\$000
"	14	Dinheiro para si e para lavadeira	5\$000
Dezembro	11	Dinheiro para si e para lavadeira	10\$000
"	16	Dinheiro para si e para lavadeira	20\$000
"	"	Importancia da conta do alfaiate	16\$000
"	"	Pela frequencia de uma aula de sciencia alem do que facultão os estatutos de Fevereiro a Julho	36\$000
"	"	Pensão extraordinária de 16 de Novembro a 16 de Dezembro	40\$000
"	"	Importancia da conta do alfaiate	32\$000
			718\$900

Fonte: Ação de Prestação de Contas/22-03-1882 - LAR/C. 1º OF. Ação de Tutela Cx 01-207

A necessidade de se integrar a uma rede de interdependências levava muitas famílias a enviar seus filhos para o ensino secundário em escolas das cidades nas quais funcionavam os cursos superiores, uma vez que era condição essencial a aprovação nos exames preparatórios, à exceção dos estudantes que cursaram o Colégio Pedro II. No caso de Sergipe, quanto ao universo analisado por este trabalho, apenas dois estudantes foram alunos desse estabelecimento de ensino. Em contrapartida, era grande o fluxo de jovens estudantes sergipanos em direção à Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, embora Sergipe possuísse escolas públicas e privadas de ensino secundário, desde a primeira metade do século XIX.

Não obstante alguns autores, que se dedicam a estudar a História da Educação em Sergipe afirmarem que na Província somente se ofereceu ensino secundário público a partir de

1871, após a criação do Atheneu Sergipense, em 1870⁸⁰, é possível localizar, no *Diccionario bio-bibliographico sergipano*, vários intelectuais que se formaram nos liceus de São Cristóvão, de Laranjeiras⁸¹ e de Aracaju. Segundo Nascimento, o Atheneu Sergipense “(...) surgiu para ser o maior expoente do ensino público secundário de Sergipe, o mais alto padrão de escola local, definidor do tipo de civilidade que a elite local pretendia forjar”⁸² o que não justifica as afirmações de que somente a partir da inauguração do Atheneu houve formados no ensino secundário público de Sergipe.

Os custos de manutenção de um filho no ensino superior eram ainda mais vultosos do que os dispêndios demandados pelo ensino secundário. As faculdades cobravam anuidades, tendo o curso de Direito a duração de cinco anos e o de Medicina, seis anos enquanto a Escola Naval exigia custosos enxovais. Era comum que os tutores requeressem a retirada de investimentos pertencentes aos órfãos, a fim de manter os gastos com os estudos, como o fez, em 1880, Candida Leopoldina de Sampaio Jorge:

Illm^o Sr Dr. Juiz d' Orphãos

Aracaju, 12 de Fevereiro de 1880.

Diz Candida Leopoldina de Sampaio Jorge, tutora de seus quatro filhos menores, que tendo um destes o de nome Amynthas José Jorge, achando-se há tres annos estudando no Collegio Naval, acaba de prestar em Dezembro os exames dos ultimos preparatorios, que completão o Curso do Collegio, sahindo-se constantemente bem, e pelo que acha-se presentemente considerado Aspirante.

E porque para conseguil-o tenha a suplicante feito, durante este periodo, subidas despesas com o dito seu filho, que certo distao muito do quanto esta designado para sua substancia, acaba mesmo agora de bastante dispende com o novo fardamento do mesmo, e sucede entretanto que ainda de muito necessita este de roupas, livros, etc, para entrar em seu novo tirocinio, ao passo que o suplicante acha-se impossibilitada de prestar-se; requer pois a V.S.^a que, por bem do progresso do mencionado orphao, que, como sabe V.S.^a, propõe de herança paterna duas apolices da divida publica de um conto de reis cada uma e mais em deposito no cofre das Orphaos a somma de 143,357, digne-se de ordenar a suspensão do deposito desta ultimo, de mandal-a entregar a supp^e, para o supradito fim, coadjuvando-a deste modo no desempenho dos interesses, que promove á prol do dito Orphao seu filho⁸³.

Nos outros cursos, como Medicina e Direito, era necessário pagar hospedagem, alimentação e todo o material escolar, além de outros gastos. Isso justificava a frequência dos pedidos de arbitramento, a exemplo do apresentado, em 1877, pelo tutor do estudante sergipano de Medicina, Pedro Munis Barretto:

80 Cf. NUNES. 1984. op. cit.

81 O Lyceu Laranjerense teve como diretor um dos biografados deste trabalho: Balthazar de Araujo Góes.

82 NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. 2003. “Certidão de nascimento: as duas primeiras atas da congregação do Atheneu”. CIFORM. Aracaju. p. 4.

83 AGJ/SE. AJU./C. 2º OF.- Inventário. Cx 20-2327.

Diz José Freire Telles Barreto tutor dos orfãos Pedro, Casemiro e D. Evangelina Muniz Barretto filhos dos falecidos Coronel Pedro Muniz Barretto e D. Clara Maria de Lima Barreto que tendo o 1º destes orfãos sido aprovado nos Exames dos preparatorios necesarios para o estudo de medicina, pretende o mesmo orfão entrar este anno na academia da Bahia, e como a quantia arbitrada a dous annos para suas despesas aqui seja insufficientes naquella cidade, o supplicante vem requerer a Vossa Senhoria haja de mandar arbitrar maior quantia em relação com os lucros do mesmo orfão e sult sentido o supplicante⁸⁴.

O gasto com a educação representava um grande investimento que, isoladamente não garantia retorno compensador. Apenas o fato de colar grau não assegurava um futuro tranqüilo ao jovem intelectual. Segundo Bourdieu :

(...) o diploma vale fora do mercado escolar o que seu detentor vale econômica e socialmente, sendo que o rendimento do capital escolar (forma transformada do capital cultural) depende do capital econômico e social que pode ser utilizado em sua valorização⁸⁵.

Com este tipo de afirmação, concorda Alonso em sua análise do movimento intelectual de 1870. Para ela,

“O diploma em direito era o abre-te-sésamo, primeiro passo na seqüência. Mas sozinho nada garantia. Era o nome de família o passaporte para o ingresso no sistema patrimonial de indicações para empregos públicos e cargos eletivos. (...) O diploma não garantia sozinho o bom emprego e freqüentemente os primeiros colocados nos concursos eram preteridos pelos melhores nomes de família⁸⁶”.

Para ilustrar a sua assertiva, cita Silvio Romero que, em 1875, se indispôs com a Faculdade de Direito do Recife, em face da sua tese, *Da interpretação filosófica na evolução dos fatos históricos*, considerada de cunho positivista. Por haver sido o seu trabalho rejeitado, retornou a Sergipe para trabalhar como promotor público, mudando-se depois para o Rio de Janeiro, onde foi juiz municipal de órfãos, em Parati. Alguns anos depois, mesmo sendo aprovado em concurso público, necessitou da intercessão de amigos influentes para ser admitido no quadro docente do Colégio Pedro II.

É corrente na historiografia da educação sergipana, a afirmação de que, por não haver uma rede de ensino primário e, principalmente, de ensino secundário, os sergipanos emigravam para outras Províncias em busca de instituições sólidas:

84 AGJ/SE. Inventário (sem testamento)/ 26-10-1877/ LAR/C. 1º OF. Inventários. Cx 11-223.

85 BOURDIEU. op. cit. p. 333.

86 ALONSO, op. cit. p. 112-113.

Na ausência de escolas públicas que preparassem os seus filhos para o ingresso no ensino superior, as famílias sergipanas contavam apenas com o Colégio do Coração de Jesus, do Cônego Brás Diniz Villas-Boas, e o Colégio de São Cristóvão, do Padre José Gonçalves Barroso, estabelecimentos particulares criados em 1848⁸⁷.

Todavia, a partir da análise dos dados, pode-se afirmar que era numerosa, sólida e estável a rede de instituições privadas de ensino secundário, apesar de alguns autores negarem tal fato. Souza⁸⁸ insiste na tese da ausência de uma rede de saber estável em Sergipe no século XIX, apesar de o seu trabalho relacionar várias instituições culturais do período, a exemplo do Atheneu Sergipense, da Escola Normal, do Parthenon Sergipense, do Ginásio Sergipense, do Liceu Laranjeirense, da Escola Americana, do Colégio Nossa Senhora Santana, do Colégio Inglês, dentre outros.

Não obstante esse tipo de referência, comum em outros estudos⁸⁹, Freitas buscou estabelecer, de modo sistemático, um quadro das instituições de ensino, existentes em Sergipe na transição do século XIX para o século XX⁹⁰. Para realizar a análise do objeto de estudo desse trabalho, buscou-se montar um quadro bastante revelador, por contradizer a maior parte das afirmações acerca da suposta inexistência dessa rede, ao identificar 18 instituições de ensino secundário.

QUADRO 8 INSTITUIÇÕES SERGIPANAS DE INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA QUE FUNCIONARAM NO PERÍODO MONÁRQUICO

Denominação	Localidade
Atheneu Sergipense	Aracaju
Cadeiras isoladas	Sergipe
Colégio dirigido pelo Professor José Leandro	Estância
Colégio do Amparo	Capela
Colégio do Padre Vieira	Capela
Colégio do Professor Braz Diniz Villas Boas	Laranjeiras
Colégio do Professor Fabrício Vampré	Simão Dias
Colégio do Vigário José Gonçalves Barroso	São Cristóvão
Colégio Inglês	Laranjeiras
Colégio Nossa Senhora Santana	Laranjeiras
Colégio São Salvador	Aracaju
Escola Americana	Laranjeiras

87 SOUZA, Cristiane Vitório de. 2002. *A república das letras em Sergipe.(1889-1930)*. São Cristóvão, 2001. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe. p. 49.

88 Idem.

89 É através de referências eventuais às instituições que existiram no século XIX que o principal estudo de História da Educação em Sergipe discute o problema das instituições de ensino secundário daquele período. Cristiane Vitório de Souza, na sua análise, procedeu da mesma maneira que Maria Thétis Nunes. Cf. NUNES, Maria Thétis. 1984. *História da Educação em Sergipe*. SOUZA, Cristiane Vitório de. 2002. *A República das Letras em Sergipe*.

90 Cf. FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. 2003. *Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX*. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp. Tese de Doutorado.

Escola Normal	Aracaju
Ginásio Sergipense	Aracaju
Liceu	Aracaju
Liceu de São Cristóvão	São Cristóvão
Liceu Larangeirense	Laranjeiras
Parthenon Sergipense	Aracaju
Total: 18	

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*.

Para Mills⁹¹, há uma seqüência educacional comum às elites e isso é percebido, mediante a preparação inicial dos intelectuais, quando deslocados do seu ambiente familiar para os internatos e externatos, nos quais continuaram submetidos à regras de civilidade adequadas à sua posição social. Exemplo disso está no registro dos conflitos entre irmãos, nos quais o mais velho tenta enquadrar o mais novo nos padrões de civilidade:

Illustrissimo Senhor, encarregando-me da tutoria de meus Irmãos, e assignando o respectivo juramento, não considereí porém um dever sagrado ã cumprir desde então venho procurado quanto em minhas forças cabe, não só de dar à meus Irmãos a educação condigna de suas circunstancias, como tambem promovido com toda a economia de despesas e argmento e arrecadação das legitimas que elles tocarão em partilhas por morte de nossos pais. Quando me encarreguei da tutoria de meu Irmão Ricardo, este se achava estudando em um Collegio na Bahia; e desejando-me que elle comcluisse os seus estudos di as ordens precisas à que nada lhe faltasse; porem infelizmente esse meu Irmão, conforme expuz, guiado por meus consêlhos, ou por lhe faltarem pais à quem respeitasse, com receio de castigos, não quis de forma alguma sujeitar-se a morar em um collegio, e ali roubar sua educação; queira estar sobre si, sem prestar obdiencia à pessoa alguma, o que me era impossivel consentir, attendendo a que elle apenas contava a idade de quatorze annos, idade das illusões, em que tem os homens das coisas ⁹².

Segundo Mills, a tarefa das escolas é a de formar os novos membros da elite, de ser espaço de seleção, exercendo influência unificadora e mantendo a coesão dos grupos dirigentes, à medida que os padrões identificadores e diferenciadores permanecem. Para tanto, faz-se necessário impor regras, que excluem os que nelas não se enquadram. Nesse sentido, é elucidativa a citação abaixo:

Amigo Senhor Antonio Curvello de Mendonça = Bahia quatorze de Maio de mil oito centos e setenta e um. (...) Seu mano e tutellado Ricardo tem se portado mal no Collegio, dizendo-me o Diretor que já o levou bôlos, que continuará em maior doze, e que por fim o despedirá do Collegio, visto que não lhe convem estudantes malcriados e insurbordinados no Collegio, para não lhe desmoralisar os outros. Escrevu-me seu mamo Ricardo pedindo-me que escrevesse ao Sebrão dizendo-lhe que elle Ricardo viera aprender só Inglez e Francez, e não Latim. O Sebrão diz que não vale apena pagar as despesas de um Collegio para aprender só Inglez e Francez,

91 MILLS. op. cit. p. 79.

92AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Inventário Cx 05-217 Apelação Cível (Prestação de Contas). Doc. 18.03.1888.

cujas materias pouco tempo tomão no dia, sendo conviniente occupa-lo com algum estudo em todas as horas do dia, para não tornar-se mais vadio e insuportavel do que é. Resolva por tanto como entender e dê suas ordens ao - De Vossa mercê amigo, venerador e criado - Francisco Ribeiro Moreira. Illustrissimo Senhor Antonio Curvello de Mendonça. No seu Engenho Quintas = Cotinguiba = Estava sellado com estampilha de duzentos reis inutilizada pelo modo seguinte: Laranjeiras, quinze de setembro de mil oito centos e setenta e um. Antonio Curvello de Mendonça⁹³.

Nesse estudo, foi mapeada uma fração bastante representativa dos intelectuais sergipanos, uma vez que, do total de 400 aqui selecionados, foi possível identificar a trajetória de formação de escolar, a partir da instrução primária, de 271 pessoas. Esses estudantes frequentaram 58 estabelecimentos de ensino secundário, dos quais, 50 no Brasil, 3 no exterior e 2 em escolas das quais não foi possível identificar a localização. Os colégios que formaram os estudantes sergipanos estavam localizados em sete Províncias: Bahia, Sergipe, Alagoas, Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A maior quantidade de estabelecimentos de ensino secundário a formar jovens sergipanos estava localizada na Província da Bahia – 18 colégios. As instituições sergipanas de ensino secundário representavam 28% do total, ou quase um terço, não obstante a crença de alguns estudiosos que continuam a insistir na tese da inexistência de uma rede local de instituições formadoras durante o Império.

QUADRO 9 LOCALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA FORMADORAS DOS SERGIPANOS DURANTE O PERÍODO MONÁRQUICO

Colégios Brasileiros	Nº Instituições
Colégios da Bahia	18
Colégios de Sergipe	14
Colégios do Rio de Janeiro	11
Colégios de Pernambuco	4
Colégio de Minas Gerais	1
Colégio de Alagoas	1
Colégio do Rio Grande do Sul	1
Colégios Estrangeiros	Nº Instituições
Colégios da França	1
Colégios da Itália	1
Colégio de Portugal	1
Colégios de procedência não identificada	Nº Instituições
Colégio Costa	1
Brasil Catholico do Dr. Antonio dos Reis	1

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*.

Dentre as instituições de instrução primária, secundária e superior, localizadas nas diferentes Províncias do Brasil, é possível perceber que a preferência recaía sobre aquelas de maior prestígio, o que justifica a procura pelas faculdades. Mas, também era intensa a busca por outras instituições de ensino reconhecidas, como demonstra o Quadro 10. Em Sergipe, escolas públicas como o Atheneu, a Escola Normal e os Liceus, ou privadas, a exemplo do Parthenon Sergipense e do São Salvador. Na Bahia, o Atheneu Bahiano, o Ginásio do Dr. Abílio César Borges, o Sete de Setembro e o Parthenon Bahiano. No Rio de Janeiro, o Colégio Naval, a Escola de Belas Artes, o Colégio Pedro II, a Escola Central, o Atheneu Fluminense e a Escola Militar. Em Pernambuco, o Colégio das Artes, o Colégio São Joaquim, o Externato Episcopal de Olinda. Em Minas Gerais, o Colégio de Pouso Alegre e o de Ouro Preto. No Rio Grande do Sul. Em Alagoas, o Colégio São João, da cidade de Penedo.

QUADRO 10
INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS BRASILEIRAS NAS QUAIS ESTUDARAM OS
INTELECTUAIS SERGIPANOS NO PERÍODO MONÁRQUICO

Instituições Educacionais de Sergipe
Atheneu Sergipense/Aracaju
Cadeiras isoladas
Colégio dirigido pelo Professor José Leandro/Estância
Colégio do Amparo/Capela
Colégio do Padre Vieira/Capela
Colégio do Professor Braz Diniz Villas Bôas/Laranjeiras
Colégio do Professor Fabricio Vampré/Simão Dias
Colégio do Vigário José Gonçalves Barroso/São Cristóvão
Colégio São Salvador/Aracaju
Curso noturno, mantido pelo professor Juvêncio Montes/Aracaju
Escola Normal/Aracaju
Liceu de São Cristóvão
Liceu Laranjeirense/Laranjeiras
Parthenon Sergipense (dirigido pelo professor Ascendino Angelo dos Reis)/Aracaju
Total: 14
Instituições Educacionais da Bahia
Colégio 2 de Dezembro
Colégio Atheneu Bahiano
Colégio do Dr. Gustavo de Sá
Colégio do Padre Pereira
Colégio do Padre Vicente Maria da Silva
Colégio Nossa Senhora do Amparo (dirigido pela educadora portuguesa Carmem Madeira Shan)
Colégio S. João
Colégio S. José, de João Florêncio Gomes
Colégio Santo Antonio
Colégio São José/Ginásio Baiano, do professor Abílio Cezar Borges
Colégio Sebrão
Colégio Sete de Setembro

Faculdade de Medicina
Parthenon Bahiano (fundado pelo pai da educadora portuguesa Carmem Madeira Shan)
Seminário Arquiepiscopal
Seminário Baiano de São Damaso
Seminário de Santa Thereza
Seminário Pequeno
Total: 18
Instituições Educacionais do Rio de Janeiro
Colégio Atheneu Fluminense (dirigido pelo Monsenhor Antônio Pereira dos Reis)
Colégio Kopke/Petrópolis
Colégio Naval
Colégio Pedro II
Colégio S. Francisco de Paula (do Cônego Belmonte)
Colégio Santo Antonio (dirigido pelo Cônego Antonio Pereira)
Colégio Vitória
Escola Central
Escola de Belas Artes
Escola Militar
Externato Jasper
Total: 11
Instituições Educacionais de Pernambuco
Colégio das Artes (de Manoel Barbosa de Araújo)
Colégio Dr. Viana
Colégio S. Joaquim (de Joaquim José de Campos)
Externato do Seminário Episcopal/Olinda
Total: 04
Instituições Educacionais de Minas Gerais
Curso preparatório/Pouso Alegre e Ouro Preto
Total: 01
Instituição Educacional do Rio Grande do Sul
Escola de Cavalaria e Infantaria
Total: 01
Instituição Educacional de Alagoas
Colégio São João/Penedo
Total: 01
Instituição Educacional de São Paulo
Colégio Costa/Limeira-SP
Total: 01
Instituição Educacional de Procedência não Identificada
Brasil Católico (de Antônio dos Reis)
Total: 01

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*.

Também no caso das instituições de ensino localizadas no exterior, as famílias buscavam aquelas de boa reputação, tanto para os estudos secundários quanto para os estudos de nível superior.

QUADRO 11
RELAÇÃO NOMINAL DAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS ESTRANGEIRAS
DE INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA E SUPERIOR NO PERÍODO MONÁRQUICO

Ensino Secundário
França
Escola de Belas-Artes (Escola Municipal de Desenho e Escultura dirigida pelo professor Justin Lequien)-Paris
Itália
Conservatório (Música)
Portugal
Curso Preparatório na cidade do Porto
Total: 03

Ensino Superior
França
Escola de Pontes e Calçadas (pintor)/Paris
Escola Regional de Grignon (Engenheiro Agrônomo)/ Grignon
Seminário de Angers/Departamento Maine e Loire (Eclesiástico)/ Angers
Itália
Colégio Pio Latino/Roma (Eclesiástico)
Portugal
Lisboa/Portugal (Eclesiástico)
Universidade de Coimbra/Portugal (Medicina)
Bélgica
Faculdade de Medicina em Bruxelas/Bélgica
Universidade de Bruxelas/Bélgica (Direito)
Total: 08
Total: 11

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*.

A elite econômica sergipana investia, na educação de seus filhos seja com professores particulares⁹⁴ (nessa amostragem detectamos 37, dos quais 11 eram religiosos), seja em colégios privados, de modo que eles concluía os estudos ainda muito jovens, seja enviando

⁹⁴ No *Diccionario bio-bibliographico sergipano* de Armindo Guaraná, os professores particulares mais citados são os seguintes: Cônego Vigário José Luiz de Azevedo, Doutor Antonio Ribeiro Lima, Frei Antonio de S. Camilo de Lellis, Monsenhor Urbano Monte, Padre Antonio José da Silva, Padre Cypriano Chaves, Padre Felix, Padre José Antonio Correia Braga, Padre José Roberto de Oliveira, Padre Pereira, Padre Raymundo de Campos da Silveira, Professor Adelmo Nascimento, Professor Alexandre José Ferreira, Professor Aristides Bittencourt, Professor Antonio José Rodrigues dos Cotias, Professor Candido da Cunha Dormundo, Professor Cypriano José Pinheiro, Professor Eutiquio Lins, Professor Fabricio Carneiro dos Tupinambás Vampré, Professor Francisco Ferreira Passos, Professor Francisco Moreira da Silva Marramaque, Professor Galdino Barbosa de Araújo, Professor Graciliano Aristides do Prado Pimentel, Professor Ignacio de Souza Valladão, Professor Isaias Horacio de Souza, Professor Isaias Lopes, Professor Joaquim Mauricio Cardoso, Professor José dos Santos Bomfim, Professor Justino Gomes Ribeiro, Professor Manoel Alves Machado, Professor Marcolino Rocha, Professor Rafael Arcanjo de Moura Mattos, Professor Pedro José Gonçalves, Professor Tito Andrade, Professor Vicente, Vigário José Gonçalves Barroso.

seus filhos para estudarem fora. Foram estudar em outras Províncias do Brasil (Alagoas, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais) e na Europa (França, Itália, Bélgica e Portugal) 334 sergipanos. Desses 334 sergipanos, 250 conseguiram se formar em cursos superiores, no período de 1832 a 1889. Dos 334 estudantes que foram estudar fora, somente 95 não retornaram a Sergipe, sendo 71 com formação superior e 24 sem formação superior. Por certo, a procura pelos cursos superiores foi maior que os registros apresentados nessa amostragem, além dos que, certamente, iniciaram seus estudos e por diversos motivos tiveram que deixá-los.

Apesar disto, a faixa etária, na qual se formavam os sergipanos, era diferente daquela que Carvalho⁹⁵ estabeleceu como sendo a idade padrão na qual se formavam os jovens integrantes dos grupos da elite política brasileira, por ele estudada. O grupo sobre o qual ele se debruçou era basicamente formado por bacharéis em Direito e concluía seus estudos entre os 21 e 22 anos de idade. Em Sergipe, os bacharéis em Direito também estavam dentro dessa faixa-etária nacional, de 21 a 22 anos, mas, nas demais carreiras, como medicina, engenharia, militar e outras, a faixa-etária dos sergipanos formados era de 19 a 30 anos.

QUADRO 12
FAIXA-ETÁRIA DE COLAÇÃO DE GRAU DOS INTELECTUAIS SERGIPANOS COM
FORMAÇÃO SUPERIOR NO PERÍODO MONÁRQUICO

Profissão	Faixa Etária
Engenheiro Agrônomo	19 a 20
Farmacêutico	19 a 24
Militar	19 a 31
Bacharel em Direito	21 a 22
Médico	23 a 25
Cirurgião Dentista	23 a 30
Engenheiro Civil	24 a 28

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. “Notas biográficas

⁹⁵ Cf. CARVALHO. op. cit.

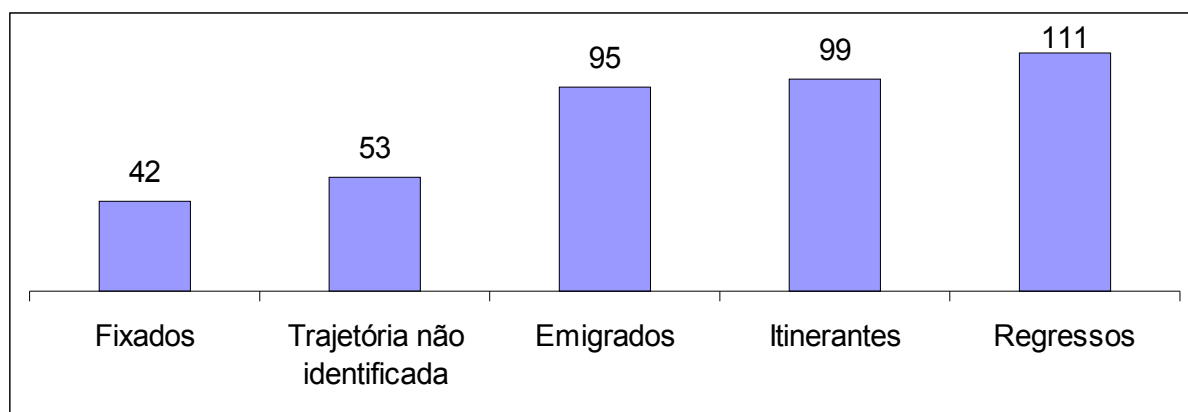
1.2- Itinerários

Ao analisar os dados biográficos expostos pelas fontes, ficou visível a existência de quatro itinerários predominantes no processo de formação dos intelectuais sergipanos. Primeiro, aqueles que, após cursarem as escolas superiores e secundárias, retornaram a Sergipe. A estes o estudo denomina de **Regressos**. Os que permaneceram em Sergipe (no caso dos que estudaram no Atheneu Sergipense e em outras escolas secundárias) e foram considerados pela sociedade da época como intelectuais (músicos, poetas, funcionários públicos, jornalistas, entre outros), tendo ou não concluído o ensino secundário, esse trabalho nomeia como **Fixados**. Eles constituíram o campo intelectual, objeto desta pesquisa, juntamente com os **Itinerantes**. No contexto deste estudo, são considerados itinerantes aqueles que, tendo estudado em outras Províncias ou mesmo aqui em Sergipe, após a sua formação escolar atuaram, em determinados períodos de sua vida profissional, em Sergipe e em outras Províncias. Além destas três categorias, o trabalho também opera com o grupo dos **Emigrantes**. Como tal, são considerados aqueles que, tendo realizado os seus estudos em escolas superiores e secundárias fora de Sergipe, ou mesmo nesta Província (no caso dos egressos do Atheneu Sergipense), após a formação escolar, foram atuar, profissionalmente, em outras Províncias, nelas se afirmando como intelectuais.

Dos 400 intelectuais sergipanos analisados, 110 são da categoria “regressos”, 42 “fixados”, 99 “itinerantes” e 95 “emigrantes”. Do total de intelectuais estudados, não foi possível identificar a situação de 53 deles, por inexistirem dados que especificassem, com segurança, as suas trajetórias, impossibilitando enquadrá-los nas categorias de análise aqui estabelecidas.

Com base nos itinerários dos intelectuais monárquicos sergipanos, foi possível recompor, com precisão, as rotas profissionais desses intelectuais e, com elas, ter um panorama mais exato da atuação deles como profissionais e em que eixos de engajamento se enquadraram.

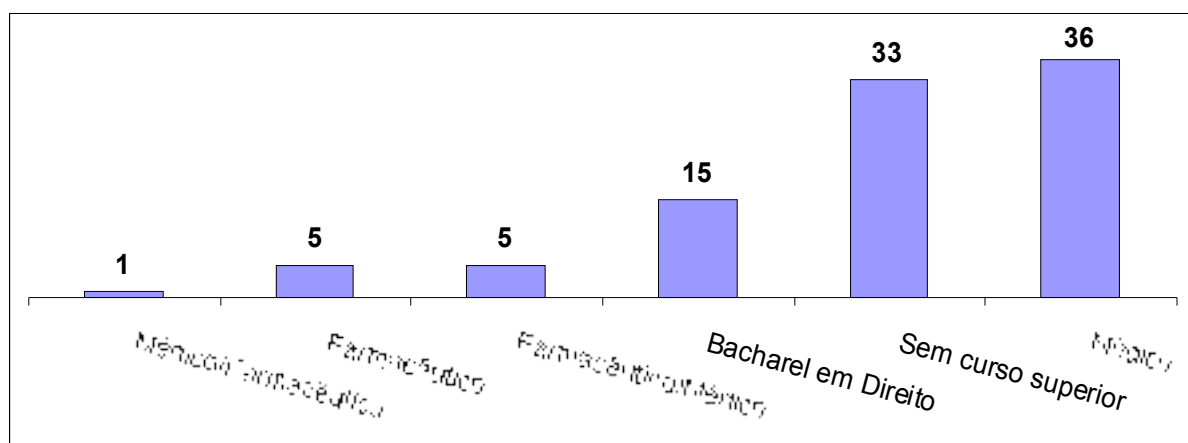
GRÁFICO 2
ITINERÁRIOS DOS INTELECTUAIS MONÁRQUICOS SERGIPANOS



Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. *Notas Biográficas*.

Como fica evidenciado no Gráfico 3, os emigrantes, tidos pela historiografia sergipana como maioria dos intelectuais sergipanos monárquicos, na verdade não foram, como também, não eram os intelectuais compostos, em sua grande parte, por bacharéis em Direito, e sim, por médicos, o que desconstrói a representação feita sob as figuras, principalmente, de Tobias Barreto e Silvio Romero, sendo que o último foi itinerante, uma vez que retornou a Sergipe depois de formado, atuando como promotor público em Estância, em 1874.

GRÁFICO 3
FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS INTELECTUAIS MONÁRQUICOS SERGIPANOS EMIGRADOS



Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. *Notas Biográficas*.

Os itinerantes estavam vinculados a cargos públicos de alta rotação no aparato estatal imperial, indo aonde fizesse necessário, como no caso dos médicos, nas epidemias, guerras e

conflitos; os militares, nas guerras, conflitos internos e proteção das fronteiras; dos sem formação superior que ocupavam a maioria dos cargos do funcionalismo administrativo e educacional público; dos da justiça, em seus vários cargos públicos, como juiz, delegado, chefe de polícia, promotor público, desembargador, não demorando em Sergipe. Foram as relações com o poder que fazem com que os regressos, após formatura, voltassem a Sergipe e aqui permanecessem durante o restante do período monárquico, mesmo ocupando idênticos cargos.

CAPÍTULO II

2- INTELLIGENTSIA SERGIPANA

2.1- COMPOSIÇÃO DA INTELLIGENTSIA SERGIPANA

A expressão *intelligentsia* surgiu na Rússia, em meados do século XIX. Burke⁹⁶, em seus estudos sobre a história do conhecimento, chegou à conclusão de que, provavelmente, a palavra “(...) ‘intelligentsia’ foi cunhada para referir-se aos homens de letras que não queriam ou não conseguiam encontrar posições na burocracia.”⁹⁷ Ao tratar da denominação dos indivíduos que compõem uma *intelligentsia*, ele opta por chamá-los de “letrados” ao invés de intelectuais, utilizando-os para “(...) descrever grupos sociais cujos membros se consideravam ‘homens de saber’ (docti, eruditi, savants, Gelehrteu), ou ‘homens de letras’ (literati, hommes de lettres)”⁹⁸. Só que letras, no contexto estudado por ele, no início da Europa moderna, é empregado para designar cultura e não literatura. Mas, foi Mannheim quem tornou conhecido esse conceito e passou a designar os intelectuais como “(...) grupos sociais que, em toda sociedade, ‘têm a tarefa de formular uma interpretação do mundo para a sociedade’ ”⁹⁹. No Brasil, intelectuais como Alonso¹⁰⁰, Miceli¹⁰¹, Carvalho¹⁰² entre outros, denominam de “letrados” indivíduos portadores de formação superior. Mas, a partir das seleções feitas pelos biógrafos utilizados nesse trabalho, é Celso Castro quem mais se aproxima de uma conceitualização mais exata do que significava ser “letrado” no Brasil imperial, na qual se enquadram os intelectuais sergipanos monárquicos:

É preciso relativar o que se entende por ‘não-elite’. Segundo o censo de 1872, de uma população livre de oito milhões e meio de habitantes, havia menos de doze mil alunos matriculados nas escolas secundárias e, no país como um todo, não mais que oito mil pessoas com educação superior (Carvalho, J., 1980:65). No conjunto da população brasileira, mesmo os oficiais de origem mais humilde pertenciam à minúscula porcentagem de **letrados que receberam alguma educação além da básica** [grifo meu].¹⁰³

96BURKE, Peter. 2003. *Uma história do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

97 Idem. p. 25.

98 Ibidem. 26.

99 MANNHEIM. Apud. Burke. p.25

100 Cf. ALONSO. op. cit.

101 Cf. MICELI. op. cit.

102 Cf. CARVALHO. op. cit.

103 CASTRO, Celso. 1995. *Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. p. 27.

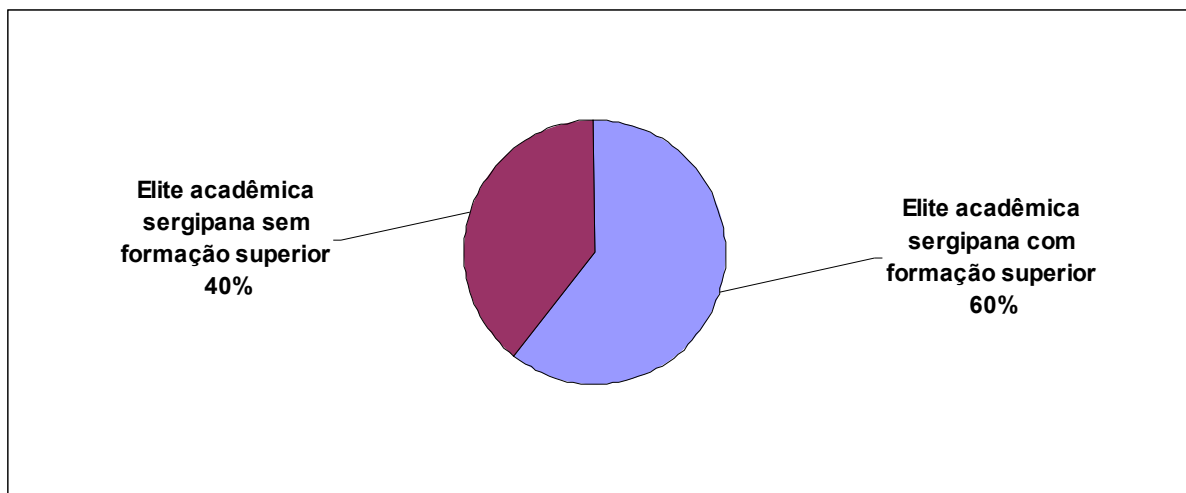
Por partir do princípio que a sociedade representa o macrocosmo da organização humana, partilhado pelos microcosmos (social, econômico, político, religioso, cultural, intelectual), ao analisar o microcosmo intelectual de Sergipe, no período imperial, ficaram perceptíveis algumas facetas desse universo. A primeira delas é a formação acadêmica geradora de dois grupos distintos: o com formação superior e o com formação básica, mas, embora distintos, interligados através de um ponto em comum – o exercício da atividade intelectual, que gera o que Sirinelli¹⁰⁴ conceituou como sendo um ecossistema – a *intelligentsia*. Uma segunda faceta é que ambos os grupos são legitimados, de forma igual, pela sociedade sergipana na época e pela geração posterior. Esse aspecto será discutido com mais profundidade no item **Legitimação da *intelligentsia* Sergipana.**

Quanto à primeira faceta, essa análise mostra que as elites acadêmicas sergipanas, formadas pelas escolas superiores e pelos cursos de humanidades, somaram-se àqueles com formação básica (primária e secundária). Essas elites subdividiam-se em várias “inter-elites” intelectuais (médicos, engenheiros, bacharéis em direito, eclesiásticos, professores, funcionários públicos, entre outras categorias profissionais), circundadas pela macro-elite intelectual – a *intelligentsia*.

Na composição das elites acadêmicas, vê-se que, apesar de ser a maioria dos intelectuais da *intelligentsia* sergipana de formação superior, a diferença entre os que tinham essa formação e os que não a tinham, quando analisada dentro do contexto educacional brasileiro e, conseqüentemente, também no sergipano, revela que ser letrado constituía-se no passaporte para entrar no campo intelectual, que se convertia em capital cultural.

104 SIRINELLI, 1996. op. cit. p. 252.

GRÁFICO 4
ELITES ACADÊMICAS SERGIPANAS DO PERÍODO MONÁRQUICO



Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

2.1.1- A Elite Acadêmica Sergipana Com Formação Superior

Quando se pensa na origem da elite acadêmica sergipana com formação superior, foi possível constatar nesse trabalho que nem todos vieram da classe dominante. Dos 150 intelectuais diplomados, nove não tinham condições financeiras para cursarem escolas superiores. Para tanto, os grupos sociais menos favorecidos ou com problemas financeiros utilizavam-se de estratégias, como, por exemplo, a de entrar para o magistério e depois solicitar auxílio do governo para cursar as Academias do Império. Outras estratégias usadas pelos nove estudantes sergipanos, mais pobres, podem ser elencadas: licença¹⁰⁵ ou empréstimo¹⁰⁶ governamental que poderia ser concedido mediante condição do solicitante pagar uma pessoa para substituí-lo ou sob a forma de empréstimo, a ser restituído em parcelas depois de formado; subvenção de D Pedro II¹⁰⁷; empregando-se em colégio para poder

105 Francisco Antonio de Carvalho Lima Junior, em 1879, obteve, da Assembléia Provincial, uma licença de sete anos para preparar-se e fazer o curso de direito, não chegando a concluir; José Alves Pitangueira, decorridos alguns anos de exercício do magistério público, recebeu licença para estudar no Seminário da Bahia, no qual recebeu as ordens de presbítero em 1843; e, Antonio Rodrigues de Sousa Brandão, professor do ensino elementar por concurso público, recebeu licença do governo para estudar medicina. GUARANÁ. Op. cit. p. 90.

106 Domingos José Alves, para estudar medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se em 1849 e Simeão de Faro Rolemberg, para continuar seu curso jurídico. GUARANÁ. Op. cit. p. 63.

107 Antonio Dias dos Santos, sem recursos para estudar engenharia civil, recebeu subvenção de D. Pedro II. GUARANÁ. op. cit. p.19.

continuar a estudar¹⁰⁸; aprendendo um ofício¹⁰⁹; só defender a tese anos depois¹¹⁰; entrar depois para a vida militar como cadete devido a seu pai ter pertencido a Guarda Nacional¹¹¹.

QUADRO 13
COMPOSIÇÃO DA ELITE ACADÊMICA SERGIPANA COM
FORMAÇÃO SUPERIOR NO PERÍODO MONÁRQUICO

Profissão	Nº Profissionais
Bacharel em Direito	69
Doutor em Direito	1
Engenheiro Agrônomo	1
Engenheiro Civil	2
Farmacêutico	3
Farmacêutico e Médico	1
Médico	65
Médico/ Farmacêutico	1
Militar	7
Total	150

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Por vezes, há o esforço familiar para educar um dos seus membros, em quem todas as esperanças estão postas, como é o caso do sergipano Graciliano Aristides do Prado Pimentel¹¹², filho de Joaquim José de Barros Pimentel e Anna Hortencia do Prado Pimentel, natural de São Cristóvão, que se preparou no curso humanidades no extinto Lyceu de São Cristóvão. Sem condições financeiras precisou vencer as dificuldades para fazer sua educação literária. Graças aos esforços de sua mãe, formou-se pela Faculdade de Direito do Recife, em 1862. Escritor, poeta, utilizou o pseudônimo de Gracho. Foi membro de algumas sociedades científicas. Recebeu o título de Comendador da Ordem de Christo, em 1881. Ocupou, no período imperial, os seguintes cargos: promotor público da comarca de Aracaju (1862), juiz municipal e de órfão do termo de Laranjeiras (1862-1864), advogado no Rio de Janeiro (1865), secretário do governo do Espírito Santo, secretário do governo de Vitória, foi inspetor geral da instrução pública, presidiu as Províncias de Alagoas (1868) e a do Maranhão (1878),

108 Francisco Teixeira de Faria, para poder continuar estudando no curso de farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia, empregou-se como professor no colégio o Dr. Ernesto Carneiro. GUARANÁ. op. cit. p. 100.

109 Fabricio Carneiro Tupinambá Vampré, filho de pais pobres, foi aprendiz de marcenaria, especializando-se como entalhador. Depois, como professor público de Primeiras Letras, obteve licença do governo para estudar medicina. GUARANÁ. op. cit. p. 80.

110 Constantino Gomes de Souza, formado em 1851 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, devido à falta de recursos, só defendeu a tese em 1853. GUARANÁ. op. cit. p. 56.

111 Aristides Napoleão de Carvalho, entrou para a vida militar em 1885, como cadete, devido seu pai ter pertencido à Guarda Nacional. Arquivo Particular de Epifanio Dória.

112 GUARANÁ. op. cit. p. 108.

representou Sergipe na Assembléia Provincial (1864-1865) e na Câmara dos Deputados Gerais (1878-1881/1881-1884).

Apesar de estudiosos da elite brasileira, como Adorno, Carvalho, Alonso entre outros, afirmarem a supremacia dos bacharéis em Direito, em detrimento dos médicos, na participação da formação da *intelligentsia* do Brasil-Império, na *intelligentsia* sergipana, essas duas categorias profissionais se equiparam como formadoras do campo intelectual em Sergipe (70 bacharéis X 67 médico). Alguns estudiosos sergipanos, como Calazans¹¹³ afirmam o contrário, compartilhando a idéia de que os bacharéis foram, em detrimento dos médicos, os agentes intelectuais que mais contribuíram para a formação da nação-Brasil e de Sergipe.

A noção de inteligência, entre nós, realmente, como de resto no próprio Brasil, como que esteve sempre identificada com o bacharel em direito, no cidadão capaz de escrever e sobretudo de falar facilmente, improvisando, imaginoso. No caso sergipano, o prestígio dos nossos bacharéis estaria perfeitamente explicado pela posição que os bacharéis do Recife, mestres e alunos, ocuparam a partir do derradeiro quartel do século XIX. É, portanto, lógico entender a dificuldade dos outros diplomados, dos doutores da Bahia e do sul, numa tomada de posição no campo das atividades intelectuais. O caso dos médicos é elucidativo. Inúmeros facultativos, intelectualmente bem dotados, contemporâneos dos bacharéis do Recife, deixaram de participar mais intensamente da vida intelectual do estado por causa, talvez, deste preconceito¹¹⁴.

E assim, continua a desacreditar na ação política dos médicos formados no período monárquico embora excetue Helvécio Andrade. Nesse sentido, Calazans posiciona-se:

Em verdade, querendo localizar a ação dos velhos médicos, talvez apenas o nome de Helvécio Andrade mereça referido pela sua ação constante de atividade literária, pelos seus bons estudos sobre os problemas médicos e questões educacionais de uma época¹¹⁵.

Desse modo, despreza a ação de outros médicos que retornaram a Sergipe e atuaram no campo médico e educacional, o que não ocorreu com Helvécio Andrade, que só retorna a Sergipe no período republicano.

Não se pode esquecer da ação dos médicos-educadores, como por exemplo: Dr. Ascendino Angelo dos Reis, Lente da cadeira de inglês do Atheneu Sergipense e depois para a cadeira de história, delegado especial dos exames de preparatórios em 1876, diretor do “Parthenon Sergipense”, colégio de instrução secundária, inaugurado em 1879, um dos

113 CALAZANS, José. O desenvolvimento cultural de Sergipe na primeira metade do século XX. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Nº 26^A – 1961-1965 – Vol. XXII.

114Idem. p. 52.

115 CALAZANS, op. cit. p. 53.

estabelecimentos de ensino particular mais respeitados durante o Império. A comprovação da importância desse médico, como educador, é possível através do registro da Ata da Sessão Extraordinária da Congregação do Atheneu Sergipense, de 10 de Setembro de 1880, na qual consta o requerimento do professor Manoel Francisco d' Oliveira, solicitando a reunião da Congregação para tomar as medidas necessárias para solicitar do Governo Geral, a reconsideração do ato que removeu da Província de Sergipe para a da Amazonas, o D^r Ascendino Angelo dos Reis, 2º Cirurgião do Corpo de Saúde, que também exercia no Atheneu Sergipense o cargo de lente de História e , em 1882, Dr. Ascendino Angelo dos Reis é também professor de História da Escola Normal. afirmando:

(...) que a retirada do Sr. D^r Ascendino [grifo do autor] d'esta provincia trazia incalculaveis prejuizos á instrucção publicada mesma provincia que como lente do Atheneu, onde seus serviços são incontestaveis, quer como Director de um Collegio de educação, que floresce e augura uma vida longe e cuja fundação é devida exclusivamente [grifo do autor] á sua força de vontade e ao seu genio eminentemente emprehendedor.¹¹⁶

Além do Dr. Ascendino Angelo Reis, no Atheneu Sergipense, dos quatro com nível superior, três eram médicos: Daniel Campos, Galdino Telles de Menezes e Olyntho Rodrigues Dantas.

2.1.2- A Elite Acadêmica Sergipana Sem Formação Superior

Quem era essa elite que, mesmo sem formação superior, conseguiu inserir-se no campo tão específico, cuja a razão de ser estava na instrução, em uma época em que era privilégio de quem tinha condições financeiras manter um filho estudando?

Alguns eram provenientes da elite econômica, como José de Barros Accioli Menezes¹¹⁷, natural de Japaratuba, filho do tenente-Coronel e proprietário do Engenho Cabral, João Nepomuceno Telles de Menezes e de Francisca Madureira Accioli. Fez os primeiros estudos na casa paterna, sob a direção do Padre Mucury. Continuou-os em Laranjeiras, no colégio Paulino, e os concluiu na cidade da Bahia. Formado em humanidades, seguiu para a Europa, matriculando-se em um curso superior em Paris. Precisou voltar algum tempo depois para tomar conta dos negócios da família.

116 SERGIPE. PROVÍNCIA DE SERGIPE. Livro de Atas do Atheneu Sergipense.1870-1916. p. 24 (verso) Ata da Sessão Extraordinária da Congregação do Atheneu Sergipense de 10-09-1880. Arquivo do Colégio Atheneu Sergipense.

117 GUARANÁ, op. cit. p. 160.

Outros como Manuel Alves Machado¹¹⁸, natural de Propriá, filho de Domingos Alves Machado e Maria Lucinda Alves Machado, fez alguns preparatórios dos que constituíam o curso Normal, deixando de completá-lo pela necessidade de assumir os encargos de chefe de família para prover a manutenção de sua mãe e de um irmão menor, o que não o impediu, entretanto, de exercer o magistério particular e assumir a cadeira do ensino primário do bairro de São Antonio, em Aracaju (1872), de entrar para o funcionalismo público, ocupando o cargo de Secretário da Câmara Municipal de Aracaju, em 1878.

Pobres como Terencio Manoel de Carvalho¹¹⁹, natural de Santa Luzia, filho de Manoel Luiz de Carvalho e Alexandrina da Fonseca Carvalho. Aos quinze anos de idade, foi vendedor ambulante de tecido em Boquim, depois de ter tentado empregar-se no comércio da Bahia. A sua carreira de magistério foi inicialmente interrompida por causa da vida de pequeno negociante em Boquim durante mais de um ano, e só depois voltou às funções do ensino, abrindo um colégio, que dirigiu até ser nomeado funcionário da Intendência de Riachão. Com o professor Pedro José Gonçalves aprendeu, em Santa Luzia, as primeiras letras e os rudimentos de francês. Com o deficiente preparo que recebeu e o que aprendeu consigo mesmo, entrou para a carreira do magistério particular e para o funcionalismo público como funcionário da Intendência do Riachão.

Mas, poucos foram os que, sendo filho natural de uma ex-escrava, ao ser legitimado pelo pai, teve acesso a uma educação acadêmica, mesmo sem ter cursado o superior, como foi o caso de Amâncio Bispo de Sá. No auto de contas, o tutor responde ao juiz pela educação do seu tutelado:

Auto de Contas

(...) Sendo perguntado pelo Juiz ao dito Tutor se o seu Tutelado Amancio Bispo de Sá, filho de Joaquim Vieira de Mello, está com saúde, e recebendo a educação necessária bem como se sabe a doutrina cristã.

Respondeu que tendo vindo o mesmo orfão para o seu poder em julho de mil oitocentos e sessenta e nove, logo depois boutou-o na escola primaria nesta cidade, o resto do anno referido; e que depois em Fevereiro de mil oitocentos e setenta foi para o Colegio em Aracaju regido pelo Professor Gimminiano Paes de Azevêdo, onde estivera o anno de mil oitocentos e setenta a mil oitocentos setenta e um; depois seguiu em Fevereiro ao corrente anno para a cidade da Bahia e ali entrou no Colegio de Vera Cruz regido por José Olegario de Abreo, onde esteve até o dia 28 de Setembro proximo passado, em que casou com Maria Roza, tudo no decurso desse tempo algumas molestias das quais foi completamente tratado, achando-se com perfeita saúde naquella dia vinte e oito de Setembro desse anno; e quanto a Doutrina Cristã que sabe.

118 GUARANÁ, op. cit. p. 202.

119 Idem. p. 268.

Perguntado se elle Tutor teve sciencia do casamento de seu Tutelado, e se foi com concentimento do Juizo de orfãos.

Respondeu que teve sciencia e foi com seo concentimento; e quanto o concentimento do Juizo que não foi preciso comprovar com a justificação dada perante o Vigario da Vara de que tinha completado os vinte e um anno. (...) Perguntado quanto montarão as dispezas feitas com o mesmo orfão seo Tutelado.

Respondeu que com vestuario escollas de primeira letras no anno de mil oito centos sescenta e nove annos e Colegio no Aracaju nos annos de 1870 e 1871, livros, visitas medicas e medicamentos, bem como no Collegio da Bahia de Março a setembro do corrente anno de 1872, cama e roupas para elle; bem como a quantia de um mil reis sumario para despezas praticar do mesmo seo tutelado durante o tempo que entrou nos collegios (...)¹²⁰.

E, como comprovante da sua prestação de contas, anexa toda a despesa que teve com o órfão, de julho de 1869 a maio de 1872:

QUADRO 14
CONTA DAS DESPESAS FEITAS COM A CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO
DO MENOR AMANCIO BISPO DE SÁ

Ano	Dia	Descrição	Valor
1869			
Julho	11	6 C ^{os} alpração fino	5\$760
		3 Varas 3 [ilegível] danuzu preto	2\$930
		Aviamentos para os paletores 2 calças	\$800
	15	6 C ^{os} de riscado para 2 camisas	2\$400
		3 pe v ^{as} madastra por 2 ditas	1\$680
		3 Pares de meias	1\$320
	27	1 vara ³ / ₄ danuzu preto para calça	1\$330
		Feitio de 2 palitores e 3 calças	5\$800
		1 Chapeu d'alpaca	5\$600
Agosto	4	1 Pedra de lousa e lápis	\$300
	9	Caneta, penas e papel	\$120
		3 Varas 3 danuzu preto	\$930
	19	1 Par de botinas	6\$000
	31	Dinheiro ao mestre de 1 ^a letras 1 mez	1\$280
Setembro	1 ^o	Papel, penas e dinheiro por vezes	\$260
	22	Feitio de 2 calças e 1 palior	2\$800
Outubro	2	Dinheiro ao Mestre de 1 ^a letras 1 mez	1\$280
	10	12 varas murim para 6 camisas	6\$000
		Linhas e botons	\$480
	26	Papel e penas	\$240
Novembro	9	8 Varas murim para 4 camisas	4\$000
		6 Corvados de xita para 2 camisas	2\$880
		Feitio de 4 camisas a dias	1\$920
		Ditto de 12 ditas	7\$040
		Dinheiro ao Mestre de 1 ^{as} Letras 1 mez	1\$280
Dezembro	3	Papel penas escrita de ferias	1\$200
		Dinheiro ao Mestre de 1 ^{as} Letras 1 mez	1\$280

120 AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Cx 01-207. Ação de Prestação de Contas. Doc. 29-08-1872.

	28	3 ½ Corvados pano fino palitor e calça	28\$000
		½ seda fina 1 colete	1\$600
			98\$510

Transporte

1869			98\$510
Dezembro	28	4Varas brim amarelo palitor e calça	98\$600
		3 ½ Varas de [ilegível] de Linho palitor, calça	7\$000
		4 ½ Varas pano de Linho 3 siroula	3\$600
		Papel caneta e penas	\$120
		Aviamentos para as obras asima	5\$620
1870			
Janeiro	22	Dinheiro ao Mestre de 1 ^{as} Letras 1 mez	1\$280
		10 Corvados xita para 2 cobertas	3\$200
		6 Varas murim para forro	2\$400
		2 Varas murim para 2 sirolas	1\$000
		12 Varas algodão para 4 lenços	4\$800
		1 Coberta azul	3\$840
		8 novelos	\$160
		1 marquesa para cama	16\$000
		1 colção	10\$000
		1 traveceiro	1\$000
		1 Bacia estanhada	2\$000
		2 Pentes	1\$000
		1 Espelho	\$640
		1 Sabonete	\$360
		1 Escova para dentes	1\$500
		1 Dita para roupa	1\$000
Fevereiro (nº1)	3	Passage no Vapor para Aracaju	2\$000
		Colégio no Aracaju 1º trimestre	100\$000
		Feitio de obras ao alfaiate Manoel da Bahia	15\$900
		½ Dúzia toalhas de rosto	4\$000
		1 Xapeo de pelo? Fino	8\$000
		1 Par sapatos trança	2\$200
		1 gravata	\$800
		Feitio de 2 Cobertas 4 lençoes 3 fronhas	1\$880
Abril	20	Passagem no Vapor para baixo [por férias	2\$000
Maio (nº1)	5	Colégio no Aracaju 2º trimestre	100\$000
		Lavagem e goma em 2 trimestre	24\$000
	18	4 vidros pelolas valete para [ilegível]	6\$000
			441\$010

Transporte

1870			441\$010
Junho		Despesa feita no Aracaju em casa de D. Maria Duarte Magalhães de 7 de Fevereiro a 19 de Junho 1870	---
		Dinheiro para despesas particulares 1000 por semana de 7 a 27 Fevereiro 4 semanas	4\$000
		1 gramatica, pedra, lápis, caneta, papel e tinteiro	5\$390
		1 Urinol com tampa	2\$000
Março	6	1 par sapatos	4\$500
	27	Despesas particulares 4 semanas	4\$000
Abril	3	Dito para 4 semanas	4\$600
	13	3 Corvados xita 2 Varas [ilegível]	2\$000
		Passagem para Laranjeiras em férias	2\$000

	20	Pente, espelho, gravata, tesoura	3\$320
Maio	29	Despesa particular 5 semanas	5\$000
		Cartilha, lapis e penas	\$860
Junho	19	Despesa particular 3 semanas	3\$000
	27	Passagem Vapor volta de férias	2\$000
Julho	5	1 Livro	2\$500
		Passagem no Vapor	2\$000
	14	1 Cobertor	2\$000
	31	Despesa para 5 semanas	5\$000
		1 Par botinas	9\$000
Agosto	13	Colégio no Aracaju 3º trimestre	100\$000
		Lavagem e goma [ilegível]	16\$000
Setembro	15	4 ½ Varas brim branco Linho fino	11\$250
		Feitio das obras de brim asima	5\$000
		Despesa particular em Agosto	4\$500
		Dinheiro para 1 camiseta	2\$000
		Dinheiro para 1 passagem do Porto no Aracaju quando doente	1\$600
		Visitas medicas em Junho e Agosto	11\$000
		Medicamentos no Aracaju	11\$300
		4 Varas brim corganza	6\$400
			673\$230

Transporte

1870			673\$230
Novembro	30	Feitio de obras	4\$160
		Despesas particulares em setembro	4\$000
		Despesas particulares em outubro	5\$000
		Despesas particulares em novembro	8\$120
		2 Pares de meias	\$880
		1 Escovinha	\$500
		1 Par sapatos trança	2\$400
		Lapis e penas	\$480
Dezembro	24	Dinheiro para despesas particulares	1\$000
		1 abotadura	\$500
		1 xapeo	8\$000
		Corte cabelo	\$240
		1 Pessa mad ^{to} para camisas	12\$000
		Passagem para sima em 30 de novembro	3\$000
			723\$510
1871			
Janeiro	13	2 Varas de brim pardo 1 calça	2\$580
		4 ½ Varas brim angola 1 paletor	9\$000
		2 Varas danzu (?)	1\$600
		Botons para camisas	\$500
		7 Corvados princeta 3 calças	9\$800
		1 ½ Corvados vetros 1 paletor	\$600
		[ilegível] linhas botons	\$480
Fevereiro	2	5 pares meias	3\$600
		6 Lenços brancos	2\$400
		1 gravata	1\$000
		1 par sapatos trança	2\$400
		7 ½ Varas algodão 2 lenções	3\$000
		3 varas mad ^{to} fronhas	1\$200
	4	Canoa para Aracaju	5\$000

		Colégio Aracaju 1º trimestre	115\$000
		Despesas particulares fevereiro	4\$000
		1 gramatica Francesa	5\$000
		2 dicionarios Fonseca e noquete	<u>12\$000</u>
			902\$650

Transporte

1871			902\$650
Fevereiro	4	Feitios ao Manoel da Bahia	8\$000
		Dinheiro de 10 camisas	8\$000
		Dinheiro de 2 lençõs 3 toalhas	\$640
		4 Varas franja para as mesmas	\$640
		Gomagem de roupa	1\$600
		Aviamento para obras em Janeiro	\$930
Março	26	Despesas particulares em Março	3\$000
		Dinheiro para pilotas de serões	\$960
	30	Sarveiro para Laranjeiras	3\$000
Abril	11	1 Pente	\$640
	16	Passagem para Aracaju	2\$000
		Despesa particular Abril	4\$000
		2 Vidros pilola valete	2\$880
		Par botinas	9\$000
Maio	1º	Despesa particular Maio	4\$000
		Colégio no Aracaju 2º trimestre	115\$000
		Livros	6\$600
Junho		Despesas particulares em Junho	4\$000
		1 par sapatos trança	2\$000
		Dinheiro para passagem	2\$000
		1 lata de graxa	\$200
Julho		Despesa particular Julho	5\$000
		1 Par tamancos	\$500
Agosto		Despesa particular em Agosto	4\$000
		Teatro	2\$000
		Dinheiro para 1 mag ^{to} que quebrou no teatro	6\$000
		6 ½ corvados algodão para palitor e calça	6\$500
		1 vara ¾ brim Linho calça	3\$500
		Aviamentos	1\$100
		Feitios ao alfaiate Manoel da Bahia	5\$200
Setembro		Colégio no Aracaju 3 trimestre	115\$000
		Visita medica e medicamentos	15\$400
Outubro	22	1 abotuadura para colete	\$800
			1:246\$820

Transporte

1871			1:246\$820
Outubro	22	1 Chapeo a José Telles Aracaju	7\$000
Novembro	19	Saveiro para Laranjeiras	6\$000
Dezembro	2	2 Varas de brim Linho para calça	5\$000
		Feitio da mesma	1\$500
		Corte de cabelo	\$200
	23	Dinheiro para doces e frutas (?)	2\$000
		1 Par botinas	10\$000
		Despesa particular em Setembro	4\$000
		Despesa particular em Outubro	4\$000

		Despesa particular em Novembro	4\$000
		1 Par sapato no Aracaju	2\$400
		Ganhadores no Aracaju	\$480
	31	Dinheiro para doses	<u>1\$000</u>
			1:274\$400
1871			
Fevereiro	2	2 Corvados pano fino para palitor	12\$000
		3 ½ seda calça e colete	8\$750
		4 ½ Vara brim palitor e calça	7\$200
		4 ½ brim palitor e calça	9\$000
		4 vara brim [ilegível] 2 calças	6\$400
		6 Varas 2/3 pano de Linho 4 sirolas	6\$680
		Aviamentos pelas obras asima	8\$540
	17	Feitio de obras Manoel da Bahia	25\$120
		3 Coletes feitio e fazenda	9\$000
		1 Duzia meias	4\$000
		1 Espelho	\$640
		1 Escova	\$640
		2 Pentes	1\$000
		12 Lenços	3\$600
		1 Par sapatos trança	2\$200
		1 Chapeo preto	10\$000
		1 gravata	\$600
		1 frasco óleo baboa	\$600
		1 abotuadura fina	<u>1\$000</u>
			1:411\$370
Transporte			
1872			1:411\$370
Fevereiro	7	1 tersoura	1\$000
		Dinheiro para passagem saveiro para Bahia	35\$000
Março	6	Despesa na Bahia	---
		1 Marqueza	14\$000
		1 Lavatorio	3\$500
		1 Bacia	1\$500
		1 Orinol e tampa	1\$500
		2 Traveceiros	5\$000
		2 fronhas	2\$700
		6 Toalhas	6\$500
		2 gravatas	2\$200
		Despesa particular Março	6\$000
		Carreto de boleio	\$400
		Pensão Colégio 1º trimestre Bahia	122\$000
		Lavagem e goma 2\$380	167\$680
		Dinheiro para 2 vezes a Mai do menor	8\$000
		Remédio do preto Guilherme	\$640
	31	Mais despesa na Bahia	-----
		1 casliçal	\$800
		1 Frasco banha	\$500
		1 Espelho	1\$600
Abril		Despesa particular	4\$000
	3	Lave e goma da roupa	5\$560
Maio	30	1 xapeo sol paragai	14\$000
		Lavagem e goma	4\$740

	3 livros	8\$000
	1 gramatica	1\$200
	Bote de Carta	\$500
	1 cadeado e argolas	\$800
	[ilegível] para emancipação	10\$000
	1 Procuração	1\$200
	Despesas particular 4\$000	56\$900
		1:680\$590

Fonte: LAR/C. 1º OF. Cx 01-207. Ação de Prestação de Contas. Doc. 29-08-1872.

Como fica explícito nessa prestação de contas, as despesas com a educação, mesmo não chegando a uma escola superior, como os casos aqui registrados, representavam um investimento alto.

QUADRO 15
COMPOSIÇÃO DA ELITE SERGIPANA ACADÊMICA SEM FORMAÇÃO SUPERIOR NO PERÍODO MONÁRQUICO

Formação	Nº
Com Formação Acadêmica Básica (primária e secundária)	47
Formados em Seminários Episcopais	28
Bacharéis em Humanidades	14
Sem Informação	12
Total	101

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

2.2- Trajetória da *Intelligentsia* Sergipana

A trajetória profissional, dos intelectuais sergipanos do período imperial, mostra os itinerários específicos que cada um seguiu e que, agrupados, formaram caminhos idênticos. Para tanto, o princípio de que se parte é que:

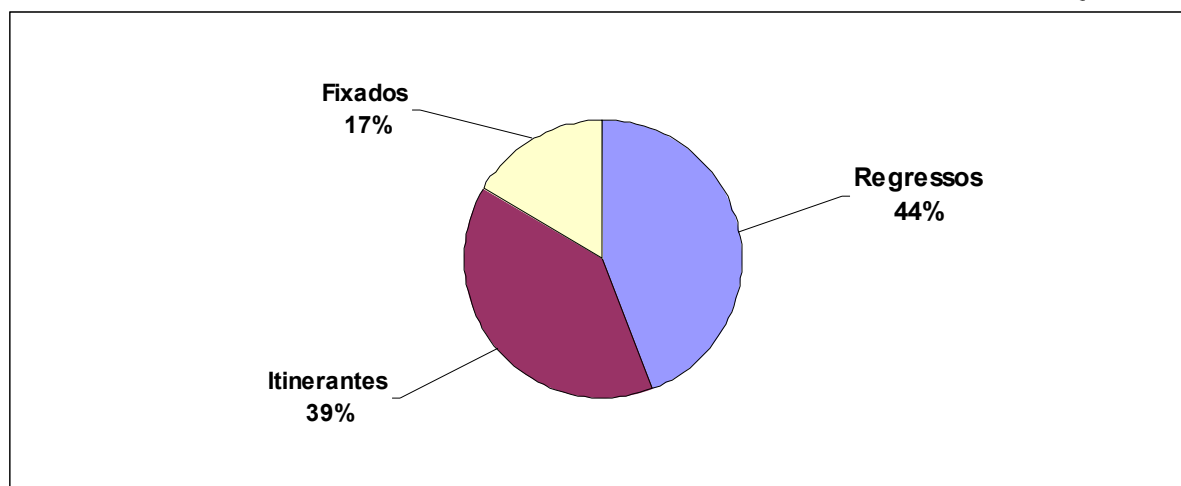
Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundem uma vontade e um gosto de conviver¹²¹.

Levando-se em consideração que a trajetória de um só indivíduo não pode representar o grupo, é necessário ter em vista a trajetória dos vários indivíduos para poder perceber seus

¹²¹ SIRINELLI, 1997. op. cit. p. 248.

pontos em comum, suas discordâncias, de forma a descobrir, na diversidade, a unidade dessa composição.

GRÁFICO 5
TRAJETÓRIA DA *INTELLIGENTSIA* SERGIPANA NO PERÍODO MONÁRQUICO



Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

A formação escolar do Intergrupo¹²² de intelectuais, responsáveis pela formação da *intelligentsia* sergipana, reflete a tendência do “Grupo dos 400”: um alto índice de formação superior.

QUADRO 16
INTELECTUAIS SERGIPANOS COM FORMAÇÃO ACADÊMICA SUPERIOR NO PERÍODO MONÁRQUICO

“Grupo dos 400”	Nº	%
Com formação superior	260	65
Sem formação superior	140	35
“Intergrupo”	Nº	%
Com formação superior	150	60
Sem formação superior	100	40

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Mas os dados por si só não falam sua essência, são apenas dados expostos, por isso, é necessário atentar para o que afirma Ginzburg: “Para ver as coisas devemos, primeiramente,

¹²² Denomino de “Intergrupo” os intelectuais sergipanos (251) que irão compor, a título de análise neste estudo, a *intelligentsia* sergipana e o “grupo dos 400” a totalidade da amostragem dos intelectuais sergipanos aqui analisados, que durante o Império foram reconhecidos, pelos seus pares e pela sociedade, como intelectuais.

olhá-las como se não tivessem nenhum sentido (...)”¹²³. Só assim, despojado de conceitos pré-estabelecidos é que se pode vê-las como realmente são.

Diante do exposto, compreender o universo acadêmico, vivido pelos intelectuais sergipanos quando estudantes, e o modo através do qual eles obtiveram legitimação profissional, é compreender a sua trajetória de vida exposta por seus biógrafos. O que faz refletir o que Thompson diz a respeito da história:

A explicação histórica não revela como a história deveria ter se processado, mas porque não se processou dessa maneira, e não de outra; que o processo não é arbitrário, mas tem sua própria regularidade e racionalidade; que certos tipos de acontecimentos (políticos, econômicos, culturais) relacionaram-se, não de qualquer maneira que nos fosse agradável, mas de maneiras particulares e dentro de determinados campos de possibilidades; que certas formações sociais não obedecem a um ‘lei’, nem são os ‘efeitos’ de um teorema estrutural estático, mas se caracterizam por determinadas relações e por uma lógica particular de progresso¹²⁴.

As evidências expostas e percebidas através dos dados biográficos ajudam a desconstruir duas hipóteses pré-concebidas sem uma análise mais aprofundada. A primeira afirma que a intelectualidade sergipana é um advento republicano; e a segunda entende que Sergipe foi uma Província de emigrados intelectuais.

A primeira hipótese leva a acreditar que um grupo de intelectuais se origina apenas de dispositivos políticos postos à sua disposição através da mudança de regime político. A mudança da forma de governo teria, para os partidários desse tipo de entendimento, a capacidade de promover, imediatamente, alterações profundas na história e na consciência de um povo, concebendo os indivíduos como seres passíveis de serem isolados no tempo e espaço históricos, “como postes sólidos entre os quais, posteriormente se pendura o fio dos relacionamentos”¹²⁵.

Ao partilhar do pensamento do sociólogo Norbert Elias, é possível afirmar que “(...) todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele (...) constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer”¹²⁶. Assim, “(...) somos obrigados a reconhecer que o ser humano singular é gerado e partejado por outros seres humanos”¹²⁷, sendo, portanto, inconcebível crer que, a partir de um

123 GINZBURG, 2001. *Olhos de madeira*: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras. p.22.

124 THOMPSON, E. P. 1981. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. p. 61.

125 ELIAS, Norbert. 1994. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.p. 25.

126 Idem. p. 26-27.

127Ibidem. p. 26.

determinado fato e tempo históricos, a linha da vida social de um grupo possa quebrar, originando uma fenda capaz de esconder parte do todo. Por compartilhar desse entendimento, é possível afirmar que o processo de formação da intelectualidade brasileira assemelha-se a uma colcha de retalhos, na qual cada Província se constituiu em um pedaço de tecido específico, que juntas produziram uma forma com características singulares. A intelectualidade de cada Província, apesar de ter sido tecida com o mesmo fio, produziu uma estampa específica devido à sua unicidade regional.

Nesse contexto, estão os intelectuais sergipanos que se formaram nas mesmas estruturas de ensino, dispuseram os mesmos padrões de civilidade e de ascensão profissional a serem alcançados (seja no âmbito do ensino primário e secundário como no superior) que aqueles nascidos em outras Províncias. A trajetória singular de cada um dos indivíduos e a da Província de Sergipe produziram sujeitos que se reconheceram e se configuraram como um grupo de portadores de uma mesma identidade regional e cultural, única em face das demais Províncias, mas não desconectada do todo que é a nação brasileira.

Dos 400 intelectuais sergipanos aqui analisados, os 250 intelectuais que formam a *intelligentsia* composta pelos grupos de itinerantes, regressos e fixados, independente do tempo e da localidade sergipana na qual atuaram como intelectuais, ajudaram a construir o campo intelectual sergipano, demonstrando que, durante o período monárquico, havia já uma sólida intelectualidade sergipana em atuação e que não houve necessidade de aguardar a proclamação da República para que isto acontecesse.

Quanto à segunda hipótese, faz-se necessário ousar pensar na possibilidade de que há um certo exagero na questão dos emigrantes-intelectuais¹²⁸. Os dados coletados neste trabalho levam a esse tipo de conclusão, acrescentando-se o fato de que a certeza da emigração ganhou ênfase a partir de uma série de artigos publicados por Epifânio Dória, para denunciar a emigração dos intelectuais sergipanos oitocentistas e do início do século XX, do mesmo modo que os trabalhadores, de um modo geral, viajavam em busca de oportunidades econômicas.

Sergipe tornou-se, desde as duas últimas décadas do século passado, quando sofreu as consequências de duas tremendas secas (1888 e 1898), um viveiro de emigrantes. (...) O sul bahiano, por sua vez, vem atraindo levas de sergipanos que ali se localizam e nunca mais retornam à gleba natal, isto a partir das três derradeiras décadas do século XIX. Tão forte tem sido esse fluxo migratório para o sul bahiano que coube aos sergipanos o desbravamento da zona cacaueteira, cabendo a um deles, José Firmino Alves,

128 É feita uma distinção entre um grupo heterogêneo de emigrantes, composto pelas diversas categorias profissionais, dos emigrantes que saíram para estudar e não mais retornaram a Sergipe.

fundar ali, em 1873, a cidade de Itabuna, atualmente uma das mais importantes do interior bahiano (...) ¹²⁹.

O êxodo de sergipanos, na última década do século XIX e primeiras do século XX, está fartamente documentado pelos jornais, falas dos parlamentares nas tribunas e dos governadores sergipanos, mais associado às secas e à questão da necessidade de mão-de-obra ¹³⁰ e não especificamente de intelectuais, como insiste em reafirmar Souza:

Em 1903, Manuel dos Passos Oliveira Telles afirmava que os moços de Sergipe saíam barra afora ‘tentados pelas seduções do renome’. Essa tese é reiterada, em 1908 [aqui há um equívoco, posto que a tese é de 1928], por Joaquim do Prado Sampaio ao asseverar que ‘em litteratura e em sciencia, Sergipe foi e continua uma terra de emigrados’. O motivo dessa migração teria sido o desejo de ‘firmarem largas reputações litterarias e scientificas’, uma vez que o torrão natal não dispunha de um público educado, com competência para conseguir os seus talentos, de uma alentada imprensa, capaz de torná-los conhecidos em outros pontos do país e de opulentas bibliotecas e academias, essenciais para o desenvolvimento da atividade intelectual. Em 1912, Florentino Teles de Menezes tenta persuadir a intelectualidade sergipana a fundar ‘uma associação scientifica que distinga seus grandes homens’, impedindo que ‘os nossos talentos sejam condecorados por sociedades estrangeiras ou de outros Estados’. Esta seria, na sua perspectiva, a razão ‘do marasmo, da falta de estímulo que existe em nossa terra’ ¹³¹.

Contudo, uma análise da discussão realizada por Telles revela que este autor não apresenta dados que comprovem, com exatidão, o período ao qual faz referência: “O movimento, de expatriação voluntária dos sergipanos **desde tempos observados**, [grifo meu] e com freqüência repetido, deu talvez ensejo juntamente com outras cousas para accentuar a nossa indole aventureia” ¹³². Quanto às causas que levaram aos sergipanos a emigrarem, Cristiane Vitório diverge do autor, pois não crê que as causas da emigração estariam relacionadas apenas a motivos intelectuais:

Attrahidos pela ambição de fortuna, impellidos por circunstancias prementes, [grifo meu] tentados pelas seduções do renome, é o facto que os sergipanos sahem barra fora. (...) De tempos para cá o exodo tomou proporções deploráveis, e a sahida dos moços obedece por assim dizer, aos acontecimentos politicos do derradeiro quinquennio ¹³³.

Assim, ao pinçar-se frases de um autor, corre-se o risco de não se perceber o que realmente significam aquelas afirmativas ou negações no âmago da obra do mesmo. O

129 Epifânio Doria. “Chonica do dia”. Sergipe Jornal. 19 de junho de 1956.

130 PASSOS Subrinho, Josué Modesto dos. 2000. *Reordenamento do trabalho*: trabalho escravo e trabalho livre no nordeste açucareiro. Sergipe 1850-1930. Aracaju: Funcaju. p. 383-400.

131 SOUZA. op. cit. p 32-33.

132 TELLES, Manuel dos Passos Oliveira. 1903. *Sergipenses*. Escritos diversos. Aracaju: Tipografia do Estado de Sergipe. p. 151-152.

133 Idem.

objetivo do capítulo “*A propósito do Sergipe artístico*”, de Telles¹³⁴, não foi apenas o de expor a questão da emigração sergipana, reconhecendo a marginalidade intelectual à qual diversos intelectuais de Sergipe estariam submetidos, e sim o de se defender - atacando - a crítica literária da qual foi alvo. Essa foi feita por Alves de Farias, um não-sergipano, a respeito da poesia intitulada *Christophaneida*, tida, pelo crítico em questão, como uma ressurreição arcaica, sem a forma portuguesa da palavra. Telles rejeitou as afirmações do crítico, argumentando em nome da liberdade de criação literária do autor.

Ao utilizar um artifício corrente nas polêmicas entre intelectuais, Telles fez alguns elogios ao seu oponente para depois atacá-lo. Falou sobre o que ele chamou de “movimento de expatriação voluntária dos sergipanos” em contrapartida a uma reduzida imigração, incapaz de compensar o êxodo: “A emigração foi sempre constante, perene, avolumada; a imigração, nulla”¹³⁵ Utilizou esse argumento para colocar o crítico literário na condição de não-conterrâneo: “Os ultimos governantes têm sido obrigados a importar, o que está dando lugar ao estabelecimento de uma corrente imigratoria insignificante e apouca ainda latente. (...) Alves de Faria é do numero desses, e ocupa logar saliente”¹³⁶. Continua a se defender dizendo:

Como não tenho lima, também não filio-me a escholae. Não tenho livro publicado, e o que de mim corre em letra redonda consta dos jornaes de Sergipe desde 1877. (...) Estudar um poeta cujas producções ainda não foram postas em volume, de quem se pode com razão dizer que seus membros andam, espasos (dijecto membro poeta), se não é incumbência difficil, todavia é compromisso de muita paciência¹³⁷.

Já Sampaio desenvolve seu trabalho *Sergipe artistico, litterario e scientifico*, pautado na questão da emigração, embora afirme ser um estudo das causas emigratórias sob o ponto de vista artístico, literário e científico e não social: “Compreende-se não vir aqui a pello o estudo das causas emigratorias sob o ponto de vista social, mas offerecer-se interessante e indispensavel esse estudo do ponto de vista artistico, litterario e scientifico”¹³⁸. O autor, contudo, se contradiz nessa afirmativa, quando apresenta solução para o problema emigratório sergipano:

A nosso ver – e o dizemos sobre o leve dos acontecimentos, - o estanque da emigração **sob o ponto de vista social** [grifo meu] só poderá ser conseguida pela regeneração da lavoura, principalmente revolucionaria pela pratica

134 TELLES, op. cit. p. 151-152.

135 Idem.

136 LEITE, Joaquim do Prado Sampaio. 1928. *Sergipe artistico, litterario e scientifico*. Aracaju: Imprensa Oficial. 151-152.

137 Idem.

138 Ibidem. p.76-77.

intensiva da policultura, pela discriminação das terras publicas e particulares, vinculando-se o lavrador aos seus domínios, porque elle é o cerne, o âmago, o nevo da nossa vida social, alicerçando-se, desta arte, o bem estar de todos os ramos da actividade indígena¹³⁹.

Dentre os autores mencionados, Sampaio é o que realmente fala sobre a questão da emigração intelectual, embora sob a ótica dos interesses republicanos¹⁴⁰, pois afirma que, de 1908 para 1928, “uma mocidade menos idealista e mais cultuada levanta-se, na luta pelo pensamento, demandando novos horizontes”¹⁴¹. Assim, para ele, é a partir desse período que, através da imprensa, há mais intercâmbio de idéias. Através do jornal, do livro e das revistas aparecem melhores condições. No seu entendimento, graças a Epifânio Dória, diretor da Biblioteca Pública do Estado, a mocidade pôde ter acesso às novas produções nacionais e estrangeiras. Um novo regime de educação primária teria revigorado a inteligência, criando o ideal da educação utilitária do ponto de vista nacional, saindo, assim, Sergipe, do estado de marasmo em que se encontrava.

Para Sampaio “(...) no domínio das letras, também no dominio das artes é longe do patrio ninho que os nossos talentos vão desabrochar como se a atmospheria natal ‘tão propicia à sua primeira eclosão, os impedisse de alli attingir á completa florescência’ ”¹⁴². Ao tomar por exemplo essa afirmativa, Horácio Hora, que teve seu talento descoberto em Sergipe, onde não havia pintores propriamente ditos, mas que somente conseguiu se afirmar depois de freqüentar os círculos artísticos de Paris, executando as suas melhores telas (Pery e Cecy, Miséria e Caridade), entendia que, “em litteratura e sciencia, Sergipe foi e continua uma terra de emigrantes”¹⁴³, relacionando como exemplo os literatos “(...)Pedro de Calazans, Bittencourt Sampaio, Gomes de Souza, Elizario Pinto, Prado Pimentel, José Lourenço de Magalhães (...)”¹⁴⁴. Mas, todos eles, na verdade, foram itinerantes e não emigrados, com exceção de Elizario Pinto¹⁴⁵. Para Sampaio “a jornalística indigena” não estava em expansão nem tinha força para se fazer presente no cenário nacional. Admitia que, na área jurídica, se destacava Gumersindo Bessa, mesmo assim devendo a sua apresentação a Silvio Romero.

Prado Sampaio se equivoca na sua análise, posto que, no período monárquico, estiveram atuando em Sergipe vários intelectuais mediadores, como os professores do

139 LEITE, op. cit. p. 83.

140 O trabalho foi publicado em 1928, veiculando a idéia de que é no período republicano que o Brasil se firma como nação intelectualizada, sob o signo da modernidade.

141 LEITE, op. cit. p. 84.

142 Idem. p.77.

143 Ibidem. p. 79.

144 Ibidem. Idem.

145 BITTENCOURT. op. cit. p. 40.

Atheneu Sergipense, a exemplo de Bricio Mauricio de Azevedo Cardoso, Alfredo de Siqueira Montes, Geminiano Paes de Azevedo, Antonio Diniz Barretto, Justiniano de Mello e Silva, Raphael Archanjo Montavão, além de professoras particulares, como Etelvina Amalia de Siqueira, Francina Telles de Menezes e Possidonia Maria de Santa Cruz Bragança.

Assim, várias são, na verdade, as teses pseudo-explicativas para a emigração dos intelectuais sergipanos, inclusive a relacionada com a dimensão territorial sergipana, defendida por Arivaldo Silveira Fontes que inicia seu discurso de posse, no IHGB, com essa afirmativa: “Sergipe é pela sua exígua dimensão territorial o menor estado do Brasil. Devido a essa escassez de terras é o sergipano obrigado a emigrar para outros estados, bem maiores, e com vazios a preencher”.¹⁴⁶ Ora, a extensão territorial de Sergipe não justifica a emigração ocorrida e que, até hoje, ocorre para os grandes centros.

Essa concepção da extensão territorial de Sergipe, como fator negativo para a gestação e florescimento de intelectuais, não é aceita por Elias Montalvão. Em seu livro “Meu Sergipe”, afirma que “(...) Sergipe, apesar de ser o menor Estado da União, tem grande numero de intellectuaes e alguns jurisconsultos”¹⁴⁷. Para provar isso aos alunos sergipanos, ele enumera vários intelectuais do período imperial e do início da República, relacionando-os por áreas (jurídica, medicina, literatura, engenharia, filosofia, magistério, militar, religiosa etc.)

No período imperial, os sergipanos saíam em função dos exames preparatórios, principalmente depois que o governo imperial os suspendeu¹⁴⁸, o que ficou registrado nas prestações de contas de tutoria.

Illustrissimo Senhor Doutor Juis de Órfãos

José Lopes de Sousa, como tutor do menor João Nunes da Silva Lopes filho do finado Jerônimo da Silva Lopes, em benefício do mesmo menor vem ponderar e requerer o seguinte: Aproveitando o supplicante as disposições de seu pupilo, tem resolvido a incaminha-lo a obter carta de pharmaceutico pela faculdade da cidade da Bahia. **Neste intento já tem elle feito alguns preparatórios no Atheneu do Aracaju e não pode continuar ali porque os exames feitos nesta Província não são mais admetidos nas Academias; assim é indispensável que vá acabar de preparar-se na Bahia e até sequir o curso a que se destina.** [grifo meu] Para realização deste projeto, aliás de grande proveito, é necessário empregar os emolientos de seu patrimônio os quais arca em 507\$000 que ainda são insuficientes para as

146 FONTES, Arivaldo Silveira. *Sergipanos no magistério carioca (discurso de posse)*. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ^a 158, n. 397. p. 1089.

147 MONTALVÃO, Elias. *Meu Sergipe: ensino da História e Chorographia de Sergipe*. Aracaju: Typographia Commercial. 1916. p. 85.

148 Os Exames Preparatórios em Sergipe, que viam se realizando desde 1874 e foram suspensos em 1877. A equiparação do Atheneu Sergipense só ocorreu em 1908.

despesas indispensáveis com o collegio, roupa lavada e algumas despesas extraordinárias que possam aparecer e nesse caso sendo Vossa Senhoria ouvidor tirar-se do capital o que for necessário quando a precisão o exigir para o futuro por tanto requer a vossa Senhoria se sirva mandar a requisição do estilo para que o supplicante receba na colletoria desta cidade os juros de 1.056\$200 e o mais na thesouraria da Fazenda o que estiver vencido.

Diga o curador de órfão a Vossa Senhoria deferimento

Laranjeiras, 5 de Março de 1878

Lacerda R. M.¹⁴⁹

Sobre o assunto dos exames preparatórios, faz-se necessário lembrar que os estudantes sergipanos, que pretendiam cursar as escolas superiores, faziam esses exames em mais de uma Província, depois optavam por aquela que lhes era conveniente.

Um outro motivo para a saída era devido aos cursos superiores civis (Direito, Medicina, Farmácia, Engenharia Civil) e aos militares (Infantaria, Cavalaria, Engenharia Militar e o curso naval) que só existiam nos grandes centros urbanos da época (Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo). Mas, a maioria retornava a Sergipe, seja de forma temporária ou permanente, como essa pesquisa comprovou. E, os que ficaram nesses centros foram uma minoria. Em seu estudo sobre as elites imperiais políticas do Brasil, Carvalho¹⁵⁰, ao analisar a procedência geográfica dos alunos das quatro escolas de Medicina e Direito, chegou à conclusão de que elas eram, de fato, centros regionais de formação e não provinciais.

A tese de que a intelectualidade sergipana se originou no período imperial é percebida na escrita de Calazans, em sua conferência em comemoração ao jubileu do Instituto Histórico de Sergipe, em 6 de agosto de 1962, intitulada “*O desenvolvimento cultural de Sergipe na primeira metade do século XX*”. Para ele,

(...) o Instituto, até certo ponto, é em sua origem, um fruto daquela mentalidade que chamarei recifense, uma vez que, seu idealizador, Florentino Teles de Menezes, era de formação tobiástica, embora não fosse um bacharel do Recife¹⁵¹.

Calazans não tem a visão como os demais sobre a tese da emigração de intelectuais, na qual Sergipe era uma terra de emigrados, embora afirme que “Sergipe exporta talento”¹⁵², dando assim à emigração o seu lugar de fato, como algo que ocorreu e se posiciona:

149 AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Ação de Tutela - Ação de Prestação de Contas Cx 01-207. Doc. 05-12-1870. Órfão João Nunes da Silva Lopes, filho de Jerônimo da Silva Lopes.

150 CARVALHO, José Murilo de. A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial. 2 ed. ver. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará. 1996. p. 72.

151 SILVA, op. cit. p. 51

152 Idem. 48.

Considero que aquela tão repetida afirmação de que Sergipe serve para se nascer, não deve ser entendida como um desabafo. Ela vale o reconhecimento de uma destinação. É como se estivéssemos asseverando que nascemos para servir ao Brasil, onde quer que ele nos chame. Estamos sempre de sobre aviso par ouvir a chamado da Pátria¹⁵³.

Assim, menciona a emigração, enfatizando o seu aspecto de contribuição intelectual:

Que teriam feito, em favor do Sergipe intelectual, do Sergipe pensamento, os homens que viram o Instituto despontar ou acompanharam seu evoluer nestas cinco décadas? Suponhamos que possamos distribuí-los, atendidas às circunstancias de suas formações intelectuais, em cinco grandes grupos: os bacharéis do Recife, os doutores de Bahia e do Sul, os egressos da Escola Militar, os padres de D. José Tomás Gomes da Silva e os poetas do Aracaju¹⁵⁴

Dessa forma, Calazans¹⁵⁵, um dos intelectuais biografados neste trabalho, oriundo da geração oitocentista, formado na Escola Militar do Rio de Janeiro, em 1889, aos vinte e seis anos de idade, quando fez o curso de engenharia militar, viu e participou da germinação e florescimento da intelectualidade sergipana, deixando registrado, nessa conferência, o seu testemunho como co-participante.

Quanto à afirmativa de Florentino Telles de Menezes¹⁵⁶, feita em 1912, de que não havia associação científica que projetasse os sergipanos, impedindo, portanto, a legitimação e reconhecimento desses por outros Estados ou países, é importante lembrar que, ao longo do século XIX, esse não era o único mecanismo de legitimação da atividade intelectual. Florentino Menezes desconsiderou a importância da imprensa como veículo de projeção desses intelectuais (só no Império, em Sergipe, foram criados 80 jornais¹⁵⁷), como também a participação dos intelectuais na vida política nacional, através dos postos de deputados gerais e senadores, que ofereciam visibilidade aos que dispunham dos dispositivos necessários ao exercício da atividade.

153 SILVA. op. cit. p. 51.

154 Idem. p. 48-49.

155 Estudou primeiras letras na cidade de Itabaiana em Sergipe com o professor Fabricio Carneiro dos Tupinambás Vampré e outros. Iniciou os estudos da língua francesa com o farmacêutico Guilhermino Amancio Bezerra. Estudou preparatórios no Atheneu Sergipense, concluindo na Escola Militar da corte. Foi alferes aluno e sócio fundador do Clube Militar, criado em 1887. GUARANÁ. op. cit. p. 161-162.

156 MENEZES, Florentino Telles. 1913. Discurso pronunciado pelo acadêmico Florentino Telles por ocasião da fundação do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Aracaju, v. 1. n. 1. p. 9-12.

157 SOUZA. op. cit. p. 37.

2.3 - Atuação na Área Educacional da *Intelligentsia* Sergipana

Para Silva “(...) a educação é um processo e função social. Por seu intermédio, os grupos asseguram sua continuidade através da sucessão das gerações, transmitem a cultura que elaboraram e realizam a assimilação ou socialização dos imaturos das novas gerações.”¹⁵⁸

Contudo, não se deve entender que a transmissão e assimilação de conhecimentos ocorrem somente dentro da instituição escolar e de forma passiva, porque como constatou Chervel, em seus estudos sobre disciplinas escolares, é errada a idéia “(...) de que os agentes históricos que promovem as mudanças estão exclusivamente fora da escola e que esta se transforma apenas pelas intervenções de elites intelectuais ou pelo poder político institucional”.¹⁵⁹ Para o autor, há sempre o embate entre gerações, e é desse embate que os valores e saberes se reconfiguram.

Esse processo se dá, oficialmente, através dos professores, agentes culturais transmissores dos valores de uma geração a outra. Eles são os grandes mediadores entre o povo e a classe dominante. É, através deles, que os valores de uma determinada época e governo são repassados para a população sob o rótulo de conhecimento acadêmico, mas que, na verdade, fazem parte do próprio processo civilizatório, no qual todos os indivíduos são coagidos – socialmente - a terem e agirem a partir de um mesmo *menu* de ações sociais. Esses valores sofrem modificações e adequações por parte de quem repassa e de quem recebe.

É neste aspecto que a *intelligentsia* sergipana encontrou na figura do professor um dos mais importantes gestadores de intelectuais, denominados por Sirinelli¹⁶⁰ de descobridores ou mediadores que se constituíram em uma elite de mediação cultural, dotada de uma grande capacidade de ressonância e de amplificação dos valores sociais. Por outro lado, o ensino secundário sergipano passou por três tentativas de implantação: Liceu Sergipano (1833), Liceu de São Cristóvão (1847) e o Liceu Sergipense (1862), mas só com a criação do Atheneu Sergipense, em 1870, foi que Sergipe passou a ter uma instituição pública de ensino secundário, na qual foram implantados dois cursos: o Curso de Humanidades e o da Escola Normal.

158 SILVA, Geraldo Bastos. 1969. *A educação secundária (perspectiva histórica e teoria)*. São Paulo: Companhia Editorial nacional. Atualidades Pedagógicas. V. 94. p. 39.

159 CHERVEL, André e COMPÈRE, Marie-Madaleine. As humanidades no ensino. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 148.

160 Cf. SIRINELLI, 1997. op. cit.

O Curso de Humanidade trazia em si a cultura escolar dos jesuítas, que buscava civilizar pela palavra, formar homens de letras. A disciplina retórica daria esse arcabouço mental - o exercício e domínio da palavra – a fim de formar homens para o poder. Para Certeau “(...) a retórica pretendia fazer da palavra um instrumento para influenciar o querer do outro e estabelecer adesões e contratos, coordenar ou modificar práticas sociais e, portanto, forjar a história”.¹⁶¹ No Brasil, acreditava-se “(...) que a exigência do bacharelado, para o ingresso nas Academias, seria o meio adequado para soerguer o ensino secundário, inclusive equiparando os Liceus ao Colégio Pedro II”¹⁶².

Dos 250 intelectuais sergipanos que compõem a *intelligentsia* nessa análise, foram apenas identificados quarenta que fizeram o curso de humanidades¹⁶³, o que não significou que somente foram estes. Esta análise tem como base as informações obtidas via os biógrafos aqui trabalhados. Mesmo assim, com base nessas informações, pode-se extrair, a respeito desses intelectuais, algumas conclusões.

Uma delas, a mais evidente, como mostra o Quadro 17, o curso de humanidades era objeto de interesse acadêmico para aqueles que queriam ingressar nos dois cursos superiores de maior relevância para a época: o de Direito e o de Medicina. Isso significa, apenas uma constatação e não uma descoberta, uma vez que o curso de humanidades foi modificado para atender as exigências dos preparatórios, passando a oferecer apenas as disciplinas exigidas nos Exames Preparatórios.

QUADRO 17
RELAÇÃO DOS PRINCIPAIS PROFESSORES SERGIPANOS
DO PERÍODO MONÁRQUICO

Professores
Alfredo de Siqueira Montes
Antonia Angelina de Figueiredo Sá
Antonio Diniz Barreto
Antonio Nobre de Almeida Castro
Antonio Teixeira Fontes
Ascendino Angelo dos Reis
Balthazar de Araujo Góes
Bricio Mauricio de Azevedo Cardoso
Daniel Campos
Domingos Quirino de Souza
Etelvina Amalia de Siqueira
Eustachio Pinto da Costa
Eutychio de Novaes Lins

161 CERTEAU, de Michel. 1990. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes. v.1. p.252.

162 Idem. p. 162-163.

163 Dos 400 intelectuais analisados neste trabalho 53 sergipanos fizeram o curso de humanidades.

Fabricio Carneiro Tupinambá Vampré
Felix Diniz Barretto
Fernando Rangel de Mello
Francina Telles de Menezes
Francisco Antonio de Carvalho Lima Junior
Francisco Teixeira de Faria
Geminiano Paes de Azevedo
Gonçalo Vieira de Melo.
José Alves Pitangueira
José Constituíno Telles
José de Santa Cecília
José Gonçalves Barroso
José Maria Gomes de Souza
José Rodrigues da Silva
Justiniano de Mello e Silva
Juvencio de Siqueira Montes
Manuel Alves Machado
Manuel Bahiense
Manuel Francisco Alves de Oliveira
Manuel Joaquim de Oliveira Campos
Manuel Ladislão Aranha Dantas
Manuel Luiz Azevedo de Araújo
Manuel Vicente de Santa Cruz Bahiense
Olyntho Rodrigues Dantas
Orestes de Sousa Andrade
Possidônia Maria de Santa Cruz Bragança
Quintino Marques
Raphael Archanjo Montavão
Severiano Cardoso
Theotônio Felix da Costa
Tito Augusto Souto de Andrade
Tobias Barretto de Menezes

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifânio da Fonseca. Notas Biográficas.

Nunes, constata essa realidade do curso de humanidades em Sergipe, ao analisar o Regulamento de 23 de setembro de 1873, afirmando que: “Quanto ao ensino secundário, reduziu-se às disciplinas exigidas pelos Preparatórios, cursadas isoladamente no Atheneu, desaparecendo a tentativa de um curso de Humanidades previsto na legislação de 1870”.¹⁶⁴ O mesmo acontece, segundo a autora, em 1877, quando da reforma do ensino público primário e secundário, ocorrida mediante o Regulamento de 9 de janeiro de 1877, que, no art. 85, previa um curso de Humanidades com duração de cinco anos, sendo as matérias distribuídas de forma gradativa e ao lado da Aulas Avulsas, o que não foi aceito pela Congregação do

164 NUNES. op. cit. p. 125.

Atheneu Sergipense, fato esse que significou, para Nunes, que: “Mais uma vez, a pressão dos Exames Preparatórios impedia a implantação do curso de Humanidades global e gradativo”.¹⁶⁵

A autora informa que, em 1882, através do Regulamento de 4 de julho, que converteu o Atheneu Sergipense em Liceu Secundário de Sergipe, é instituído o curso seriado com duração de seis anos, sob a seguinte justificativa do Presidente da Província Inglês de Souza: “(...) garantir aos estudantes sergipanos as condições de habilitá-los para os cursos superiores do Império, de acordo com a reforma estabelecida pelo Decreto de 19 de abril de 1878”¹⁶⁶. A conclusão do referido curso, mais a apresentação de uma dissertação defendida oralmente, conferia ao aluno o título de Bacharel em Letras e o daria a preferência a qualquer emprego público, independente de concurso.

Diante do exposto, ao tentar entender o que foi, no Brasil e particularmente em Sergipe, o curso de humanidades, parece contraditória a afirmativa de Nunes do fracasso desse grau de ensino em Sergipe por estar atrelado aos exames preparatórios, uma vez que, a mesma afirma:

Continuavam esses exames predominantemente literários e humanistas e poucas alterações sofreram desde sua criação em 1854. [grifo meu] Somente a partir de 1870 se acrescenta Português, em 1882 Álgebra, em 1879 se admite a inclusão da Língua Italiana para os candidatos às Academias de Direito, e, a partir de 1884, as noções de Ciências Físicas e Naturais ¹⁶⁷.

O fato concreto é que, em Sergipe, a maioria dos que fizeram o curso de humanidades, seja aqui ou em outras Províncias (Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro), ingressaram nas Academias Imperiais de Medicina e Direito.

QUADRO 18
OCUPAÇÃO DOS INTELECTUAIS QUE FIZERAM O CURSO EM HUMANIDADES
NO PERÍODO MONÁRQUICO

Profissão	Nº de Profissionais
Eclesiástico	1
Farmacêutico	1
Militar/Engenheiro	1
Político (sem formação superior)	1
Militar (sem formação superior)	1
Funcionário Público (sem formação superior)	2
Professor/funcionário público(sem formação superior)	3

165 NUNES. op. cit p. 131.

166 Idem. p. 144.

167 Ibidem. op. cit. p. 163.

Professor(sem formação superior)	6
Médico	11
Bacharel em Direito	13
Total	40

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

É preciso ficar claro que ensino secundário (vinculado ao curso de humanidades ou não), era voltado para a formação de uma elite condutora da nação, destinado a garantir a conservação da posição social das classes dominantes, e para a ascensão social de pequena parcela dos provenientes das classes poucas abastadas. Seu objetivo era, portanto, selecionar e formar as elites. Assim, o Atheneu Sergipense e demais escolas de ensino secundário vão exercer um papel seletivo da elite sergipana, formando as gerações futuras destinadas ao comando do poder.

O número de professores, enquanto categoria profissional, na época, crescia com o aumento da população e da ação do governo, como evidenciou Freitas ao estudar a questão da aposentadoria do professor provincial em Sergipe:

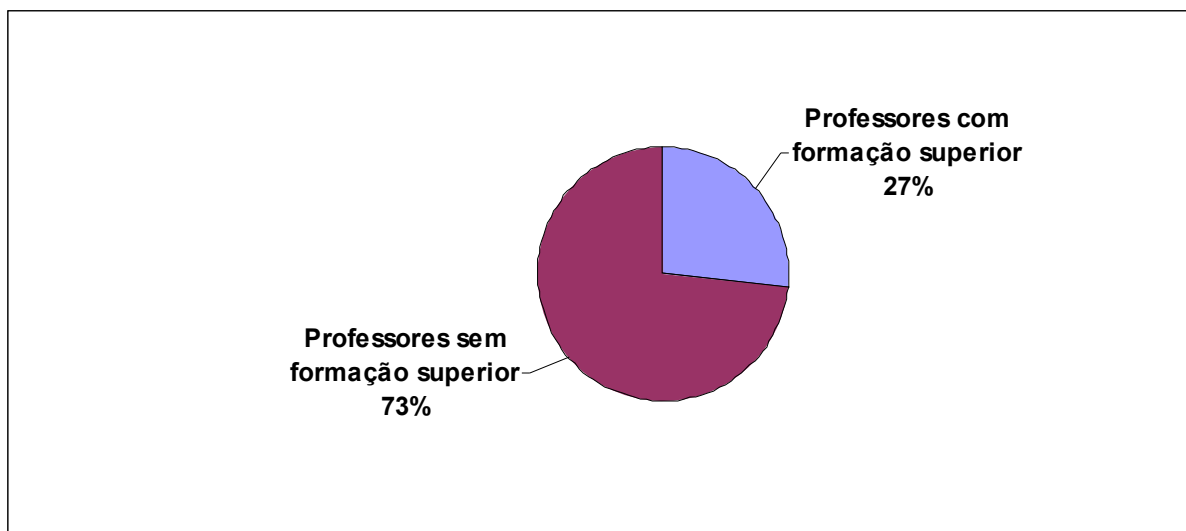
Na tentativa de acompanhar o crescimento populacional e de levar a instrução, notadamente, a instrução elementar, a todos as povoações, o número de professores públicos saltou de seis para aproximadamente treze dezenas em menos de duas décadas, transformando o magistério na mais numerosa categoria funcional dentro do serviço público, depois, claro, do contingente do Corpo Policial da Província.¹⁶⁸

Mesmo sendo este crescimento relacionado aos professores do ensino elementar, não podemos desprezar a atuação deles como formadores de mentes e almas para o exercício de atividades intelectuais, sob o pretexto de serem professores do ensino primário.

A constatação, de que a maioria do professorado provincial sergipano não tinha formação acadêmica em cursos superiores ou em Escola Normal, remete à questão da precária formação profissional, fato esse que ocorria não só em Sergipe, mas também no resto do país. Cobrava-se do professor mais uma conduta moral que a própria qualificação profissional, principalmente quando se diz respeito aos professores do ensino elementar.

168 FREITAS, Itamar. 2003. A aposentadoria do professor provincial: Sergipe – 1834/1880. *Anais do XVI Encontro de Pesquisa educacional do Norte Nordeste*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Núcleo de Pós-Graduação em Educação: Editora UFS.

GRÁFICO 6
COMPOSIÇÃO DO MAGISTÉRIO SERGIPANO DO PERÍODO MONÁRQUICO QUANTO À FORMAÇÃO ACADÊMICA



Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Nesta análise, dos 40 intelectuais que exerceram o magistério 33 professores não tinham formação superior, dos quais apenas cinco freqüentaram a Escola Normal (Etelvina Amalia de Siqueira, Eutychio de Novaes Lins, Manuel Alves Machado, Orestes de Sousa Andrade e Theotônio Felix da Costa). Mesmo assim, só três concluíram o curso: Etelvina Amalia de Siqueira, Eutychio de Novaes Lins e Orestes de Sousa Andrade.

QUADRO 19
FORMAÇÃO ACADÊMICA DO MAGISTÉRIO PROVINCIAL SERGIPANO SEM FORMAÇÃO SUPERIOR NO PERÍODO MONÁRQUICO

Formação Acadêmica	Nº Estudantes
Curso secundário	15
Curso secundário incompleto	2
Não fez curso secundário	7
Curso eclesiástico	6
Sem informação	3
Total	33

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Quanto à participação dos eclesiásticos sergipanos no magistério provincial de Sergipe, nessa amostragem, foram apenas de 2,7 %, ministrando as seguintes disciplinas:

QUADRO 20
ECLESIÁSTICOS-PROFESSORES NO PERÍODO MONÁRQUICO

Professor	Disciplinas
Domingos Quirino de Souza	Latim
Fernando Rangel de Mello	Latim, Francês e Pedagogia
José Alves Pitangueira	Latim
José de Santa Cecília	Professor de preparatórios
José Gonçalves Barroso	Latim, Filosofia Racional e Moral, Filosofia

Fonte: GUARANA, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Em 1871, com o Atheneu Sergipense, surge uma nova elite acadêmica – a dos professores do Atheneu Sergipense – que vão fazer com que uma nova configuração se forme entre os demais intelectuais sergipanos, gerando outra elite acadêmica: a daqueles formados pelo Atheneu Sergipense.

Dos 45 professores que fazem parte nessa amostragem, 13 foram professores do Atheneu Sergipense, dos quais quatro tinham formação superior em medicina, um era militar e oito não possuíam formação superior.

QUADRO 21
RELAÇÃO DOS PROFESSORES DO ATHENEU SERGIPENSE QUE FAZIAM PARTE
DA *INTELLIGENTSIA* SERGIPANA NO PERÍODO MONÁRQUICO

Professores	Formação Acadêmica	Atividade Profissional
Alfredo de Siqueira Montes	Curso secundário	Professor/funcionário público
Antonio Diniz Barreto	Curso de Humanidades	Professor
Ascendino Angelo dos Reis	Faculdade de Medicina da Bahia/ Faculdade de Direito de São Paulo	Médico-militar/professor/Bacharel em Direito
Bricio Mauricio de Azevedo Cardoso	Curso de Humanidades	Professor
Daniel Campos	Faculdade de Medicina da Bahia	Médico/professor
Felix Diniz Barretto	Curso de Humanidades	Professor/funcionário público
Galdino Telles de Menezes	Faculdade de Medicina da Bahia	Médico/professor
Geminiano Paes de Azevedo	Curso de Humanidades	Professor/funcionário público
Justiniano de Mello e Silva	Curso secundário	Professor
Manuel Francisco Alves de Oliveira	Curso de ciências Eclesiásticas	Professor

Olyntho Rodrigues Dantas	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	Médico/professor
Severiano Cardoso	Curso de Humanidades	Professor
Tito Augusto Souto d'Andrade	Escola Militar do Rio de Janeiro	Militar

Fonte: Livro de Atas do Atheneu Sergipense (1870-1916) e *GUARANA*, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*.

A importância dessa elite de professores evidencia-se na ocupação da direção do Atheneu por professores do colégio, cargo político exercido pelo diretor da Instrução Pública. Dos 14 intelectuais que exerceram a direção do Atheneu Sergipense, cinco eram professores da casa: Antonio Diniz Barretto, Galdino Telles de Menezes, Geminiano Paes de Azevedo, Olyntho Rodrigues Dantas, Tito Augusto Souto de Andrade.

Nessa amostragem da intelligentsia sergipana (250 indivíduos), o magistério sergipano foi exercido por 45 pessoas, sendo um farmacêutico, um músico, um tipógrafo, cinco eclesiásticos, um militar, cinco bacharéis em direito, cinco médicos, nove funcionários públicos e dezessete pessoas que só exerciam a função de professor. Esses educadores exerceram os seguintes cargos educacionais:

QUADRO 22
CARGOS EDUCACIONAIS EXERCIDOS PELOS EDUCADORES DA INTELLIGENTSIA
SERGIPANA NO PERÍODO MONÁRQUICO

Cargos
Agente Auxiliar do Arquivo Público
Bibliotecário
Delegado Especial da Instrução Pública da Corte
Delegado Especial dos Exames de Preparatórios
Diretor da Instrução Pública
Diretor da Sociedade Propagadora da Instrução
Diretor de Colégio
Diretor Geral da Instrução Pública
Diretor Geral dos Estudos
Dono de Colégio
Escrivão da Diretoria Geral do Ensino Público
Escrivão do Atheneu Sergipense .
Fundador de Colégio/Internato/Externato
Inspetor do Distrito Literário
Inspetor Geral das Aulas
Inspetor Paroquial da Instrução Pública
Instrutor Efetivo da Corte e da Província
Instrutor Geral da Guarda Nacional
Membro de Comissões Examinadoras
Membro do Conselho de Instrução Pública

Professor
Secretario de Instrução Pública
Secretario do Liceu/Colégio

Fonte: GUARANA, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

2.3.1 - Sergipanas Intelectuais

A intelectualidade provincial sergipana oitocentista era composta quase que exclusivamente por homens, o que não quer dizer que não havia mulheres intelectuais ou letradas nesse período, apenas a elas não lhes era permitido o reconhecimento. Poucas foram aquelas incluídas nesse circuito. As que conseguiram burlar essa situação, fizeram não transgredindo as normas masculinas de inserção no campo intelectual, mas mediante o anteparo masculino. O reconhecimento e, por conseguinte, a legitimação dessas intelectuais deram-se sim pelo seu pertencimento ao mundo intelectual masculino, via pai, tio, irmão ou marido e sob a única forma possível na época – o magistério.

Um desses intelectuais sergipanos, Antônio Dias de Pina Junior escreveu, em 1870, sua opinião acerca do fato. Calazans o relata: “(...) no curto período de exercício no meu cargo, tenho observado que as senhoras que se propõem ao magistério geralmente possuem maior soma de habilitações próprias e especiais do que os homens”¹⁶⁹. Essa visão estava ligada ao fato das mulheres serem vistas como “naturais educadoras”, tendo, em si, uma “natural” inclinação para o trato com as crianças. O magistério passava a ser, então, visto como uma extensão da maternidade, como uma atividade inerente à mulher.

Em contrapartida, é compreensível, em uma sociedade tipicamente patriarcal, a ausência da mulher como membro social competidor nas relações de poder. Por esse motivo, a presença de apenas quatro sergipanas intelectuais, num universo de 396 intelectuais, não causa estranheza, mas leva a três questionamentos: o que tinha essas mulheres de diferente das demais de sua época para serem reconhecidas pela elite intelectual posterior ao seu tempo como intelectuais? Que educação receberam elas? Que anteparo¹⁷⁰ masculino tiveram?

169 CALAZANS, José. 1945/51. O ensino público em Aracaju 1830-1871. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. N. 20. V. XV. Aracaju: Livraria Regina. p. 96-120.

170 Denomino de “anteparo masculino” as redes de parentesco (pai, irmão, marido), sobre as quais foi possível a inserção delas no mundo intelectual, essencialmente masculino.

A primeira questão nos remete aos biógrafos dessas mulheres: Liberatto Bittencourt arrola apenas uma: Possidonia Maria de Santa Cruz Bragança, professora pública, fundadora e diretora do internato “Colégio Nossa Senhora Santana” em Laranjeiras, figura de grande prestígio moral e intelectual na época, educava a elite feminina sergipana. Já Armindo Guaraná biografou, em seu *Dicionário Bio-bibliographico Sergipano*, Antonia Angelina de Figueiredo Sá e Etelvina Amália de Siqueira. É preciso reafirmar o seu critério de seleção¹⁷¹, que tomava como base quem tivesse produção intelectual publicada ou conhecida, e ambas tiveram, embora os dados sobre Antonia Angelina sejam sumaríssimos¹⁷². Ambas foram, no período imperial, professoras (pública no caso de Antonia Angelina e particular no de Etelvina Amália), estando, assim, ligadas a uma instituição cultural – a escola – que lhes conferia o status de intelectuais. Tiveram uma produção intelectual, mesmo a de Antonia Angelina, que, embora inédita, não era desconhecida do circuito intelectual sergipano da época e a de Etelvina Amália¹⁷³, publicada nos jornais de Aracaju e em Pelotas, no Rio Grande do Sul. E, por último, Epifanio Doria que escreveu Notas Biográficas sobre várias professoras provinciais sergipanas, mas a opção, nesse trabalho, por Francina Telles de Menezes deveu-se a uma série de fatores tais como: professora pública da 3ª cadeira primária de Aracaju, membro, por diversas vezes, das Mesas Examinadoras para concurso na Escola Normal e no Atheneu Sergipense, professora de prendas, caligrafia e desenho da Escola Normal, além de ser sido professora de seus irmãos (Antonio Muniz Telles e Manuel dos Passos de Oliveira Telles), Antonio Dias de Barros, lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, entre outros. Várias professoras foram alunas dela, como: Maria Zenaide de M. Carmim, Rosa Fontes Ribeiro, Cluttilde Telles de Menezes e a própria Antonia Angelina de Figueiredo, aqui contemplada. Dois dos seus filhos também seguiram a carreira do magistério: Florentino Teles de Menezes e Leonor Teles de Menezes.

Com a independência, o discurso sobre a importância da educação, como elemento modernizador do país, fez-se ouvir nas discussões no Parlamento, nos jornais, em conversas

171 Cf. DÓRIA, Epifânio da Fonseca. 1926. “Chronica do dia”. Diário da Manhã.

172 Antonia Angelina de Figueiredo Sá. Professora. – Filha do major Xavier de Figueiredo, e viúva de José Sotero de Sá, contemplado neste livro, nasceu a 11 de Março de 1863 no engenho Tabocal, município da Capella. Exerceu com muita aptidão o magisterio publico, tendo sido em Aracajú adjunta da professora primaria da Escola de Aprendizizes Artífies e effectivo do Grupo Escolar Modelo, cargo em que se jubilou a 28 de Fevereiro de 1914. Escreve: - Elementos de Geographia e Chorographia do Brasil, com breves noções de geographia geral e cosmographia. Obra inedita. Este trabalho obteve parecer favorável da commissão do Conselho Superior da Instrucção Publica. GUARANÁ, Manuel Armindo Cordeiro. 1925. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*. Edição do Estado de Sergipe. p.14.

173 Publicou no período imperial: Discurso proferido na “Cabana de Pae Thomaz” no dia 02 de dezembro de 1883, no “O Libertador” e no “O Planeto” do Aracajú em 08 de dezembro de 1883; e A escravidão e a mulher, na “Gazeta do Aracaju” em 15 de dezembro de 1883, transcrito na “A Discussão” de Pelotas, Rio Grande do Sul, de 17 de julho de 1884. GUARANÁ, Manuel Armindo Cordeiro. 1925. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*. Edição do Estado de Sergipe. p.75.

informais, uma preocupação que deu origem à Lei de outubro de 1827, na qual ficava estabelecido que todas as cidades, vilas e lugares mais populosos haveria de ter escolas de primeiras letras, necessárias para alfabetizar a população. Com essa lei, ampliou-se a rede de ensino público em Sergipe, mesmo que lentamente.

O governo provincial, somente em 1831, se preocupou em criar, em Sergipe, cadeira públicas para o sexo feminino. Essas cadeiras foram criadas na Capital, em Estância, Própria e Laranjeiras. Em 1845, havia oito cadeiras de ensino feminino com 218 alunas para 24 cadeiras do ensino masculino com 1.385 alunos¹⁷⁴.

É necessário lembrar que a educação das meninas da elite sergipanas fazia-se não nas cadeiras públicas de primeiras letras, mas sim nos colégios particulares, onde eram educadas mediante os valores da sua posição social. Essa educação não aparecia nas estatísticas governamentais. Pouco se sabe¹⁷⁵ a respeito dessa educação, no que concerne aos colégios freqüentados, às professoras, aos livros adotados, aos saberes ensinados, enfim, à cultura escolar vivenciada por essa pequena parte da população sergipana, mas que influenciava a sociedade feminina da época.

Os conteúdos ministrados, contudo, não eram os mesmos das escolas destinadas aos homens, refletindo, assim, a mentalidade da época que não concebia como iguais homens e mulheres. Não se deve esquecer que as meninas deveriam ser ensinadas pelas mulheres, a fim de assegurar-lhes a reputação, como bem lembra Louro que esta “(...) seria uma simplificação grosseira compreender a educação das meninas e dos meninos como processo único, de algum modo universais dentro daquela sociedade”¹⁷⁶.

A educação feminina passava por uma forte formação cristã, base da moral da época, à qual cabia a tarefa de modelar o caráter, mediante os preceitos e valores morais católicos, tanto que, na época, para Ribeiro “(...) a educação formal é vista apenas como instrumento de acesso aos livros de rezas”¹⁷⁷.

A segunda questão remete à educação que essas mulheres receberam, que passa pela forma de como a sociedade oitocentista concebia a educação feminina.

174 NUNES. op. cit. p. 68

175 Os dados existem na documentação cartorária, principalmente nas ações de prestação de contas, encontram-se disponíveis para consulta no Arquivo Geral do Judiciário.

176 PRIORE, Mary Del. (Org.) 1997. História das Mulheres. LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala*. 2ª ed. São Paulo. Editora: Contexto.

177 RIBEIRO, 1997. p. 13.

QUADRO 23
DADOS SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA DAS
SERGIPANAS INTELLECTUAIS NO PERÍODO MONÁRQUICO

Intelectuais	Educação Recebida
Antonia Angelina de Figueiredo Sá	Estudou com a professora Francina Telles de Menezes.
Etelvina Amalia de Siqueira	Fez o curso de Normalista da Escola Normal de Sergipe, em 1884.
Francina Telles de Menezes	Educada pelo pai. Sabia perfeitamente latim e francês, estudou geografia e história.
Possidonia Maria de Santa Cruz Bragança	Seu esposo foi seu mestre.

Fonte: GUARANA, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres* e DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Ao analisar o perfil dessas intelectuais, fica evidente o anteparo masculino na figura do pai, marido, tio e irmão. Etelvina era filha de um médico e irmã do poeta José Jorge de Siqueira e tinha como tio, o abolicionista Francisco José Alves; Antonia Angelina, filha de um Major, era casada com José Sotero de Sá, agricultor que exerceu cargo de deputado, delegado literário, delegado de polícia, juiz municipal, entre outros cargos; Francina, educada pelo pai Antonio Muniz Teles, que era padre; e, Possidonia, educada pelo marido, médico, latinista e poliglota.

Todas exerceram uma profissão que era a única permitida à mulher no século XIX, e partilhada com os homens – o magistério. Pois, não se pode esquecer que “a opinião interna de qualquer grupo com alto grau de coesão tem uma profunda influência em seus membros, como força reguladora de seus sentimentos e sua conduta”¹⁷⁸.

2.4 - Legitimação da *Intelligentsia*

O que leva uma sociedade, em um determinado período legitimar, como intelectual, alguns de seus membros? O poder advindo da posição econômica, social, religiosa ou até moral desses membros? Ou algo mais, não comum a todos, que necessariamente não seja oriundo da posição social a qual pertencem? Que processos históricos conduziram a essa legitimação? São perguntas postas que ecoam nesse labirinto de dados biográficos que, na sua totalidade, por vezes esconde o dado específico, detentor da resposta.

¹⁷⁸ ELIAS, Nobert. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders*. op. cit. p. 39.

Um dos processos históricos que conduziu à legitimação como intelectuais do grupo, aqui denominado de *intelligentsia* sergipana, nesse período, advém da Independência do Brasil, porque surgiu, com ela a necessidade de formação do aparato administrativo imperial, fazendo com que a legitimação do indivíduo como um ser “intelectual” estivesse atrelado a valores pré-determinados. O elemento social diferenciador passou a não só ser o econômico. Agora, para deter o poder, era necessário ser letrado por instituições acadêmicas legalmente aceitas pelo Império, e, as maiores esferas de poder passam a ser algo privativo dos letrados brasileiros.

Para entender o processo da legitimação de alguns de seus membros, em um determinado campo da sociedade, é preciso não perder de vista quando está a legitimação ocorrendo, o que estava em jogo e quem legitimou quem e através de quais agências?

No campo intelectual sergipano, estava em jogo o espaço. Apesar de alguns autores sergipanos dizerem que não havia instituições culturais que apoiassem e representassem os intelectuais monárquicos, esses feudos culturais existiram e eram muito bem instituídos e demarcados.

A legitimação da intelectualidade sergipana no Império, ocorreu em dois momentos específicos. O primeiro momento foi o da geração gestadora dessa intelectualidade, aqui está rerepresentada por uma amostragem de 400 indivíduos nas variadas categorias profissionais que, em uma época de poucos letrados, impuseram-se e foram aceitos como pertencentes a uma elite cultural. Só que:

(...) as elites culturais, mesmo quando seja legítimo isolá-las para efeitos de análise, não existem como entidades autônomas, em posição de extraterritorialidade. Estão, pelo contrário, ligadas à sociedade que as rodeia e são precisamente esses laços, especialmente políticos, que lhes conferem uma identidade¹⁷⁹.

O segundo momento que veio a cristalizar essa legitimação, ocorreu nas primeiras décadas do século XX, por mais que isso possa parecer, a primeira plano equivocado, foi o que ocorreu, e não o inverso, como afirmam alguns sobre a historiografia sergipana. Em busca de uma nova identidade – a republicana, buscou-se os intelectuais monárquicos, o que é comum para o sociólogo Sirinelli que “(...) uma geração dada extrai dessa gestação uma bagagem genética e desses primeiros anos uma memória coletiva (...)”.¹⁸⁰ Assim, soergue-se a

179 SIRINELLI. 1997. p. cit. p. 265.

180 SIRINELLI. 1996. op. cit. p.255.

geração posterior sob a denominação não de intelectuais mas de “illustres”¹⁸¹, o que não deixa de ser uma releitura da ilustração, que ocorreu no século XIX e que, no século XX, foi ressuscitada pelos republicanos para compor sua identidade, embora atribuissem a si o nascimento da intelectualidade sergipana.

Assim, para compreender a conceitualização da legitimação do status de “intelectual” nesse estudo, em Sergipe, tem que se levar em conta o tempo-espaço no qual se está situado. Desse modo, ficará mais fácil aceitar determinadas categorias profissionais inclusas como pertinentes a intelectuais, que hoje não são assim consideradas. A legitimação desses intelectuais sergipanos dava-se mediante as agências culturais do Estado monárquico através do funcionalismo público administrativo, educacional, militar, médico e até mesmo eclesiástico e pelas agências culturais privadas como: os gabinetes de leitura, os clubes políticos ou literários, os grêmios, as associações, a política e a imprensa.

No caso aqui analisado, por exemplo, do funcionalismo público, viu-se que ele era exercido por indivíduos, muitas vezes, com formação superior. No período imperial, os cargos públicos enalteciam a função do indivíduo como intelectual, uma vez que, “(...) a ocupação pode ser também vista como um indicador de classe social”.¹⁸² Essa auto-representação do funcionalismo público foi supervalorizada devido à necessidade do Estado Imperial em formar seus quadros administrativos e por estar diante de uma sociedade constituída de poucas pessoas letradas.

Mesmo com a política de circulação dos funcionários públicos, parte da estratégia de treinamento da elite governamental. No Brasil, essa circulação, geográfica e por cargos, não diminuía a importância do funcionário perante a sociedade, ao contrário, aumentava. Era a autenticação da sua força na rede do poder. Ser chefe de uma seção, secretário de governo, escrivão, significava fazer parte do poder, poder esse que delimitava espaços e indivíduos.

181 Illustre – adj. 2 gen. (Do latim *illustris*). Nobre, preclaro, distinto, esclarecido por nascimento. Título de dignidade. VIEIRA, Domingos. (dr. Fr.). *Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*. 3º vol. Porto. Editora, Ernesto Chardron e Barthelomeu H. de Moraes. 1873. p.1019.

182 CARVALHO, op. cit.. p. 83.

QUADRO 24
CARGOS DO FUNCIONALISMO PÚBLICO ADMINISTRATIVO
NO PERÍODO MONÁRQUICO

Cargos
1º Escrivão da Tesouraria Geral
2º Escrivão da Alfândega
2º/3º Escrivão da Tesouraria Geral da Fazenda
2º Escrivão da Tesouraria Provincial
2º Oficial da Secretaria do Governo
2º Oficial do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas
Administrador da Recebedoria das Rendas Provinciais
Arquivista da Tesouraria Provincial
Chefe da 3ª seção da Secretaria do Governo
Chefe de Seção
Contador da Tesouraria
Delegado de Polícia
Diretor da Imprensa do governo
Diretor de Seção da Diretoria Geral
Empregado da Alfândega
Empregado de Fazenda
Escrivão da Administração da Fazenda Nacional
Escrivão da Secretaria da Assembléia Provincial
Escrivão da Exatoria
Funcionário da Intendência
Funcionário do Correio da Alfândega
Guarda da Recebedoria Estadual
Inspetor da Tesouraria Provincial
Oficial de Gabinete
Praticante da Tesouraria Geral
Praticante da tesouraria Geral da Fazenda de Aracaju
Presidente da Província
Procurador Fiscal
Secretário da Câmara Municipal
Secretário da Instrução Pública
Secretário da Secretaria do Governo
Secretário de Polícia
Secretário Interino da Presidência
Vice-Presidente da Província

Fonte: GUARANA, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Se for ampliada essa esfera de ação, incluindo os militares, os agentes judiciários (juizes, promotores, escrivães, tabeliões), os professores, os eclesiásticos, os políticos, os presidentes de Províncias, entre outros, teremos aqui a chamada “máquina estatal”, na qual a alavanca principal que movia toda a engrenagem era o funcionalismo público, o que, para Carvalho¹⁸³, esses representantes da sociedade eram, ao mesmo tempo, representantes do

¹⁸³ CARVALHO. op. cit. p.104.

Estado. Essa afirmativa leva à reflexão feita por Warde sobre as relações de compromisso e subordinação de gerações de intelectuais da educação com o poder constituído, quando ela diz que:

(...) penso ser indispensável examinar detidamente as diferenças que marcaram as práticas e teorizações de funcionários que se tornaram intelectuais e de intelectuais que se tornaram funcionários do estado. As minhas incursões nesse terreno têm me levado a constatar que esses dois itinerários engendram histórias muito diferentes¹⁸⁴.

Essa análise de Warde, levada para a *intelligentsia* do século XIX, certamente geraria algumas conclusões não problematizadas até hoje, por não serem vistas através desta vertente. Não se pode perder de vista que a maior agência legitimadora desses intelectuais monárquicos era o próprio Estado. Com exceção da clínica privada, da advocacia, do magistério particular, e de outras profissões, como a de poeta, ator, o restante era privativo do Estado.

É evidente que esse quadro refletiria na ação e produção desses intelectuais, fato constatado por muitos estudos no Brasil que trataram das condições de realização do trabalho intelectual como produção estatal, mostrado, segundo Gandini, “(...) considerável a influência do ambiente político e social (ênfase da autora) no qual ele é exercido”¹⁸⁵. Para essa autora, esses estudos “(...) têm indicado, que o relacionamento dos intelectuais com o estado, ou com o poder, entendido da forma mais ampla, tem sido fator, de grande relevância para o conteúdo, a forma e o resultado do trabalho intelectual”¹⁸⁶. São exemplos disso os relatórios provinciais, que se constituíam, no século XIX, em produções intelectuais das mais relevantes, produzidas por funcionários-intelectuais que colocavam em favor do Estado todo o seu conhecimento acadêmico adquirido, para melhor compor e impor à sociedade os atos estatais.

Dentro da esfera estatal, ao analisar o campo da educação, conclui-se que esse foi um dos espaços que se construíram em verdadeiros gestadores de intelectuais. Em Sergipe, a partir de 1871, teve, como quartel general intelectual, o Colégio Atheneu Sergipense, como assim evidenciou Nascimento, em um dos seus artigos sobre a escola:

O início das atividades do Atheneu representava também a inauguração de uma nova rede intelectual em Sergipe. Os seus lentes passaram a integrar uma espécie de nova elite letrada que iria, em pouco tempo, se sobrepor a alguns dos mais tradicionais grupos da elite intelectual de Sergipe e se igualar a alguns outros de maior prestígio, como o clero, os médicos e os profissionais do Direito¹⁸⁷.

184 WARDE, Miriam Jorge. Prefácio. In: GANDINI, Raquel. *Intelectuais, Estado e educação*: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944-1952). p. 13.

185 WARDE. op. cit. p. 13.

186 Idem..

187 NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. CINFOME. 28/04 A 04 de maio de 2003. Edição 1046 p. 4.

Assim, o Atheneu Sergipense e a Escola Normal se constituíram em verdadeiros berçários da intelectualidade sergipana. Ser catedrático dessas duas instituições representava a inserção no circuito intelectual sergipano. Era um dos mecanismos de acesso ao campo intelectual, no qual se efetivava imediatamente a legitimação do status de intelectual.

No âmbito privado, instituições educacionais como o Parthenon Sergipense¹⁸⁸ de Ascendino Ângelo dos Reis, médico e professor do Atheneu Sergipense; o Ginásio Sergipense de Alfredo de Siqueira Montes, também professor do Atheneu Sergipense, cuja propaganda nos jornais da época comprova o quanto ele era reconhecido como um dos maiores intelectuais da sociedade imperial sergipana, ao ponto de, a chamada principal da propaganda, ser ele o diretor e não o conjunto de professores, como mostra a figura nº 1; o Liceu Laranjeirense, do professor Baltazar de Araújo Góis; o Colégio Nossa Senhora Santana; o Colégio Inglês; a Escola Americana; entre outras, também legitimavam seus diretores e professores como intelectuais.

188 Jornal de Sergipe. 1881.

Além do cargo de professor, vários foram os cargos do funcionalismo público, específicos da administração educacional, que conferiram a esses profissionais poder que os legitimaram.

QUADRO 25
CARGOS DO FUNCIONALISMO PÚBLICO DA EDUCAÇÃO
NO PERÍODO MONÁRQUICO

Cargos
Agente Auxiliar do Arquivo Público
Bibliotecário
Delegado Especial da Instrução Pública da Corte
Delegado Especial dos Exames de Preparatórios
Diretor da Instrução Pública
Diretor da Sociedade Propagadora da Instrução
Diretor Geral da Instrução Pública
Diretor Geral dos Estudos
Escriturário da Diretoria Geral do Ensino Público
Escriturário do Atheneu Sergipense
Inspetor do Distrito Literário
Inspetor Geral das Aulas
Inspetor Paroquial da Instrução Pública
Instrutor Efetivo da Corte e da Província
Instrutor Geral da Guarda Nacional
Membro de Comissões Examinadoras
Membro do Conselho de Instrução Pública
Secretário de Instrução Pública
Secretário do Liceu/Colégio

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*; BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*; e, DÓRIA, Epifanio da Fonseca. Notas Biográficas.

Outra agência cultural de grande importância e amplitude no século XIX, foram os gabinetes de leitura, que além de se constituírem em espaços legitimadores dos intelectuais, através de eventos culturais (conferências, discursos, sessão de leituras, declamação de poesia, entre outros), eram também espaços formadores dos intelectuais autodidatas – os menos afortunados que adquiriam neles o conhecimento necessário ao exercício da intelectualidade, como revela os dados biográficos de Armindo Guaraná:

QUADRO 26
ESTRATÉGIAS DE ACESSO DOS DESAFORTUNADOS AOS
CURSOS SUPERIORES NO PERÍODO MONÁRQUICO

Nome do Intelectual	Estudos	Trajetória Profissional
José Matheus Leite Sampaio	Sem que tivesse seguido carreira das letras, adquiriu no assíduo gabinete regular cultura.	Comandante Superior da Guarda Nacional
José Zacharias de Carvalho	Tendo recebido limitada educação literária, mas possuidor de não vulgar inteligência e de apreciáveis qualidades pessoais, em boa hora soube elevar-se na estima dos seus concidadãos. Dado ao cultivo das letras, dedicou-se, de preferência nos seus estudos de gabinete, às investigações da história de Sergipe, em que se tornou um dos mais versados.	Deputado Provincial
Manuel Pompilio dos Santos	Não teve curso regular em letras. Habilitou-se por esforço próprio no Gabinete de Leitura de Maruim, no qual aprendeu a arte tipográfica.	Tipógrafo

Fonte: GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*.

Não se pode deixar de lado o engajamento desses intelectuais na política, uma vez que através da sua ação no parlamento, eles conseguiam o reconhecimento local e, em algumas ocasiões, nacional, mesmo quando disputavam o espaço político sergipano com os não conterrâneos, uma vez que, dos 56 Deputados Constituintes e Gerais que representaram Sergipe de 1823 a 1889, apenas 20 eram sergipanos e, dos cinco senadores, apenas eram naturais de Sergipe dois. Por outro lado, os clubes e grêmios políticos ou literários também eram espaços culturais, onde a legitimação também ocorria.

O maior espaço cultural de legitimação imperial foi a imprensa. Chegaram a 80 os jornais editados nesse período, embora a maioria fosse de curta duração, o que era comum no país nessa época. Dos 250 intelectuais que compuseram a *intelligentsia* sergipana nessa amostragem, sete fundaram e redigiram jornais em Sergipe: Antonio Augusto Gentil Fortes (“O Maruinense” /1886-1892), Antonio José da Silva Travassos (“A Voz da Razão” /1854-1856), Apulchro Motta (“A Reforma” /1887-1889), Daniel Campos (“A Reacção” /1886), Ernesto Rodrigues Vieira e Firmino Rodrigues Vieira (“A Nova Era” /1889-1891), José Fiel de Jesus Leite (“Jornal de Sergipe”/1866-1878)¹⁸⁹.

¹⁸⁹ Cf. GUARANÁ, op. cit.

CONCLUSÃO

Para apreender o processo de formação da intelectualidade sergipana, fez-se necessário selecionar um grupo heterogêneo que fornecesse dados suficientes para compor perfis biobibliográficos desses sergipanos e, através deles, fazer uma análise da composição desse grupo.

No primeiro capítulo, o intuito foi conhecer a formação acadêmica da elite intelectual sergipana, desde as primeiras letras até a ida às escolas superiores imperiais, investigando os itinerários profissionais. Para tanto, seria necessário encontrar registros do cotidiano escolar, o que, para alguns desconhecedores da riqueza de informação acerca da educação que a documentação cartorária possui, seria uma tarefa quase impossível. Mas ao recorrer aos inventários, às ações de prestação de contas de tutoria, é possível ter uma noção mais exata desse cotidiano, do que era, para uma família mesmo afortunada, dar educação escolar a um filho, onde essa educação se iniciava, a visão familiar sobre o alto investimento que representava.

Foi no cotidiano da vida nos engenhos, através das listas detalhadas das mercadorias compradas nos armazéns da cidade, registrada na documentação cartorária, que foram encontrados os indícios da iniciação escolar dos intelectuais sergipanos. Entre os mais variados artigos consumidos pelo engenho (manteiga, carne seca, garrafa de gás, banha, biscoitos etc.), estava o material escolar usado na instrução elementar, como consta na relação de gastos feitos no estabelecimento comercial de Ângelo Custodio Polliciano, na cidade de Laranjeiras, pela família Muniz Barretto¹⁹⁰, para seus três filhos: pedra, taboadas, aritmética, cadernos de papel, penas e lápis de pau, Livro Thesouro de Meninos. Quanto ao gasto com professores, muitas foram as famílias abastadas que contrataram professora particular para ministrar o ensino elementar:

Perguntou o Juiz ao procurador da tutora pela saude dos Orphãos ?
Respondeu que todos se achavão bens e recebendo a necessaria educação.
Que o orphão Luiz se acha matriculado na Faculdade de Direito do Recife,
cusando o primeiro anno, e os demais confiados aos cuidados de uma professora que os educa em caza de sua mãe e tutora (...)¹⁹¹.

190 AGJ/SE - LAR/C. 1º OF. Inventários Cx 11-223. Doc. 26-10-1877.

191 AGJ/SE - LAR/C. 1º OF. Inventários Cx 17-229 Doc. 26-10-1877.

Há diversos registros sobre a vida de meninos para os internatos e, neles, a dificuldade de adaptação nas prestações de contas. Também foram encontrados vestígios sobre a educação diferenciada dos sexos. Quando os meninos, os que demonstravam aptidão para os estudos, iam para os colégios e as meninas recebiam a educação própria do seu sexo, como ficou registrado na prestação de contas de tutoria dos netos de João Dantas Martins dos Reis, entre eles a neta:

D. Anna. Esta orphã está com perfeita saude e reside em companhia do tutor no Engenho Fortaleza: sabe ler, escrever e contar, musica e todas as prendas do seu sexo; ultimou sua educação na cidade de Laranjeiras; tem quatorze annos e tres meses de idade.¹⁹²

Há ainda informações acerca dos constantes pedidos de retirada de dinheiro para custear os estudos dos tutelados:

Ilm^a Senr Dr. Juiz de Orphãos
Como requer Estancia 14 de Agosto de 1886
Diz João Dantas Martins dos Reis, tutor de seus netos José Dantas de Magalhães e João Dantas de Magalhães, o 1 estudante de direito na Faculdade da cidade do Recife e o 2 de Medicina na Faculdade da Bahia, que, para ocorrer ás despesas, que os mesmos fazem com os estudos nas referidas cidades, precisa que V.S. mande ce tirar do dinheiro d elles pertencente e existente na - Caixa Economica da Bahia a quantia de 756\$000 para o seo neto João, alem das fraccoes q. por ventura exista dos dividendos findos(...)¹⁹³.

Estudar, no século XIX, era símbolo de *status* social, algo tido como próprio da elite, conforme a posição e fortuna do aluno, como ressalta o tutor de Pedro Muniz Barretto:

Ilm^o Sr. Dr. Juiz de Opfãos
José Freire Telles Barreto, tutor dos orphãos Pedro, Casemiro e Evangelina Munis Barreto, filhos dos falecidos Coronel Pedro Munis Barreto e D. Clara Maria de Lima Barreto, tendo a necessidade de fazer despezas com alimentação vestuario e educação dos mesmos na conformidade de sua posição e fortuna, vem supplicar a V.S. se digne d' autorisar as despezas e o quanto deve despende com qualquer d'elles¹⁹⁴.

Havia também aquele que, sendo estrangeiro, ao legitimar seu filho, deixa expresso, em testamento, o seu desejo de educá-lo no seu país de origem:

Artigo septimo - Nomeio para meo executor testamenteiro meu mano João Baptista Amando de Marsellac morador na Cidade de Laranjeiras, e lhe rogo de acceitar a tutela de meu filho, de tomar os interesses d'elle, de vigiar na sua educação que quero que seja a mais perfeita que se possa, dando-lhe

192 AGJ/SE. EST./C. 2º OF. Ação de Tutela - Cx 10-435. Doc. 28-07-1884.

193 AGJ/SE. EST./C. 2º OF. Ação de Tutela - Cx 10-435 Doc. 14-05-1879

194 AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Inventários Cx 11-223. Doc. 26-10-1877.

os melhores mestres tanto em sciencias como em linguas estrangeiras e bel-
las artes, seja neste paiz, seja na França aonde elle meu filho podera ser
mandado quanto antes para o preservar do contagio das paixões d'este conti-
nente¹⁹⁵

Existem registros sobre a presença de escravo para acompanhar, como criado, esses
estudantes: “(...) O escravo Simplisio requeiro que seja dado em partilha ao orphão Pedro
Munis que tem necessidade de quem serva como creado durante sua vida echolasticas”.¹⁹⁶
Também há registros das escravas que acompanhavam as estudantes:

Existem todos os bens d'esta orphã, a excepção da escrava Brasilina, naqual
tinha metade, que morreo em primeiro de Novembro de 1882; está escarva
sempre acompanhou a orphã em Itabaianinha e Laranjeiras, durante o tempo
em estudava n'estes lugares; (...) ¹⁹⁷.

Esses escravos merecem um estudo mais aprofundado, uma vez que lhes eram
fornecidos até enxovais para ficarem nos internatos com seu senhor:

QUADRO 27
CONTAS DAS DESPESAS FEITA COM O CRIOULO MATHIAS
DO MENOR AMANCIO BISPO DE SÁ

Ano	Descrição	Valor
1869	Fazendas para 4 camisas	5\$000
Julho	Feitio das mesmas	1\$000
	Fazendas para 4 siroulas	3\$000
	Feitio das mesmas	\$800
	1 Xapeo	1\$000
	1 Cobertor	2\$000
	1 Par tamancos	\$400
1870	Fazendas para 5 camisas	7\$200
	Feitio das mesmas	1\$200
	Fazendas para 6 siroulas	5\$000
	Feitio das mesmas	1\$500
	1 Lençol	1\$600
1871	Fazendas para 4 camisas	6\$000
	Feitio das mesmas	1\$500
	Fazendas para 5 siroulas	5\$500
	Feitio das mesmas	\$800
	1 Cobertor	2\$000
	1 Xapeo	2\$000
1872	Fazendas para 3 camisas	4\$000
	Feitio das mesmas	1\$000
	Fazendas para 3 siroulas	2\$500
	Feitio	\$500
	6 Varas brim para 2 calças 2 jaquetas	6\$000
	3 Varas mad ^{te} para 2 camisas	1\$920

195 AGJ/SE. EST./C. 2º OF. (Testamento). Inventário Cx54-540. Doc. 21-03-1857

196 AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Inventários Cx 11-223 Doc. 26-10-1877.

197 AGJ/SE. EST./C. 2º OF. Ação de Tutela - Cx 10-435 Doc. 28-07-1884.

	Linhas e botons para 2 camisas	\$160
	Aviamento para as calças e jaquetas	1\$000
	Feitio das mesmas	4\$560
	Feitio das 2 camisas brancas	1\$280
	1 Chapeo de feltro	4\$000
	1 Feixadura para arca pregale	<u>\$880</u>
		75\$800
	Comedoria em 3 aulas	<u>212\$200</u>
	R\$	288\$000

Fonte: AGJ/SE - LAR/C. 1º OF. Ação de Tutela - Cx 01- Doc. 29-08-1872.

Na documentação cartorária consta da passagem deles pelos vários colégios em Sergipe: Atheneu Sergipense/Aracaju, Colégio dirigido pelo Professor José Leandro/Estância, Colégio do Amparo/Capela, Colégio do Padre Vieira/Capela, Colégio do Professor Braz Diniz Villas Bôas/Laranjeiras, Colégio do Professor Fabricio Vampré/Simão Dias, Colégio do Vigário José Gonçalves Barroso/São Cristóvão, Colégio São Salvador/Aracaju, Escola Normal/Aracaju, Liceu de São Cristóvão, Liceu Larangeirense/Laranjeiras, Parthenon Sergipense/Aracaju, Colégio Inglês/Laranjeiras, Colégio Nossa Senhora Santana/Laranjeiras, Escola Americana/Laranjeiras, Cadeiras isoladas entre outros, comprovando que havia uma rede de instituições educacionais sergipanas.

Ficou constatado, ao mapear as escolas superiores imperiais, que a matriz comum dos diplomados sergipanos, foram a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito do Recife, sendo que foram formados mais médicos do que bacharéis em Direito. Entre médicos, cirurgião-dentista, farmacêuticos, foram 133 para 92 bacharéis em Direito e um doutor em Direito.

Ao traçar os itinerários desses sergipanos após a formação acadêmica, seja ela de nível superior ou elementar e secundário, como profissionais, ficou evidenciado que Sergipe não foi uma terra de intelectuais emigrados, que esses sergipanos saíram para os grandes centros educacionais da época para cursarem escolas secundárias e principalmente as superiores, mas que a maioria retornou a Sergipe, passando por aqui de forma temporária, mas o suficiente para contribuir com a formação do campo intelectual. Outros ficaram permanentemente, não esquecendo dos que nunca saíram de Sergipe.

No segundo capítulo, foi analisada a formação da *intelligentsia* sergipana, constatando que ela foi construída por intelectuais com e sem formação superior, o que mostra que é na diversidade de seus indivíduos que a sociedade é construída, para depois configurar em

grupos homogêneos no todo, mas heterogêneos na essência, pois quem mantém o campo funcionando são as disputas internas e elas ocorriam e se evidenciavam na imprensa, através dos manifestos (Manifesto ao partido conservador do Império e aos meus amigos e correligionários do 1º districto eleitoral desta Província de Sergipe No “O Conservador”, Aracajú, 24 de Dezembro de 1881); das chamadas “respostas” (Resposta a uma denuncia do Promotor Publico da comarca de Gararú, Antonio Alves Gouveia Lima. Na “Gazeta do Aracajú” de 10 de Setembro de 1881; Resposta a Refutação ao Memorial do Commendador José da Silva Travassos sobre a navegação dos rios Pomonga e Japarutuba em Sergipe. Rio de Janeiro, 1866)¹⁹⁸; das cartas abertas (Cartas aos meus irmãos. 1866. Vem uma dellas transcripta no folheto “Traços biographicos” por Severiano Cardoso e no “Ensaio biographico” por Alberto Deodato; Resposta á carta escripta ao ministro do império, Joaquim Vieira da Silva e Souza, pelos deputados Antonio Fernandes da Silveira e Joaquim Martins Fontes, contra a administração da Província na presidência do doutor Manoel Ribeiro da Silva Lisboa e seguida do relatório de todos os actos do Governo da mesma Província naquela presidência. Bahia, 1835); dos artigos de defesa (Aos nossos collegas e ao publico: serie de artigos em resposta ao Dr. Guedes Cabral, sobre uma questão de medicina legal, assignada também pelo Dr. Pedro Julio Barbuda. Na "Gazeta de Aracajú", de 1º, 15 e 29 de Maio de 1880)¹⁹⁹.

Ficou evidenciada, também, a ação dos professores como construtores da intelectualidade, sob os quais é formada a geração subsequente de intelectuais, não esquecendo a contribuição das professoras, quase que totalmente excluídas do reconhecimento como seres intelectuais.

Foi mostrado que havia agências culturais que legitimaram os intelectuais sergipanos. Agências essas de caráter público, como as instituições escolares (Liceus, Atheneu Sergipense, Escola Normal), a participação política (deputados e senadores), os cargos governamentais de primeiro e segundo escalão (presidente e vice-presidente de Província, diretor da instrução pública, secretário de governo, juiz, promotor público, diretor da biblioteca pública, entre outros) e as agências culturais privadas, como os clubes e grêmios literários, os gabinetes de leitura, as instituições escolares, a imprensa.

Trabalhar com essa amplitude de dados, que apontam tantas questões a serem analisadas, deixa uma sensação de não os ter aproveitado de uma forma mais ampla. Que,

198 GUARANÁ. op. cit.

199 Idem.

com os dados coletados, cada categoria profissional estudada (médicos, engenheiros, farmacêuticos, militares, eclesiásticos, bacharéis em Direito, funcionalismo público administrativo, magistério) daria uma outra dissertação.

A intelectualidade, no período imperial em Sergipe, ao contrário do que muitos pensam, é fecunda em fontes e temas a serem estudados. Basta, para isso, não valorar esse período com os olhos republicanos e sim com os de historiador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

Obras citadas:

ADORNO, Sergio. 1988. *Os aprendizes do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

ALMEIDA, Maria de. 2003. *República dos invisíveis*: Emílio Ribas, microbiologia e saúde pública em São Paulo (1898-1917). Bragança Paulista: EDUSF.

ALONSO, Angela. 2002. *Idéias em movimento*: a crise de 1870 no Brasil-Império. São Paulo. Paz e Terra.

BARATA, Carlos Almeida e BUENO, Antonio Henrique Cunha. 1999. *Dicionário das Famílias Brasileiras*. São Paulo: Projeto Cultural e Coordenação Geral: Ibero América.

BEVILAQUA, Clovis. 1977. *História da Faculdade de Direito do Recife*. 1859-1944. 2. ed. Brasília, INL, Conselho Federal de Cultura.

BITENCOURT, Liberato. 1913. *Brasileiros illustres*: sergipanos illustres. Rio de Janeiro: Typ. Pap. Gomes Pereira.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. 1893. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*.

BOURDIEU, Pierre. 1990. *Coisas ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1914. *Sergipe e seus municípios*.

BURKE, Peter. 2000. *Uma história do conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

CARVALHO, José Murilo de. 1996. *A Construção da Ordem*: a elite política imperial; *Teatro de Sombras*: a política imperial. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará.

CASTRO, Celso. 1995. *Os militares e a República*: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

CERTEAU, de Michel. 1990. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. v.1. Petrópolis: Vozes.

CHERVEL, André e COMPÈRE, Marie-Madaleine. 1999. As humanidades no ensino. *Educação e Pesquisa*, v. 25, n. 2. São Paulo.

COELHO, Edmundo Campos. 1999. *As profissões imperiais*: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro. 1822-1930. Rio de Janeiro: Record.

DÓRIA, Epifânio da Fonseca. 1926. "Chronica do dia". Diário da Manhã.

ECO, Umberto. 2003. "A função dos intelectuais". *Época*. São Paulo. n. 246. fev.

ELIAS, Nobert. 1990. *O processo civilizador*: uma história dos costumes. vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. 1994. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

FONTES, Arivaldo Silveira. 1998. *Sergipanos no magistério carioca* (discurso de posse). Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a .158, n. 397.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. 2003. *Educação, trabalho e ação política: sergipanos no início do século XX*. Campinas, Faculdade de Educação da Unicamp. Tese de Doutorado.

FREITAS, Itamar. 2002. *A escrita da História na “Casa de Sergipe” – 1913/1999*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira.

_____. 2003. “A aposentadoria do professor provincial: Sergipe – 1834/1880”. *Anais do XVI Encontro de Pesquisa educacional do Norte Nordeste*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Núcleo de Pós-Graduação em Educação: Editora UFS.

GINZBURG, 2001. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras.

GONDRA, José Gonçalves. 2000. *Artes de civilizar. Medicina, higiene e educação escolar na corte imperial*. vol. I e II. São Paulo: USP (Tese de Doutorado em Educação).

GUARANÁ, Manuel Armindo Cordeiro. 1925. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*. Edição do Estado de Sergipe.

LE GOFF, Jacques. 1984. “Documento/Monumento”. In: *Memória-História*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v.1.

LEITE, Joaquim do Prado Sampaio. 1928. *Sergipe artistico, litterario e scientifico*. Aracaju: Imprensa Oficial.

MATOS, Ilmar Rohloff de. 1987. *O tempo Saquarema*. São Paulo, Editora Hucitec.

MENEZES, Florentino Telles. 1913. Discurso pronunciado pelo acadêmico Florentino Telles por ocasião da fundação do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. v. 1, n. 1. Aracaju.

MICELI, Sergio. 2001. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.

MILLS, C. Wright. 1975. *A elite do poder*. Rio de Janeiro. Zahar Editores.

MONTALVÃO, Elias. 1916. *Meu Sergipe: ensino da História e Chorographia de Sergipe*. Aracaju: Typographia Commercial..

NASCIMENTO, Filinto E. do. 1883. *Lyra Sergipana*.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. 1999. *A cultura ocultada*. Londrina: Editora UEL.

_____. 2003. “Certidão de nascimento: as duas primeiras atas da congregação do Atheneu”. CINFORM. Aracaju.

NUNES, Maria Thetis. 1984. *História da educação em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe.

_____. 1996. *Sergipe colonial II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

PASSOS Subrinho, Josué Modesto dos. 2000. *Reordenamento do trabalho: trabalho escravo e trabalho livre no nordeste açucareiro. Sergipe 1850-1930*. Aracaju: Funcaju.

PRIORE, Mary Del. (Org.) 1997. História das Mulheres. LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala*. 2. ed. São Paulo. Editora: Contexto.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. 1991. *História geral da medicina brasileira*. v. I e II. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo.

SILVA, Candido da Costa e. 2000. *Os segadores e a messe: o clero oitocentista na Bahia*. Salvador: SCT, EDUFBA.

SILVA, Geraldo Bastos. 1969. *A educação secundária (perspectiva histórica e teoria)*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional. v. 94. Atualidades Pedagógicas.

SILVA, José Calazans Brandão da. 1945/51. O ensino público em Aracaju 1830-1871. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. N. 20. V. XV. Aracaju: Livraria Regina.

_____. Desenvolvimento cultural de Sergipe na primeira metade do século XX. 1961-1965. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. n. 26^A. vol. XXII. Aracaju: Livraria Regina.

SIRINELLI, Jean François. 1996. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. Fundação Getúlio Vargas.

_____. 1997. “Elites culturais”. In: RIOUX, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François. *Por uma história cultural*. Lisboa: Editora Estampa.

SOUZA. Cristiane Vítório de. 2001. *A república das letras em Sergipe.(1889-1930)*. São Cristóvão, Monografia de conclusão do curso de História – Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe.

TELLES, Manuel dos Passos Oliveira. 1903. *Sergipenses*. Escritos diversos. Aracaju: Tipografia do Estado de Sergipe.

THOMPSON, E. P. 1981. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

WARDE, Miriam Jorge. Prefácio. In: GANDINI, Raquel. *Intelectuais, Estado e educação: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944-1952)*.

Fontes Manuscritas:

AGJ/SE - LAR/C. 1º OF. Ação de Tutela - Cx 01- Doc. 29-08-1872.
AGJ/SE - LAR/C. 1º OF. Inventários Cx 11-223. Doc. 26-10-1877
AGJ/SE - LAR/C. 1º OF. Inventários Cx 17-229 Doc. 26-10-1877
AGJ/SE. EST./C. 2º OF. Inventário Cx 54-540. Doc. 21-03-1857
AGJ/SE. Est./C. 2º OF. Ação de Tutela Cx 10-435 Doc. 14-05-1879
AGJ/SE. EST./C. 2º OF. Ação de Tutela Cx 10-435 Doc. 28-07-1884.
AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Inventário Cx 05-217. Doc. 18.03.1888.
AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Inventários Cx 11-223 Doc. 26-10-1877.

AGJ/SE. AJU./C. 2º OF.- Inventário. Cx 20-2327. Doc: 11-06-1873

AGJ/SE. EST./C. 2º OF. Ação de Tutela. Cx 05/428. Doc: 08-05-1858.
AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Ação de Prestação de Contas. Cx 01-207. Doc. 29-08-1872.
AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Ação de Tutela Cx 01-207. Doc. 05-12-1870.
AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Inventário Cx 05-217. Doc. 18.03.1888.
AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Ação de Tutela Cx 01-207. Doc.22-03-1882
AGJ/SE. LAR/C. 1º OF. Inventários. Cx 11-223. Doc. 26-10-1877

ANEXO

ANEXO

Nome do Intelectual	Biógrafo	Nº Pág
Abidias de Oliveira	Armando Guaraná ²⁰⁰	1
Affonso Henrique de Azevedo	Armando Guaraná	4
Affonso Pires Ramos	Armando Guaraná	5
Afrodisio Vidigal	Armando Guaraná	5
Alcibiades da Silva Leite	Armando Guaraná	7
Alcino José Chavantes	Liberato Bittencourt ²⁰¹	10
Alexandre de Oliveira Freire	Armando Guaraná	8
Alexandre Pinto Lobão	Armando Guaraná	8
Alfredo de Siqueira Montes	Armando Guaraná	10
Alfredo Theodoro Guaraná	Armando Guaraná	10
Alipio Cardoso Fontes de Menezes	Armando Guaraná	10
Alvaro de Oliveira Ribeiro	Armando Guaraná	11
Alvaro Telles de Menezes	Armando Guaraná	11
Amyntas José Jorge	Armando Guaraná	12
Ananias de Azevedo	Armando Guaraná	12
Antonia Angelina de Figueiredo Sá	Armando Guaraná	14
Antonio Alves de Gouveia Lima	Armando Guaraná	14
Antonio Alves Pereira da Rocha	Armando Guaraná	14
Antonio Augusto Gentil Fortes	Epifânio Dória ²⁰²	0
Antonio da Costa Andrade	Cândido da Costa e Silva ²⁰³	310
Antonio da Silva Dalto	Armando Guaraná	34
Antonio de S. Camillo de Lellis de Carvalho	Armando Guaraná	33
Antonio Dias Coelho e Mello	Armando Guaraná	17
Antonio Dias de Pinna	Armando Guaraná	18
Antonio Dias dos Santos	Armando Guaraná	19
Antonio Diniz Barretto	Armando Guaraná	19
Antonio do Rego Travassos	Armando Guaraná	32
Antonio dos Santos Jacintho	Armando Guaraná	33
Antonio Eneas Gustavo Galvão	Armando Guaraná	20
Antonio Garcia Rosa	Armando Guaraná	21
Antonio Joaquim Vianna	Armando Guaraná	23
Antonio José da Silva Travassos	Armando Guaraná	24
Antonio José Pereira Guimarães	Armando Guaraná	23
Antonio Leonardo da Silveira Dantas	Armando Guaraná	24

200 GUARANÁ, Manuel Armando Cordeiro. 1925. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*. Edição do Estado de Sergipe.

201 BITENCOURT, Liberato. 1919. *Brasileiros illustres: sergipanos illustres*.

202 DÓRIA, Epifânio. Arquivo Particular de Epifânio Dória.

203 SILVA, Candido da Costa e. 2000. *Os Segadores e a Messe: o clero oitocentista na Bahia*. Salvador: SCT, EDUFBA.

Antonio Manoel Leite	Cândido da Costa e Silva	326
Antonio Militão Bragança	Armando Guaraná	26
Antonio Moniz de Souza	Armando Guaraná	28
Antonio Nobre de Almeida Castro	Armando Guaraná	30
Antonio Nogueira da Silva	Armando Guaraná	30
Antonio Pancrácio de Lima Vasconcellos	Armando Guaraná	31
Antonio Pedro da Silva Marques	Armando Guaraná	31
Antonio Prego de Castro	Liberato Bittencourt	15
Antonio Ribeiro Pacheco d'Avila	Armando Guaraná	32
Antonio Rodriques de Sousa Brandão	Armando Guaraná	32
Antonio Sebastião Bazilio Pyrrho	Armando Guaraná	34
Antonio Serafim de Almeida Vieira	Armando Guaraná	34
Antonio Teixeira Fontes	Armando Guaraná	34-35
Aprigio Antero da Costa Andrade	Armando Guaraná	35
Apulchro Motta outrora Apulchro da Motta Rabello	Armando Guaraná	35
Aristides Arminio Guaraná	Armando Guaraná	36
Aristides Napoleão de Carvalho	Epifânio Dória	0
Armando de Araujo Cintra Vidal	Armando Guaraná	37
Arthur Simeão da Motta	Armando Guaraná	39
Ascendino Angelo dos Reis	Armando Guaraná	40
Augusto Cezar da Silva	Armando Guaraná	42
Augusto Freire de Mattos Barretto	Armando Guaraná	42
Aurelio Garcindo Fernandes de Sá	Armando Guaraná	43
Balthazar de Araujo Goes	Armando Guaraná	45
Balthazar Vieira de Mello	Armando Guaraná	46
Belmiro Paes de Azevedo	Armando Guaraná	47
Benilde Romero	Liberato Bittencourt	23
Benjamim Fernandes da Fonseca	Armando Guaraná	47-48
Bento de Melo Pereira	Armando Guaraná	48
Benvindo Pinto Lobão	Armando Guaraná	47
Bernardino Antonio do Amaral	Liberato Bittencourt	23
Bernardino de Senna Travassos do Amaral	Cândido da Costa e Silva	333
Bernardo Machado da Costa Doria	Armando Guaraná	49
Braz Bernadino Loureiro Tavares	Armando Guaraná	49
Bricio Mauricio de Azevedo Cardoso	Armando Guaraná	50
Caetano Dias da Silva	Cândido da Costa e Silva	337
Candido da Costa Pinto	Armando Guaraná	52
Candido de Oliveira Ribeiro	Armando Guaraná	52
Cantidiano Campos	Epifânio Dória	0
Carivaldo José Chavantes	Armando Guaraná	52
Carlos Pires Ramos	Armando Guaraná	53
Carpophoro Mendonça Lima	Armando Guaraná	53

Cezario Ferreira de Britto Travassos	Armino Guaraná	53
Chrispiniano Garcia Rosa	Armino Guaraná	53
Conrado Alvaro de Cordova Lima	Armino Guaraná	55
Constancio Cecilio Soledade	Armino Guaraná	56
Constantino Gomes de Souza	Armino Guaraná	56
Cypriano Correa Duarte	Armino Guaraná	57
Cyro Franklin de Azevedo	Armino Guaraná	58
Daniel Campos	Armino Guaraná	59
Davino Nomysio de Aquino	Armino Guaraná	59
Democrito de Bittencourt Calasans	Armino Guaraná	60
Deniterio Hercules da Silveira	Armino Guaraná	60
Deoclides Martins Ferreira	Armino Guaraná	60
Dionysio Eleutherio de Menezes	Armino Guaraná	62
Dionysio Rodrigues Dantas	Armino Guaraná	62
Domingos de Mello Rezende	Cândido da Costa e Silva	342
Domingos de Oliveira Ribeiro	Armino Guaraná	63
Domingos José Alves	Armino Guaraná	63
Domingos Portella Lima	Armino Guaraná	63
Domingos Quirino de Souza	Armino Guaraná	64
Edmundo Veiga	Armino Guaraná	66
Eduardo Fernandes de Magalhães	Armino Guaraná	66
Elizario Prudencio da Lapa Pinto	Armino Guaraná	69
Elizario Vieira Muniz Telles	Epifânio Dória	0
Elpidio de Lima	Liberato Bittencourt	40
Elzeario Pinto	Liberato Bittencourt	40
Enéas Manuel Ferreira	Armino Guaraná	70
Ernesto Pinto Lobão Cedro	Armino Guaraná	73
Ernesto Pio dos Mares Guia	Armino Guaraná	73
Ernesto Rodrigues Vieira	Armino Guaraná	73
Espéridião Ferreira Monteiro	Armino Guaraná	74
Estacio Muniz Barreto	Cândido da Costa e Silva	349
Etelvina Amalia de Siqueira	Armino Guaraná	75
Etelvino José de Barros	Armino Guaraná	75
Eugenio Brandão	Liberato Bittencourt	42
Eugenio Guimarães Rebello	Armino Guaraná	75
Eugenio José Lima	Armino Guaraná	77
Eugenio Telles da Silveira Fontes	Armino Guaraná	77
Eusebio Bejamim de Araujo	Armino Guaraná	78
Eustachio Pinto da Costa	Armino Guaraná	78
Eutychio de Novaes Lins	Armino Guaraná	78
Evangelino José de Faro	Armino Guaraná	79
Fabricio Carneiro Tupinambá Vampré	Armino Guaraná	80

Fabricio da Santissima Trindade	Armando Guaraná	80
Fausto de Aguiar Cardoso	Armando Guaraná	80
Felino Martins Fontes de Carvalho	Armando Guaraná	82-83
Felisbello Firmo de Oliveira Freire	Armando Guaraná	83
Felismino Moniz Barretto	Armando Guaraná	86
Felix Barreto de Vasconcelos	Armando Guaraná	86
Felix Diniz Barretto	Armando Guaraná	86
Fernando Rangel de Mello	Armando Guaraná	86
Fiel José de Carvalho e Oliveira	Armando Guaraná	87
Filinto Elysio do Nascimento	Armando Guaraná	87
Firmino Rodrigues Vieira	Armando Guaraná	88
Florentino Telles de Menezes	Armando Guaraná	89
Francina Telles de Menezes	Epifânio Dória	0
Francisco Alves da Silveira Brito	Epifânio Dória	0
Francisco Antonio de Carvalho Lima Junior	Armando Guaraná	90
Francisco Avelino da Cruz	Armando Guaraná	94
Francisco Barbosa Cardoso	Armando Guaraná	95
Francisco Camerino	Armando Guaraná	96
Francisco de Paula Freire	Armando Guaraná	100
Francisco Dias Cesar	Armando Guaraná	98
Francisco Fernandes de Sousa	Armando Guaraná	98
Francisco Flarys	Liberato Bittencourt	42
Francisco Freire de Mello	Cândido da Costa e Silva	354
Francisco Hora de Magalhães	Armando Guaraná	98
Francisco José Alves	Armando Guaraná	98
Francisco José Martins Penna Junior	Armando Guaraná	99
Francisco Leite de Bittencourt Sampaio	Armando Guaraná	99
Francisco Martinho de Freitas Garcez	Epifânio Dória	0
Francisco Monteiro de Carvalho Filho	Armando Guaraná	100
Francisco Seroa da Motta	Liberato Bittencourt	57
Francisco Teixeira de Faria	Armando Guaraná	100
Francisco Vieira de Mello	Cândido da Costa e Silva	359
Frederico Ramalho de Oliveira	Epifânio Dória	0
Galdino de Carvalho e Andrade	Armando Guaraná	102
Galdino Telles de Menezes	Armando Guaraná	102
Gamaliel da Cunha Britto	Armando Guaraná	102
Geminiano Brazil de Oliveira Góes	Armando Guaraná	103
Geminiano Paes de Azevedo	Armando Guaraná	103
Gonçalo de Aguiar Botto de Menezes	Armando Guaraná	106
Gonçalo de Faro Rollemberg	Armando Guaraná	107
Gonçalo Paes de Azevedo Faro	Armando Guaraná	107
Gonçalo Rabello Leite	Armando Guaraná	108

Gonçalo Vieira de Carvalho e Mello	Armino Guaraná	108
Gonçalo Vieira de Mello-	Cândido da Costa e Silva	365
Gonçalo Vieira de Melo.	Epifânio Dória	
Graciliano Aristides do Prado Pimentel	Armino Guaraná	108
Gratulino Vieira de Mello Coelho	Armino Guaraná	109
Guilherme de Sousa Campos	Armino Guaraná	111
Guilherme Pereira Rebello	Armino Guaraná	110
Guilherme Vieira da Cunha	Epifânio Dória	0
Guilhermino Amancio Bezerra	Armino Guaraná	112
Gumersindo de Araujo Bessa	Armino Guaraná	113
Helvecio Ferreira de Andrade	Armino Guaraná	115
Herculano de Araujo	Armino Guaraná	117
Horacio Hora	Armino Guaraná	120
Horminio Rodrigues de Loureiro Fraga	Armino Guaraná	121
Isaias Antonio Caldas	Armino Guaraná	122
Israel Pereira Leite	Armino Guaraná	122
Ivo do Prado Montes Pires da França	Armino Guaraná	122
Izaías de Oliveira	Armino Guaraná	124
Jesuino José Gomes	Epifânio Dória	0
Jesuino Pacheco d'Avila	Armino Guaraná	127
Jesuino Telles Nogueira Cravo	Cândido da Costa e Silva	373
João Alves de Gouveia Lima	Armino Guaraná	127
João Antonio da Silva Marques	Armino Guaraná	130
João Antonio Ferreira da Silva	Armino Guaraná	127
João Baptista da Costa Carvalho	Armino Guaraná	132
João Baptista de Carvalho Daltro	Armino Guaraná	131
João Candido Lima	Armino Guaraná	133
João da Silva Mello	Armino Guaraná	147
João das Chagas Rosa	Armino Guaraná	133
João das Mercês Ramos	Armino Guaraná	142
João d'Avila Franca	Armino Guaraná	131
João de Araujo Lima	Armino Guaraná	130
João Diniz Villas-Boas	Armino Guaraná	134
João Fernandes de Lima Côrtes	Armino Guaraná	135
João Ferreira de Brito Travassos	Armino Guaraná	135
João Francisco de Almeida	Armino Guaraná	136
João Francisco de Carvalho	Cândido da Costa e Silva	387
João Franscico dos Reis	Armino Guaraná	136
João Gomes Barretto	Armino Guaraná	136
João Gomes de Mello	Armino Guaraná	137
João Gomes Ribeiro	Armino Guaraná	137
João José Bittencourt Calasans	Armino Guaraná	138

João José do Monte	Armando Guaraná	138
João Justiniano da Silva Salles	Armando Guaraná	139
João Machado de Aguiar Mello	Armando Guaraná	140
João Maria Loureiro Tavares	Armando Guaraná	140
João Martins d' Avila	Liberato Bittencourt	76
João Menezes	Armando Guaraná	142
João Moreira de Magalhães	Armando Guaraná	143
João Napomuceno Telles de Menezes	Armando Guaraná	143
João Navarro Tupinambá Vampré	Armando Guaraná	143
João Paulo Vieira da Silva	Armando Guaraná	144
João Phelippe Pinheiro	Armando Guaraná	144
João Ribeiro ou João Baptista Ribeiro de Andrade Fernandes	Armando Guaraná	145
João Sabino Vieira	Armando Guaraná	147
João Telles de Meneses	Armando Guaraná	148
Joaquim Candido da Silveira Carvalho	Armando Guaraná	148-149
Joaquim do Prado Sampaio Leite	Armando Guaraná	154
Joaquim Esteves da Silveira	Armando Guaraná	149
Joaquim Honório dos Santos	Armando Guaraná	149
Joaquim José de Oliveira	Armando Guaraná	150
Joaquim Machado de Faro Rollemberg	Armando Guaraná	150-151
Joaquim Manoel de Almeida Vieira	Armando Guaraná	151
Joaquim Marcelino de Brito	Armando Guaraná	151
Joaquim Marcellino Brito	Armando Guaraná	151
Joaquim Martins Fontes	Armando Guaraná	152
Joaquim Rodrigues dos Cotias	Armando Guaraná	156
José Accioli de Brito	Armando Guaraná	157
José Alberto de Santa Anna	Cândido da Costa e Silva	420
José Alves Pitangueira	Armando Guaraná	157
José Annuniação Pereira Leite	Armando Guaraná	157
José Antonio Ribeiro de Araujo	Armando Guaraná	159
José Benjamim da Rocha	Armando Guaraná	161
José Candido Rodrigues	Liberato Bittencourt	88
José Constituino Telles	Armando Guaraná	162
José Correia de Mello Bittencourt	Armando Guaraná	162
José Curpertino de Oliveira Sampaio	Armando Guaraná	163-164
José da Cunha Pires	Liberato Bittencourt	90
José Dantas de Sousa Leite	Armando Guaraná	164
José de Aguiar Boto Barros	Armando Guaraná	157
José de Barros Accioli Menezes	Armando Guaraná	160
José de Barros Accioly de Meneses	Armando Guaraná	160
José de Barros Pimentel	Armando Guaraná	160
José de Calasans	Armando Guaraná	161

José de Faro Rollemberg	Armando Guaraná	165
José de Santa Cecilia	Liberato Bittencourt	92
José de Siqueira de Meneses	Armando Guaraná	185
José Diniz Barreto	Armando Guaraná	164
José Diniz Villabôas	Armando Guaraná	164
José do Prado Sampaio Leite	Liberato Bittencourt	94
José Fernandes de Magalhães	Armando Guaraná	165
José Fiel de Jesus Leite	Armando Guaraná	166
José Francisco de Carvalho Nobre	Armando Guaraná	166
José Francisco de Menezes Sobral	Armando Guaraná	166
José Francisco de Silva Mello	Armando Guaraná	167
José Gonçalves Barroso	Armando Guaraná	167
José Hemenegildo Pereira Guimarães	Armando Guaraná	168
José Honorino de Oliveira	Armando Guaraná	169
José Ignacio de Barros Pimentel	Armando Guaraná	169
José Joaquim de Britto Junior	Cândido da Costa e Silva	428
José Joaquim Pereira Lobo	Armando Guaraná	169
José Jorge de Siqueira Filho	Armando Guaraná	170
José Leandro Martins Soares	Armando Guaraná	171
José Leite de Mello Pereira	Armando Guaraná	172
José Lourenço de Magalhães	Armando Guaraná	172
José Luiz Coelho e Campos	Armando Guaraná	174
José Luiz d' Azevedo	Cândido da Costa e Silva	435
José Manuel de Azevedo Marques	Epifânio Dória	0
José Maria Gomes de Souza	Armando Guaraná	175
José Maria Moreira Guimarães	Liberato Bittencourt	102
José Martins Fontes	Armando Guaraná	178
José Matheus de Aguiar Cardoso	Armando Guaraná	178
José Matheus Leite Sampaio	Armando Guaraná	179
José Moreira de Magalhães	Armando Guaraná	179
José Nunes Sobral	Armando Guaraná	179
José Paes de Azevedo Mello	Armando Guaraná	179
José Rodrigues da Costa Doria	Armando Guaraná	182
José Rodrigues da Silva	Armando Guaraná	184
José Sizenando Avelino Pinho	Armando Guaraná	186
José Sotero (Soutério) de Menezes Júnior	Cândido da Costa e Silva	440
Jose Telles de Menezes	Armando Guaraná	186
José Trindade Prado	Armando Guaraná	187-188
José Vieira da Costa Valente	Armando Guaraná	188
José Zacharias de Carvalho	Armando Guaraná	188-189
José Zacharias de Souza	Armando Guaraná	189
Josino Corrêa Cotias	Armando Guaraná	189

Josino Menezes	Armando Guaraná	189
Joviniano Ramos Romero	Armando Guaraná	190
Jucundino de Souza Andrade	Epifânio Dória	0
Justiniano de Mello e Silva	Liberato Bittencourt	106
Juvenal de Mattos Freire	Liberato Bittencourt	108
Juvenal de Oliveira Andrade	Armando Guaraná	191
Juvencio de Siqueira Montes	Armando Guaraná	192
Ladislão Antonio Pereira Barretto	Armando Guaraná	194
Leandro Muniz da Motta	Armando Guaraná	195
Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel	Armando Guaraná	195
Leandro Ribeiro de Siqueira Sobral	Armando Guaraná	196
Leonidio Augusto de Sousa Porto	Armando Guaraná	197
Leopoldo Antonio da França Amaral	Armando Guaraná	198
Liberio de Souza Monteiro	Epifânio Dória	0
Lourenço Freire de Mesquita	Epifânio Dória	0
Luiz Barbosa Madureira Freire	Armando Guaraná	199
Luiz Barbosa Madureira Rollemberg	Armando Guaraná	199
Luiz Francisco Freire	Armando Guaraná	199
Luiz Zacharias de Lima	Armando Guaraná	201
Manoel Armando Cordeiro Guaraná	Armando Guaraná	0
Manoel Barbosa Alvares Ferreira	Epifânio Dória	0
Manoel Barbosa de Araujo	Armando Guaraná	203
Manoel da Silva Roza	Liberato Bittencourt	123
Manoel de Freitas Cezar Garcez	Epifânio Dória	0
Manoel Fernandes da Silveira	Liberato Bittencourt	128
Manoel Presciliano de Oliviera Valadão	Liberato Bittencourt	132
Manoel Ribiero da Silva Lisboa	Liberato Bittencourt	133
Manoel Rollembeg Leite Sampaio	Epifânio Dória	0
Manoel Virgilio da Silva	Armando Guaraná	222
Manuel Alves Machado	Armando Guaraná	202
Manuel Antonio da Silva Lessa	Armando Guaraná	202
Manuel Antunes de Salles	Armando Guaraná	202
Manuel Baptista Itajahy	Armando Guaraná	203
Manuel Baptista Valladão	Armando Guaraná	203
Manuel Cardoso da Costa Lobo	Armando Guaraná	204
Manuel Carlos de Azevedo Ribeiro	Armando Guaraná	205
Manuel da Silva Rosa Junior	Armando Guaraná	221
Manuel Dantas, outrora Manuel Prudente Dantas	Armando Guaraná	207
Manuel de Souza Campos	Armando Guaraná	221
Manuel Dias de Pinna	Armando Guaraná	207
Manuel do Nascimento da Fonseca Galvão	Armando Guaraná	215
Manuel dos Passos de Oliveira Telles	Armando Guaraná	216

Manuel Francisco Alves de Oliveira	Armando Guaraná	208
Manuel Joaquim de Oliveira Campos	Armando Guaraná	209
Manuel José de Menezes Prado	Armando Guaraná	211
Manuel Ladislão Aranha Dantas	Armando Guaraná	211
Manuel Luiz Azevedo de Araujo	Armando Guaraná	212
Manuel Martins dos Santos Penna	Armando Guaraná	215
Manuel Pereira Guimarães	Armando Guaraná	218
Manuel Pompilio dos Santos	Armando Guaraná	218
Manuel Ribeiro Pontes	Epifânio Dória	0
Manuel Simões de Mello	Armando Guaraná	221
Manuel Ventura de Barros Leite Sampaio	Armando Guaraná	222
Manuel Vicente de Santa Cruz Bahiense	Armando Guaraná	222
Marcelino José Jorge	Epifânio Dória	0
Marcelino Pacheco do Amaral	Armando Guaraná	223
Martinho Cezar da Silveira Garcez	Armando Guaraná	224-225
Martinho de Freitas Garcez	Armando Guaraná	226
Martinho de Freitas Vieira de Mello	Armando Guaraná	226
Maximino de Araujo Maciel	Armando Guaraná	229
Melchisedech Mathusalem Cardoso	Armando Guaraná	230
Miguel Floriano de Menezes Doria	Epifânio Dória	0
Militino Pinto de Carvalho	Armando Guaraná	230
Nilo Rómero outrora Nylo da Silveira Ramos	Armando Guaraná	233
Norbeto Augusto Villas Boas	Liberato Bittencourt	140
Olympio de Souza Campos	Armando Guaraná	237
Olympio Freire d'Avila	Armando Guaraná	235
Olympio José Chavantes	Armando Guaraná	236
Olyntho Rodrigues Dantas	Armando Guaraná	237-238
Orestes de Sousa Andrade	Armando Guaraná	238
Oscar de Noronha	Armando Guaraná	238-239
Ovidio Alves Manaya	Armando Guaraná	239
Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro	Armando Guaraná	241
Pedro da Silva Correia	Epifânio Dória	0
Pedro de Calasans	Armando Guaraná	242
Pedro Muniz Barretto	Armando Guaraná	243-244
Pedro Ribeiro Moreira	Armando Guaraná	244
Pedro Rodrigues da Costa Doria	Armando Guaraná	245
Pelino Francisco de Carvalho Nobre	Armando Guaraná	245
Possidonia Maria de Santa Cruz Bragança	Liberato Bittencourt	148
Quintino Marques	Epifânio Dória	0
Raphael Archanjo Montavão	Armando Guaraná	247
Rodolpho Ramos Fontes	Armando Guaraná	248
Rufino Enéas Gustavo Galvão	Armando Guaraná	249

Sabino Olegario Ludgero Pinho	Armindo Guaraná	252
Salustiano Orlando de Araujo Costa	Armindo Guaraná	253
Samuel Augusto de Oliveira	Armindo Guaraná	254
Sebastião da Silveira Andrade	Armindo Guaraná	258
Sebastião Gaspar de Almeida Boto	Armindo Guaraná	255
Serafim Vieira de Almeida	Armindo Guaraná	258
Severiano Cardoso	Armindo Guaraná	259
Silverio Martins Fontes	Armindo Guaraná	260
Silvio Romero	Armindo Guaraná	263
Simeão de Faro Rolemberg	Epifânio Dória	0
Sisino Ribeiro Pontes	Armindo Guaraná	262
Symphronio Cardoso	Armindo Guaraná	267
Terencio Manoel de Carvalho	Armindo Guaraná	268
Theodoreto Archanjo do Nascimento	Armindo Guaraná	268
Theotônio Felix da Costa	Armindo Guaraná	269
Theotônio Ribeiro da Silva	Armindo Guaraná	269
Thomaz de Carvalho Borges	Armindo Guaraná	270
Tiburtino Mondim Pestana	Armindo Guaraná	270
Tito Antonio da França Amaral	Armindo Guaraná	271
Tito Augusto Souto de Andrade	Epifânio Dória	0
Tobias Barretto de Menezes	Armindo Guaraná	271
Tobias Moreira de Magalhães	Armindo Guaraná	274
Tobias Rabello Leite	Liberato Bittencourt	169
Torquato Antonio Leite	Cândido da Costa e Silva	490
Ulysses de Azevedo Faro	Armindo Guaraná	275
Urbano da Silva Monte	Armindo Guaraná	276
Venceslao Freire de Carvalho	Liberato Bittencourt	170
Vicente Ferreira dos Passos	Armindo Guaraná	277
Vicente Luiz de Oliveira Ribeiro	Armindo Guaraná	278
Virgilio do Valle Vianna	Armindo Guaraná	278

